

Associativismo em Marvila

“criação de novos espaços públicos”

Universidade Autónoma de Lisboa

“Luís de Camões”

Departamento de Arquitetura

Mestrado Integrado em Arquitetura

Associativismo em Marvila

“criação de novos espaços públicos”

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Autora: Mariana de Carvalho Barreira Moniz

Orientadoras:

Professora Arquiteta Inês Varela Maria Lobo

Professora Doutora Filipa Ramalhete

Setembro 2021

Lisboa



Agradecimentos

5

Ao fim de tanto tempo a desenvolver este trabalho, é difícil arranjar palavras para exprimir o meu agradecimento a toda a gente que me acompanhou e ajudou, por isso deixo algumas palavras àqueles que tiveram maior impacto na concretização dos meus objetivos.

Agradeço à Professora Arquiteta Inês Lobo e Arquiteta Júlia Varela, orientadoras deste projeto, pelo apoio e interesse que me permitiu concretizar esta dissertação de Mestrado. Agradeço também a disponibilidade que sempre mostraram para esclarecimento de dúvidas, acompanhamento e desenvolvimento do projeto, sempre com imensa paciência e entusiasmo.

Agradeço também à Professora Doutora Filipa Ramalheite pelo incansável apoio, orientação e positivo contributo durante o desenvolvimento de todo o ensaio, e também por toda a disponibilidade e interesse demonstrado ao longo do processo.

À minha família e amigos pelo acompanhamento, apoio e motivação.

Um especial agradecimento ao Professor Arquiteto Telmo Cruz, Professor Arquiteto João Gomes da Silva e Professor Arquiteto João Santa Rita.

O equilíbrio entre instituições públicas e privadas é um fator crítico para o desenvolvimento de uma cidade e da sua comunidade, principalmente porque isso permite que a população crie relações entre si e a própria cidade. O tema do associativismo tem vindo a desenvolver-se ao longo dos anos, provando ter uma enorme importância na vida social e económica da população no geral. Devido à sua criação, quase que proibida durante a Monarquia, ao seu total reconhecimento após a revolução de 25 de Abril de 1974, passando pelo período do Estado Novo, estas instituições mantiveram o seu propósito e a força para se tornarem naquilo que são hoje em dia. Hoje em dia, as associações são fundamentais para o desenvolvimento social, cultural, desportivo e económico das populações onde se encontram inseridas.

Através do estudo do tecido urbano da área de Marvila, fica claro que a frente ribeirinha se desenvolve ao longo dos anos, deixando para trás muitos espaços abandonados e desocupados, que são muito importantes para o bem-estar da comunidade, devendo ser preservados e revitalizados.

O presente trabalho tem como propósito o estudo da origem do associativismo assim como a sua importância no desenvolvimento da população.

Através deste estudo, este trabalho visa responder às necessidades da zona de Marvila relativamente à falta de determinados tipos de associações e espaços físicos onde estas possam operar, após a análise de alguns desses espaços desocupados, a fim de criar um equilíbrio e um relacionamento com a sua envolvente e a comunidade. Além de criar novas áreas de socialização e também oferecer oportunidades para aqueles que precisam de uma fonte de rendimentos, primária ou secundária, a estratégia consiste em criar: um conjunto de hortas urbanas, para uso público e privado, mas também como ferramenta de ensino para os alunos que frequentam a escola vizinha; espaços de exposições, workshops, estúdios, escritórios; zonas de trocas de bens como mercado do levante, polos desportivos e um centro comunitário onde todas as gerações se poderão encontrar.

Palavras-chave | associativismo, memória, comunidade, socialização, associações, espaço público

The balance between public and private institutions is a critical factor for the development of a city and its community, mainly since it allows the population to create relations between themselves and with the city itself. The theme of associativism has developed over the years, proving to be of enormous importance in the social and economic life of the population in general. Due to their creation, almost forbidden during the Monarchy, to their full recognition after the revolution of April 25th 1974, passing through the “Estado Novo” period, these institutions maintained their purpose and the strength to become what they are today.

Nowadays, associations are fundamental for the social, cultural, sporting and economic development of the populations where they are located. Through the study of the urban fabric of the area of Marvila, it is clear that the river-front develops along the years, leaving behind many abandoned and unoccupied spaces, which are very important for the well-being of the community, therefore these same spaces must be preserved and revitalized. The purpose of this dissertation is to study the origin of associativism, as well as, its importance in the development of the population.

Through this study, the work aims to answer the needs of the area of Marvila regarding the lack of certain types of associations and physical spaces where they can operate, after analysing some of these unoccupied spaces, in order to create a balance and a relationship with the community. In addition to creating new areas of socialization and also offering opportunities for those who need a source of income, primary and/or secondary, the strategy consists of creating a set of urban gardens, for public and private use, but also as a teaching tool for the students attending neighbouring school; exhibition spaces, workshops, studios, offices; areas for exchanging goods such as a market, sports centers and a community center where all generations can gather.

Keywords | associativism, memory, community, socialization, associations, public space

Índice

Resumo	7
Abstract	9
Índice	11
Índice de figuras	12
Introdução	17
01 Memória do Associativismo	21
I As associações na sociedade	29
II Origem	27
III Relação do espaço com o tecido urbano	35
02 Memória de Marvila	43
I Território	49
II População	61
III Passeio pelo antigo	69
03 Memória do Espaço	79
I Espaço público associativo	81
II Modelo programático	91
III SESC Pompeia	93
IV Centro Social de Marvila	108
V Proposta de Tipologia	111
Conclusão	155
Bibliografia	159
Anexos	163

Figura 1 - “Azinhaga de Marvila. 1938” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	16
Figura 2 - “Poço do Bispo. 1950”	18
Figura 3 - “Palácio Pombal, onde estava instalada a Casa Sindical, sede das associações operárias promotoras da greve, 1912”	22
Figura 4 - “A manifestação anticlerical promovida pela Associação do Registo Civil de apoio ao ministro da Justiça, António Maceira, 14-01-1912”	23
Figura 5 - “O presidente do Conselho, Bernardino Machado, com Eduardo Burnay e operárias, na Companhia Portuguesa de Tabacos, por ocasião do congresso das Associações Comerciais e Industriais, 1914”	24
Figura 6 - “O presidente do Conselho, Bernardino Machado, com Eduardo Burnay e operárias, na Companhia Portuguesa de Tabacos, por ocasião do congresso das Associações Comerciais e Industriais, 1914”	25
Figura 7 - “Un dimanche après-midi à l’île de la Grande Jatte” Georges Seurat 1884-86	26
Figura 8 - Revista nº1 “Industria Portuguesa” da Associação Industrial Portuguesa, 1929	28
Figura 9 - Grémio da Lavoura de Coimbra, 2016	29
Figura 10- Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere, 2014	29

Figura 11 - Casa dos Pescadores da Costa da Caparica, 1946 [autor: Mário Novais;	29	Figura 25 - “Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, armazém de vinhos, 08-1966”	48
Figura 12 - Pirâmide corporativa ideal dos decisores do Estado Novo, 1946	30	Figura 26 - Localização das freguesias de Lisboa (Escala 1:20 000)	50
Figura 13 - Revolução 25 de abril 1974	31	Figura 27 - Estudo de espaços vazios e espaços construídos na freguesia de Marvila (Escala 1:15 000)	55
Figura 14 - Comissão Protectora dos Prisioneiros de Guerra Portugueses (1918-1919)	32	Figura 28 - Representação da linha férrea (Escala 1:30 000)	57
Figura 15 - “Edifício do Ateneu Comercial de Lisboa, 1960”	34	Figura 29 - Representação dos acessos viários (Escala 1:30 000)	57
Figura 16 - “Palácio dos Marqueses de Vagos - Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa, 1944”	36	Figura 30 - Estudo de espaços construídos (Escala 1:30 000)	59
Figura 17 - “Associação do Registo Civil, 1911”	36	Figura 31 - Estudo de espaços vazios e relação com o rio (Escala 1:30 000)	59
Figura 18 - “Associação Industrial Potuguesa, 19--”	36	Figura 32 - “Escadinhas do pátio do Prior, 1946	62
Figura 19 - Entrada da Associação CRESCER, 2021	38	Figura 33 - “Jogo de Futebol na cerca da Escola Académica 19...”	66
Figura 20 - “Descarga de sal feita por mulheres, 1960”	44	Figura 34 - “Marcha popular de Marvila 1952”	67
Figura 21 - “Colocação de blocos para a construção da nova muralha exterior da Doca do Poço do Bispo, 26-08-1938”	45	Figura 35 - Associações localizadas em antigos palácios (Escala: 1:15 000)	69
Figura 22 - “Inundações da Praça David Leandro, 1945”	46	Figura 36 - “Palácio dos Marqueses de Abrantes, 196...”	70
Figura 23 - “Azinhaga em Marvila, 1938”	47	Figura 37 - “Palácio dos Marqueses de Abrantes - actual sede da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885”	71
Figura 24 - “Fotografia aérea sobre a fábrica Militar de Braço de Prata, 15-04-1950”	48		

Figura 38- “Palacete de D. José de Bragança”	72	Figura 57 - Pontes de ligação entre os edifícios do SESC Pompeia	96
Figura 39- “Actual sede do Ateneu da Madre de Deus”	73	Figura 58- Materialidade exterior do SESC Pompeia	96
Figura 40- “Palácio da Mitra, 1943”	74	Figura 59- Axonometria 3D do projeto SESC Pompeia	97
Figura 41- “Actual sede Associação Nacional de Freguesias - ANAFRE”	75	Figura 60- Planta de cobertura	98
Figura 42- “Quinta do Pombeiro ou de N. Sra. da Conceição”		Figura 61- Planta do piso térreo	99
[autor: Gastão de Brito e Silva;	76	Figura 62- Fachada Este	100
Figura 43 - “Actual sede do Centro Acolhimento Crianças Refugiadas (CACR)”	77	Figura 63- Corte C	101
Figura 47- “Desfile da marcha de Marvila 1968-06-12	80	Figura 64- Implementação urbana da proposta (Escala: 1:7000)	105
Figura 48- “Desfile da Marcha de Marvila 1968”	80	Figura 65 - Corte de implantação B com localização de estruturas existentes e propostas (Escala: 1:7000)	107
Figura 49- Número de associações por freguesia (Escala: 1:30 000)	82	Figura 66 - Corte de implantação A com localização de estruturas existentes e propostas (Escala: 1:7000)	107
Figura 50 - “Fábrica da Pólvora de Chelas, entrada para o campo de futebol 1961”	85	Figura 67- Planta de implantação da proposta (Escala: 1:2000)	109
Figura 51- Localização de Associações na freguesia de Marvila (Escala: 1:15 000)	87	Figura 68- Planta do piso de entrada (Escala: 1:1000)	113
Figura 52 - Espaço público exterior e zona interior para realiação de atividades	88	Figura 69- Planta do piso principal (Escala: 1:1000)	115
Figura 53- Praça como local de convívio exterior	88	Figura 70- Planta do piso secundário (Escala: 1:1000)	117
Figura 54- Projecto de parque urbano na Turquia	89	Figura 71- Planta do piso de cobertura (Escala: 1:1000)	119
Figura 55- Espaço interior do SESC Pompeia	94	Figura 72- Corte A (Escala: 1:400)	121
Figura 56- Realização de atividades SESC Pompeia	94	Figura 73- Corte B (Escala: 1:400)	123
		Figura 74- Corte C (Escala: 1:400)	125
		Figura 75- Alçado Norte (Escala: 1:400)	127

Figura 76 - Alçado Sul (Escala: 1:400)	127	Figura 92 - Corte de materialidade (Escala: 1:40)	145
Figura 77 - Corte A com representação do tipo de árvores (Escala: 1:400)	129	Figura 93- Proposta A de associação de módulos - Planta e 3D (Escala: 1:200)	147
Figura 78 - Corte B com representação do tipo de árvores (Escala: 1:400)	131	Figura 94- Proposta B de associação de módulos - Planta e 3D (Escala: 1:200)	149
Figura 79 - Proposta de utilização do espaço central - centro de exposição	133	Figura 95- Render- Vista sobre o jardim central	150
Figura 80 - Proposta de utilização do espaço central - centro desportivo	133	Figura 96- Render- Vista da circulação principal entre módulos de salas de trabalho	151
Figura 81 - Proposta de utilização do espaço central- área de mercado	133	Figura 97- Render- Vista da entrada principal	152
Figura 82 - Axonometria de representação da estrutura	134	Figura 98- Render- Área de exposição coberta	153
Figura 83- Axonometria do piso secundário (cota 55)	135	Figura 99 - “Hortus Conclusus depicted by Meister des Frankfurter Paradiesgärtleins, 1410/1420”	154
Figura 84- Axonometria do piso principal (cota 52)	135		
Figura 85- Axonometria do piso de entrada (cota 48)	135		
Figura 86- Módulo 1 - Plantas, corte e 3D (Escala: 1:200)	137		
Figura 87- Módulo 2 - Plantas, corte e 3D (Escala: 1:200)	139		
Figura 88- Módulo 2 - Plantas, corte e 3D (Escala: 1:200)	141		
Figura 89- Detalhes (Escala: 1:10)	142		
Figura 90- Corte construtivo (Escala: 1:40)	143		
Figura 91- Detalhes (Escala: 1:10)	144		



Figura 1 - "Azinhaga de Marvila. 1938" [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/ALB/007/000313]

Lisboa, como muitas outras cidades, é uma capital que se construiu sobre um conjunto de acontecimentos históricos que remontam a séculos. É uma cidade que abraça diferentes períodos da história de Portugal e por isso alberga uma diversidade de edifícios que são memória e símbolo de gerações passadas. Na maioria das situações, as estruturas construídas são preservadas e reabilitadas, mas o contrário também acontece, quando algumas são abandonadas. O enfraquecimento ou consequência das mudanças sociais, económicas e financeiras dos seus proprietários permite que surjam “buracos” no tecido urbano que prejudicam o seu funcionamento e a imagem da cidade.

Marvila é uma das 24 freguesias de Lisboa, onde a evolução histórica é compreendida por diferentes tipos de edificado. Tem estado sujeita a vários planos de intervenção, devido aos seus problemas e adversidades urbanas e, hoje, existem nesta freguesia muitos edifícios obsoletos e áreas abandonadas. A presença de vazios, o impacto das unidades industriais abandonadas e o peso dos edifícios devolutos, requerem uma intervenção urbana urgente que tanto pode ser uma demolição quase total, como foi o com a criação da Expo ‘98, ou simplesmente a reabilitação do que já existe.

Pela sua localização ribeirinha e proximidade de um porto movimentado, Marvila tem albergado edifícios industriais desde o fim do século XIX. Esta dinâmica incentivou a atividade e construção nesta área, nomeadamente a ocupação de áreas livres para construção de grandes unidades industriais e armazéns.

Consequentemente, várias áreas residenciais de trabalhadores surgem na sua vizinhança. Com o passar do tempo, fruto da crescente valorização do solo e das mudanças financeiras e económicas ocorridas nos anos 70 do século XX, as fábricas abandonaram Marvila, deixando os seus edifícios em declínio e abandono.

No entanto, alguns edifícios com valor patrimonial foram preservados mas já não cumpriam a função para que foram construídos, encontram-se descontextualizados do tecido urbano e, portanto, qualquer intervenção passará necessariamente também pela sua envolvente. Em vários casos, edifícios talvez considerados com valor patrimonial ou afetivo foram restaurados e são atualmente utilizados como sede de várias instituições e associações, como é o caso do Palácio dos Marqueses de Abrantes e o Palacete de Dom José de Bragança, entre outros.



Figura 2 - “Poço do Bispo. 1950” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/SPT/000195]

De acordo com os Censos 2011, Marvila é a freguesia de Lisboa com a menor percentagem de população idosa e onde se encontra, também, a maior percentagem de desempregados, beneficiários do Estado e crianças não inscritas nas escolas.

Podem infraestruturas funcionais e atividades/apoios sociais melhorar a situação socioeconómica da população? Esta dissertação visa criar um programa rigoroso de reabilitação de estruturas ao longo de um percurso que liga dois pontos opostos, desde o topo da colina até à zona portuária junto ao Rio Tejo. Com base no modelo do SESC brasileiro, esta estratégia será uma adaptação do seu programa e filosofias originais, a Marvila, na tentativa de juntar os seus residentes e visitantes de forma a melhorar a sua economia e bem-estar.

Para atingir o objetivo de criar um conjunto de locais capazes de receber a comunidade e visitantes e melhorar o dia-a-dia dos residentes de Marvila, foi feito um estudo sobre o tema das associações e a importância que as suas infraestruturas têm, não só no que diz à sua inserção na malha urbana como às características que devem ter para poderem proporcionar as atividades necessárias para o seu funcionamento e para pleno cumprimento dos seus objetivos.

A estratégia visa criar uma ligação desde o terreno adjacente à Quinta dos Alfinetes até ao rio, através de um percurso que permita o desenvolvimento de novos espaços reformados com

um novo conceito. O caminho passará por uma série de parcelas que estão abandonadas ou que não estão a ser utilizadas em todo o seu potencial e poderão ser reativadas.

Esta é uma proposta ambiciosa, resultante do trabalho do 5º ano que responde ao Concurso da Trienal de Arquitetura de 2019 em que o exercício consistia numa pesquisa coletiva sobre a racionalidade construtiva, a partir do ponto de vista cultural e não simplesmente de um ponto de vista técnico. Foi apresentado um programa para a criação de um Centro Comunitário e Interpretativo que consistia na introdução de espaços para uso da comunidade a diversas escalas.

Após o desenvolvimento desse trabalho, e introduzindo o tema das associações, ficou claro que o tecido associativo e urbano em Marvila coloca a seguinte questão: “de que forma, no contexto de Marvila, os espaços físicos das associações podem ser geradores de novos espaços públicos?”

A estratégia apresentada procura responder a essa mesma questão, através da criação de um conjunto de espaços direcionados ao público, com o intuito de promover a educação, cultura, saúde e sustentabilidade financeira, assim como melhorar o tecido urbano desta zona oriental da cidade de Lisboa.

01 | Memória do Associativismo

21

“Todos os inícios contêm um elemento de recordação, e isto acontece principalmente quando um grupo social faz um esforço concertado para começar de um ponto de partida inteiramente novo. Existe algo de completamente arbitrário na própria natureza de qualquer início assim intentado. O início não tem absolutamente nada a que agarrar-se, é como se saísse do nada. Por um momento, o momento do início, tudo se passa como se os iniciadores tivessem abolido a própria sequência da temporalidade e houvessem sido expulsos da continuidade da ordem temporal.”

- Paul Connerton (1989: p.7)

“O pensamento de Aristóteles representa uma notável contribuição à filosofia política no que diz respeito à qualificação do homem como um ser que realiza os seus mais altos fins na relação indissociável com a comunidade (polis) na efectivação de um bem comum.”

- Cesar Augusto Ramos (2013: p.62)



Figura 3 - “Palácio Pombal, onde estava instalada a Casa Sindical, sede das associações operárias promotoras da greve, 1912” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001475]

Em 2011, José Morgado, Secretário Geral da DECO, afirma que, cada vez mais, as associações têm um papel ativo na política e nas grandes empresas, maioritariamente porque são a voz de milhares de pessoas, representam os seus interesses e defendem os seus direitos. O trabalho desenvolvido depende do contributo dos seus colaboradores e, na maior parte dos casos, o seu tempo e conhecimentos são prestados gratuitamente, o que demonstra um grande empenho no desenvolvimento destas instituições.

“O associativismo é um dos pilares da sociedade”

- Angélica Jorge

Associação Portuguesa de Estudos de Protocolo, 2017

Para Alexis de Tocqueville, na obra *A Democracia na América do século XIX* (edição portuguesa de 2001), o envolvimento do indivíduo em atividades associativas não só implementa valores cívicos de reciprocidade, mas permite também desenvolver atitudes de confiança que, eventualmente, são transmitidas para a esfera pública e social. O autor refere que, apesar de as possibilidades geradas pelas associações se manifestarem a nível individual, estas acabaram por se transpor para o nível nacional, criando assim um enorme impacto na sociedade.

Robert Putnam, cientista político americano, partilha na sua obra *Capital Social* (1993) a teoria de que o indivíduo, ao pertencer a organizações formais e informais, desenvolve mecanismos de cooperação social, e, em particular, sentimentos de confiança para com os outros, cria relações com a comunidade e acaba por melhorar a sua qualidade de vida social.



Figura 4 - “A manifestação anticlerical promovida pela Associação do Registo Civil de apoio ao ministro da Justiça, António Maceira, 14-01-1912” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001495]



Figura 5 - “O presidente do Conselho, Bernardino Machado, com Eduardo Burnay e operárias, na Companhia Portuguesa de Tabacos, por ocasião do congresso das Associações Comerciais e Industriais, 1914” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001493]

As associações são um equipamento social e comunitário que permitem não só ensinar à população valores sociais, como partilhar as dificuldades e defender os interesses da comunidade em que estão inseridos, o que as torna num mecanismo fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade.

São as associações que transportam para o espaço do debate público os problemas, carências e vitórias dos indivíduos de determinadas comunidades, e, segundo José Viegas em *Associativismo, Sociedade Civil e Democracia* (2014), estes problemas são “reformulados em problemas sociais, que serão objecto de discussão pública alargada...” (p. 41).



Figura 6 - “O presidente do Conselho, Bernardino Machado, com Eduardo Burnay e operárias, na Companhia Portuguesa de Tabacos, por ocasião do congresso das Associações Comerciais e Industriais, 1914” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/EFC/001868]



Figura 7 - “Un dimanche après-midi à l’Île de la Grande Jatte”
Georges Seurat 1884-86 [autor: Georges Seurat; fonte: Art
Institute Chicago. www.artic.edu.]

[Tradução: “Uma tarde de domingo na Île de la Grande Jatte”]

Segundo o dicionário de língua portuguesa, “associativismo” significa não só a prática social da criação e gestão de associações, mas também a apologia e defesa dessa prática quanto entidade não lucrativa, com uma finalidade comum. As associações são um fundamento importantíssimo para a construção da solidariedade e expressão de vida em comunidade. Por norma, as associações dão resposta a necessidades e dificuldades das comunidades onde se inserem, através de atividades de natureza social, cultural, desportiva, recreativa, entre outras.

Em Portugal, o reconhecimento das associações como instituições que fazem parte da vida coletiva remonta ao século XIX. O direito de associação, embora não diretamente reconhecido na Constituição Política da Monarquia Portuguesa de 1822, era tolerado desde que os seus fins e estatutos fossem reconhecidos pelo Rei D. João VI, evitando-se assim a constituição de sociedades secretas, potenciais ameaças aos poderes instituídos.

“Não podendo ser da Minha Real Intenção impedir as Sociedades, que sem se esconderem aos olhos do público se dirigem a fins lícitos e até louváveis; mas querendo atalhar o abuso, que dessas mesmas Sociedades se pode fazer, alternando, e pervertendo com o andar dos tempos seus originários Institutos: Ordeno que nenhuma das ditas Sociedades se possa abrir sem que seus Estatutos sejam primeiro vistos e aprovados por Mim, sob pena

de serem consideradas Sociedades secretas¹” .

É em 1838 que, pela primeira vez, o direito de associação se torna uma realidade, através de um texto em que é decretado por D. Maria II que “Todos os Cidadãos têm o direito de se associar na conformidade das leis²” .

O direito de associação será consagrado na Constituição Política da República Portuguesa de 1911: “O direito de reunião e associação é livre. Leis especiais determinarão a forma e condições do seu exercício³”

1 Colecção de Legislação das Cortes de 1821 a 1823. Lisboa: Imprensa Nacional, 1843, p. 11.

2 Constituição Política da Monarquia Portuguesa, Ministério do Reino, Biblioteca da Instrução Pública. Lisboa: Imprensa Nacional, 1838, p. 5.

3 Constituição Política da República Portuguesa de 1911, de 21 de Agosto de 1911. Coimbra: Livraria Editora F. França Amado, 1911, p. 4.

Os governos da monarquia constitucional, colocaram bastantes limitações ao direito de associação, procurando, sempre que possível, que estas associações (relacionadas com as classes trabalhadoras) fossem de carácter social, maioritariamente constituídas por indivíduos que necessitam de assistência a quem o Estado não consegue garantir esses apoios.

O crescimento das associações acompanhou o processo de industrialização, sobretudo nos grandes centros urbanos como, Lisboa e Porto “seguidos de longe pela Covilhã, Braga, Aveiro, Portalegre e Tomar, mas o mercado industrial que se mostrou mais dinâmico foi o de Lisboa, que, comparativamente com o Porto, dispunha de indústrias mais diversificadas e de unidades fabris de maiores dimensões”⁴. Em 1910, com a instauração da República, o movimento associativo ganha uma nova importância principalmente junto dos sindicatos agrícolas enquanto entidades de crédito agrícola.

4 Martins, Conceição Andrade, “Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)”, *Análise Social*, nº142, 1997, p. 489

Durante o Estado Novo, o associativismo de base popular, volta a perder importância quando o Estado aproveita as suas potencialidades, e sobretudo o seu poder organizacional e a sua capacidade enquanto instrumento social para impor aos cidadãos um sistema de controlo rigoroso.

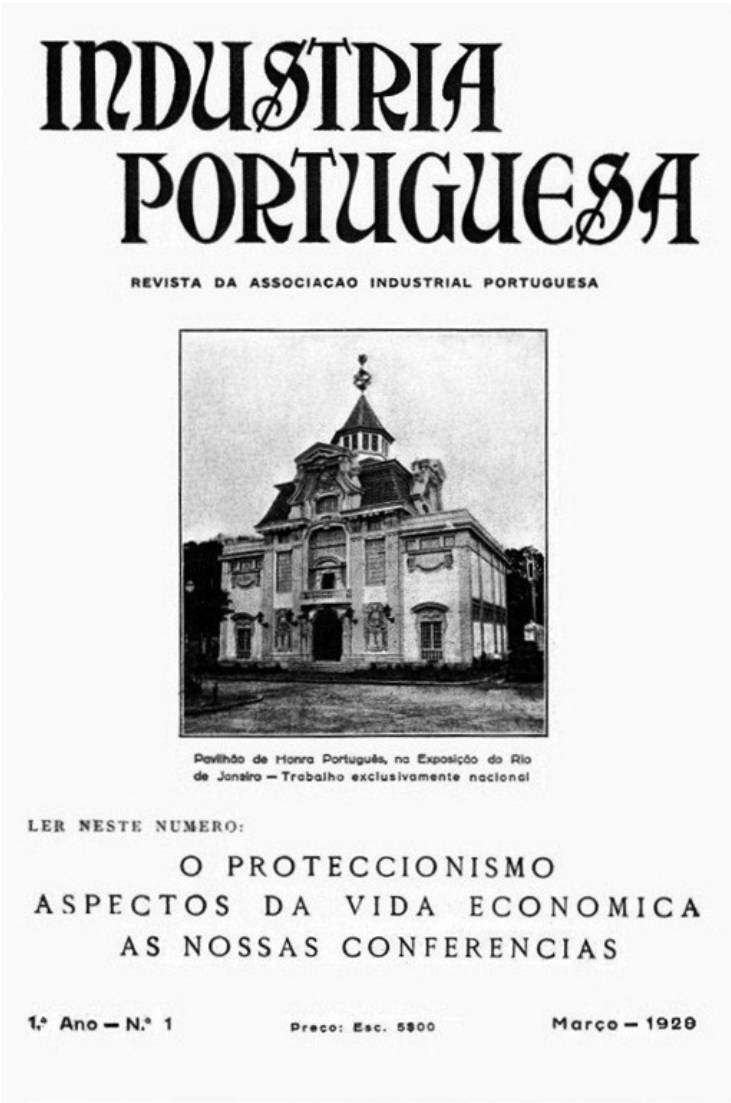


Figura 8 - Revista nº1 “Industria Portuguesa” da Associação Industrial Portuguesa, 1929 [fonte: Revista Da Junta De Freguesia De Benfica, 2014, p. 18]

A partir desta época, o Estado obriga os cidadãos a pertencer às suas organizações estatais, como por exemplo, os Grémios da Lavoura⁵, as Casas do Povo⁶ e as Casas de Pescadores⁷; no entanto existiam também algumas associações e coletividades que não pertenciam ao Estado, como casas regionais e associações profissionais, e surgem até novos tipos de associativismo, como a Liga para a Proteção da Natureza, fundada em 1948.



5 Os Grémios da Lavoura foram uma forma de organização corporativa do sector agrícola, que vigorou durante o regime do Estado Novo. As bases organizativas foram fixadas pela Lei nº 1957, de 20 de Maio de 1937, de acordo com os preceitos do Estatuto do Trabalho Nacional.

6 As casas do povo, foram criadas pelo Decreto-Lei nº 23 051 de 23 de Setembro de 1933. Cada casa do povo era um organismo de cooperação social, destinando-se a colaborar no desenvolvimento económico-social e cultural das comunidades locais.

7 As casas dos pescadores, era o elemento primário de base territorial de organização corporativa do trabalho marítimo no regime do Estado Novo, criadas pela Lei nº 1953, de 11 de Março de 1937.

Figura 9 - Grémio da Lavoura de Coimbra, 2016 [fonte: Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/>. Autor: Olybrius]

Figura 10 - Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere, 2014 [fonte: Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/>. Autor: Smz007]

Figura 11 - Casa dos Pescadores da Costa da Caparica, 1946 [autor: Mário Novais; fonte: Mar de Caparica. <https://mar-da-costa.blogspot.com/>]

As casas dos pescadores eram o elemento primário de base territorial de organização corporativa do trabalho marítimo no regime do Estado Novo, criadas pela Lei nº 1953, de 11 de Março de 1937.

“É esta configuração que vai fazer com que o funcionalismo público se desagregue enquanto classe, ao mesmo tempo que se vai tornar uma fonte de segurança e ordem do regime, constituindo-se como uma das bases sociais do Estado Novo”.

- Joana Estorninho de Almeida (2016, p. 161)

Com a revolução do 25 de abril de 1974, os direitos e liberdades da cidadania são reconhecidos e finalmente são retiradas as obrigatoriedades e restrições que até então tinham sido impostas. Neste momento é criada uma nova perspetiva, uma nova forma de ver o associativismo.



Figura 12 - Pirâmide corporativa ideal dos decisores do Estado Novo, 1946 [fonte: Construção Do Sistema Corporativo Em Portugal (1933-1974) p. 35]

À medida que as associações culturais, desportivas e recreativas se vão desenvolvendo, surgem, ao mesmo tempo, outro tipo de associações: de defesa do património, associações de consumidores, associações juvenis e estudantis, associações de proteção ambiental e as primeiras associações de moradores, juntamente com associações para apoio a deficientes, de apoio a vítimas e proteção animal. É já nos anos de 1980 que surgem as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS)⁸.

Como escreve Luís Pereira no artigo *A crise do associativismo*, que é a crise da democracia, o movimento associativo em Portugal teve uma enorme expansão no período logo a seguir à revolução de 25 de abril, talvez como resultado da descompressão social e política. Também Sofia Macedo e José Manuel Leite têm refletido sobre o tema da participação da população em atividades associativas. Enquanto a escritora confirma ter havido um aumento significativo iniciado no final de 1970 e durante toda a década de 80, Leite refere em *A Participação Associativa em Portugal*, que, em 1990, 66% dos portugueses diziam não pertencer a nenhuma associação e esse valor aumentou para 84% em 2008.

⁸ As IPSS são constituídas por iniciativa de particulares, sem fins lucrativos, com o propósito de dar expressão ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos.



Figura 13 - Revolução 25 de abril 1974 [fonte: Medium. <https://medium.com/>]

De acordo com o estudo realizado por Leitão, Pereira, Ramos e Silva intitulado *Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal* é possível compreender que, em 2007, segundo o estudo de inquéritos às associações, aquelas de carácter cultural, recreativo e desportivo ocupam 71,9% do total de tipos de associações existentes, enquanto que as IPSS ocupam apenas 5%. Destes 71,9%, as associações mais representadas são as de carácter social, seguido das associações recreativas e, por fim, desportivas.

O associativismo social procura apoiar aqueles com maiores dificuldades sociais, sejam elas de integração na sociedade ou

de desenvolvimento pessoal. Os espaços de carácter desportivo, visam proporcionar espaços de convívio entre os membros da comunidade focando em grande parte no desenvolvimento físico e bem-estar psicológico dos seus participantes. Enquanto que as associações de programa cultural, proporcionam momentos e oportunidades para o desenvolvimento cultural da comunidade.



Figura 14 - Comissão Protectora dos Prisioneiros de Guerra Portugueses (1918-1919) [Espólio Maria Veleda; fonte:<https://womass.wordpress.com/associacoes/>]

No contexto português, as associações são cada vez mais importantes para a sua população e proporcionam também um enorme apoio à população imigrante que chega a Portugal a partir da década de 70. Segundo Felismina Rosa Mendes, em *Reflexões sobre o movimento associativo imigrante em Portugal*, após a independência dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, registou-se uma grande afluência de cidadãos africanos que se estabeleceram em Lisboa durante as décadas de 1970 e 1980, e que devido à falta de apoio das autoridades portuguesas, se viram obrigados a criar um sistema de associações, tanto informais como formais (ex. associações de estudantes africanos) que permitiam acolher e integrar estes indivíduos.

Independentemente do programa de cada associação, o fundamental é que esta seja capaz de oferecer um local seguro, de partilha de conhecimentos e de oportunidades a quem nelas participa. As associações culturais, recreativas e desportivas tiveram um papel muito relevante neste contexto, mas nem sempre têm as infraestruturas mais apropriadas.

A localização de uma sede associativa é de grande importância, pois, dependendo do tipo de programa em que está inserida, requer tipos de infraestruturas específicos. Uma associação de carácter desportivo carece de instalações para a prática desportiva das modalidades que nela se praticam, enquanto uma associação de carácter cultural, necessitam de salas para exposições, etc. Tânia Machado (2009) refere que apesar de haver vontade por parte dos colaboradores, muitas vezes não existem recursos suficientes para o desenvolvimento da atividade. Devido à falta de recursos financeiros, muitas associações não conseguem instalar as suas sedes em locais com as infraestruturas apropriadas, acabando por adaptar os recursos existentes. Na realidade, a aquisição e manutenção de instalações próprias é frequentemente uma das maiores dificuldades das associações, cujo funcionamento depende de espaços onde realizar as suas atividades. Estas instalações têm tendência a localizar-se em edifícios, muitos deles, degradados ou mesmo em zonas da cidade onde as rendas são normalmente mais acessíveis.



Figura 15 - “Edifício do Ateneu Comercial de Lisboa, 1960”

[fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref:PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000352]

III | Relação do espaço com o tecido urbano

35

Paula Guerra descreve em *Tecido urbano actual: - continuidade ou descontinuidade?* a cidade como um espaço de características bastante diferenciadas ao longo de todo o seu tecido urbano, devido à intervenção dos vários agentes sociais que a foram habitando, o que resulta muitas vezes em situações de descontinuidade arquitetónica e social.

O fator social e espacial são indissociáveis. Boaventura de Sousa Santos refere, num artigo da *Revista Crítica de Ciências Sociais* (1988, p. 140), que importa não “[...] reduzir o espaço às relações sociais no espaço (temporal),” mas sim compreender “o que, nas relações sociais, resulta especificamente do facto de estas ocorrerem no espaço” . Ou seja, o espaço e o tempo são coexistentes e inevitavelmente tornam-se entidades complexas, onde se inscrevem espacialmente as representações sociais das comunidades.

Um caso de estudo interessante na cidade de Lisboa é o do Ateneu Comercial de Lisboa, fundado em 1880 por empregados comerciais, com o propósito de proporcionar atividades culturais para a população mais carenciada. A sua sede é no Palácio dos Condes de Povolide, nas Portas de Santo Antão (Figura 15); no entanto, encontra-se fechado há mais de uma década, devido à falta de fundos financeiros para a sua manutenção.

O edifício, no entanto, é um belíssimo Palácio, infelizmente bastante degradado, com uma relação privilegiada com a área urbana envolvente, não só pela sua proximidade da Baixa de Lisboa e de uma das maiores artérias de Lisboa (Avenida da Liberdade), mas pelo conjunto de serviços que estão disponíveis ao seu redor.



Figura 16 - “Palácio dos Marquês de Vagos - Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa, 1944” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref:PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/EDP/001449]



Figura 17 - “Associação do Registo Civil, 1911” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref:PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/001577]

Figura 18 - “Associação Industrial Portuguesa, 19--” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref:PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000139]

Apesar da degradação do Palácio de Condes de Povolide, este proporcionou ao Ateneu espaços amplos e suficientes para o bom funcionamento do movimento associativo e permitiu que os seus associados usufríssem, durante mais de um século, de um espaço de grande qualidade, integrado numa malha urbana com bom acesso a infraestruturas de transportes, a espaços comerciais e aos espaços públicos emblemáticos da cidade como a Praça dos Restauradores e a Praça do Rossio.

Uma inserção estratégica de espaços associativos na malha urbana acaba por criar uma cidade mais dinâmica, onde os espaços de carácter público, como as diversas praças e jardins, se tornam eles próprios equipamentos fundamentais e relevantes para o desenvolvimento de diversos tipos de atividades.



Figura 19 - Entrada da Associação CRESCER, 2021 [fonte: CRESCER. <https://www.facebook.com/crescer.org/>]

Por outro lado, existem associações como a Associação de Intervenção Comunitária – CRESCER, fundada em 2001, que se encontra sediada no vale de Alcântara (Figura 19), cuja relação com o tecido urbano da cidade é quase inexistente, visto que se encontra numa rua sem saída, no piso térreo de um edifício residencial, sem qualquer oferta de espaços públicos e escassa oferta comercial e cultural à sua volta. Esta associação promove a inclusão das pessoas em situações vulneráveis, através de atividades comunitárias, e por isso é natural que a sua sede se encontre num bairro com bastantes dificuldades sociais e pouco acesso à cultura, saúde, entre outros. Como muitas outras associações, o espaço foi cedido pela Câmara Municipal de Lisboa como parte de uma política de acolhimento de associações em bairros sociais, mas, para além de ser o espaço da sede, este é também um local de acolhimento e reunião de pessoas do bairro e de fora, onde é possível a realização de alguns tipos de atividades, como projetos de artes plásticas e atividades para desenvolvimento pessoal e cultural.

Estes tipos de associativismo são o foco da estratégia proposta para o desenvolvimento deste movimento em Marvila, onde os espaços associativos com programas culturais, sociais e desportivos, existentes não são muito atrativos.

Com base nos exemplos acima referidos, é possível compreender que existem vários tipos de relações entre os edifícios e espaços públicos e entre a sua envolvente e o tecido urbano, o que é relevante para melhor compreender o desenvolvimento do projeto que se apresentará, em seguida, para Marvila, em que se procura tirar partido das mais-valias deste território, para propor novos tipos de infraestruturas de apoio e suporte para o desenvolvimento da comunidade, que possam contribuir para um território mais coeso.

02 | Memória de Marvila

43

“Parte significativa deste antigo ‘mar de chaminés e de gente’ é hoje descrito como ‘cemitério de fábricas’ e como um pequeno, envelhecido e invisível “mundo de residentes”

- João Nunes e Ágata Sequeira (2011: p. 35)



Figura 20 - “Descarga de sal feita por mulheres, 1960”

[fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000162]



Figura 21 - “Colocação de blocos para a construção da nova muralha exterior da Doca do Poço do Bispo, 26-08-1938”
[fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/002152]



Figura 22 - “Inundações da Praça David Leandro, 1945”

[fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000793]



Figura 23 - “Azinhaga em Marvila, 1938” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001760]



Figura 24 - “Fotografia aérea sobre a fábrica Militar de Braço de Prata, 15-04-1950” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/SPT/000196]

Figura 25 - “Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, armazém de vinhos, 08-1966” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/002254]

A zona de Marvila integra a extensa Herdade de Marvila, doada por D. Afonso Henriques à Mitra de Lisboa, após a conquista de Lisboa, em 1147. De uma das metades da herdade resultaram 31 parcelas que a autoridade eclesiástica entregou aos cónegos da Sé e que, a partir do século XV, deram origem a muitas herdades e quintas de menor dimensão, algumas ainda hoje existentes.

A partir do século XIX, esta foi uma das zonas de Lisboa onde se concentrou a grande maioria das atividades portuárias e industriais. No entanto, o seu passado assenta na ocupação deste território, até ao século XVIII, maioritariamente por famílias aristocráticas, e algumas ordens religiosas. Contudo, grande parte das quintas que pertenciam à nobreza foram abandonadas logo após o terramoto de 1755. Em 1785 e 1796 instalam-se no Vale de Chelas as duas primeiras fábricas, ambas de estamparia de chita.

Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, e a inauguração da linha férrea em 1856, a industrialização em Marvila atingiu o auge até à década de 1950, tendo-se ali instalado fábricas, como a de material bélico em Braço de Prata, e armazéns como os armazéns vinícolas Abel Pereira Fonseca. Nestas décadas, fixa-se nas antigas quintas da região a mão-de-obra que apoiou a indústria de Lisboa, principalmente da parte oriental da cidade, que era composta por pessoas que vinham do campo, principalmente do norte do país, em busca de melhores

condições de vida⁹.

A linha férrea, o porto marítimo e a localização das fábricas permite a Marvila uma grande movimentação de pessoas e mercadorias. Em 1860, foi construída a Estação de Santa Apolónia o que permitiu reforçar a importância desta indústria na zona oriental de Lisboa. Segundo João Nunes e Ágata Sequeira (2011), Marvila tornou-se num centro industrial bastante importante devido à emergência das atividades que aqui se sediaram.

9 *História*. Junta De Freguesia De Marvila, jf-marvila.pt/historia/. Dezembro 2020

- 1- Belém

2- Ajuda

3- Alcântara

4- Estrela

5- Misericórdia

6- Santa Maria Maior

7- São Vicente

8- Penha de França

9- Beato

10- Marvila

11- Parque das Nações

12- Olivais
- 13- Alvalade

14- Areeiro

15- Arroios

16- Santo António

17- Campo de Ourique

18- Benfica

19- Campolide

20- Avenidas Novas

21- São Domingos de Benfica

22- Carnide

23- Lumiar

24- Santa Clara



Figura 26 - Localização das freguesias de Lisboa
(Escala 1:20 000)



Na segunda metade do século XIX, a freguesia de Marvila era ainda uma zona que se encontrava fora dos limites da cidade de Lisboa e, até aos anos 70 desse século, era essencialmente uma zona rural, constituída por quintas agrícolas e recreativas, e por várias hortas. Hoje, ainda existem áreas de Chelas onde se podem observar lotes de terrenos com jardins cultivados pelos respetivos residentes. À escala da cidade consegue-se mostrar o seu contexto e o seu tecido urbano através de várias camadas de construções edificadas, estradas, carris ferroviários, assim como da densidade de espaços desocupados face ao total das áreas ocupadas (Figura 27).

“É por entre situações de “abandono” e “ruína” [...] que faltaram medidas de “conservação e salvaguarda de edifícios e de espólio” e de “recuperação” e “reconversão”. Podia ter sido evitado, [...] o “desaparecimento da imagem industrial de Lisboa, tão importante numa concepção cultural da urbe, tal como são os palácios, as igrejas, os conventos ou as quintas e alguns elementos do mobiliário urbano e rural”

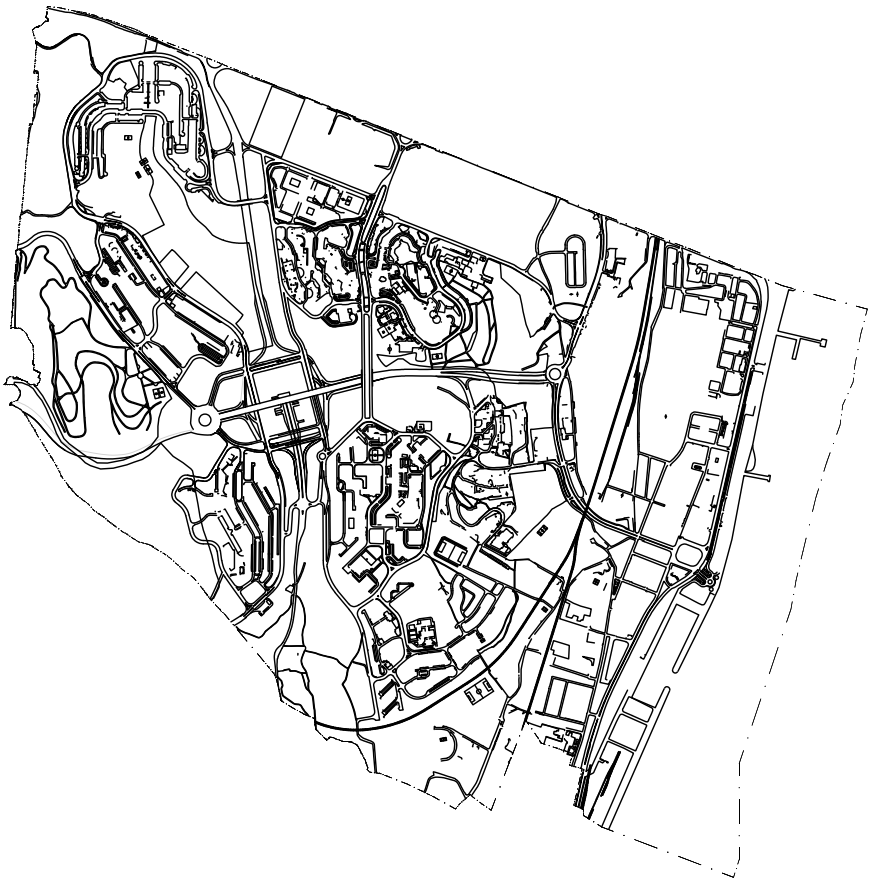
- Folgado e Custódio (1999: p. 10)



Na década de 60, o Estado Novo iniciou um programa de Habitação de Renda Económica que pretendia melhorar a ordem social e urbana, assim como reduzir a criação de novos bairros de lata (Nunes; Sequeira, 2011). Através do *Plano de Urbanização de Chelas* (1964) este programa habitacional e urbano foi continuado. Após a revolução de 1974, esta zona oriental de Lisboa foi alvo de vários ensaios e criação de diversos programas habitacionais, para alojar as famílias mais pobres e carenciadas. Ao longo dos anos, Marvila tornou-se um espaço inseguro e conflituoso, no entanto existiram várias propostas, maioritariamente de carácter desportivo, que visavam reforçar o bem-estar entre os cidadãos, em especial a geração mais jovem. Tem havido também uma enorme preocupação em melhorar os espaços públicos, e de circulação, através da regularização de passeios e colocação de mobiliário urbano.



Figura 27 - Estudo de espaços vazios e espaços construídos na freguesia de Marvila (Escala 1:15 000)



“Marvila [...] detêm hoje um legado urbano complexo e contraditório. Edifícios industriais tidos como obsoletos e abandonados, a par de espaços residenciais degradados, ali cotejam edificado com elevador valor fundiário e patrimonial: palácios e conventos, fábricas e armazéns.”

- João Nunes e Ágata Sequeira (2011: p. 37)



Figura 28 - Representação da linha férrea (Escala 1:30 000)

Figura 29 - Representação dos acessos viários
(Escala 1:30 000)



Como já foi referido, este trabalho visa propor a criação de um conjunto de espaços de carácter público e multi-programático através da compreensão da malha urbana desta parte do território lisboeta e da sua relação com o rio, passando pela relação entre os espaços desocupados e os ocupados, bem como do seu contraste com a extensão do rio.

A proposta centra-se na criação de espaços de apoio social, cultural e desportivo, através da reabilitação e construção de novos espaços, parques urbanos e hortas. O tecido urbano é bastante complexo, atravessado por vias principais que cruzam vários bairros desde a frente ribeirinha ao norte da cidade. A densidade e expansão da cidade são evidentes na frente ribeirinha onde a maior parte do terreno se encontra ocupada com novas construções, mas também através da reutilização de edifícios públicos.

Figura 30 - Estudo de espaços construídos (Escala 1:30 000)

Figura 31 - Estudo de espaços vazios e relação com o rio (Escala 1:30 000)



“O bairro era lindo, todos se davam bem, todos se cumprimentavam cada vez que se viam na rua. Hoje em dia já não é assim”

- Luncinda Gomes, moradora do antigo Bairro Chinês

“Para onde quer que o Oriental fosse, íamos todos atrás, toda a população desta zona, que o jogo fosse cá ou noutro sítio. Aqui todos eram Orientalistas de gema”

- José Almeida, morador do antigo Bairro Chinês

“Bolas de futebol feitas de meias, carrinhos feitos de latas de conversas, [...] berlindes, peões, e nem os botões das calças escapavam, pois serviam para o jogo do botão. E mesmo com essas traquinisses não faltam ao respeito aos mais velhos, como se vê agora”

- Manuel Cardoso, morador do antigo Bairro Chinês

[Fonte: jf-marvila.pt. Novembro 2020]



Figura 32 - “Escadinhas do pátio do Prior, 1946 [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa.” Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/POZ/000349]

Nos finais do século XIX e início do século XX, houve um grande afluxo de população para esta zona de Lisboa, para satisfazer as necessidades de mão-de-obra na indústria. O rendimento baixo e a falta de condições de habitabilidade levou estes operários a iniciar um processo de ocupação de terras e ruínas para construção de espaços habitacionais, na sua maioria bastante precários.

De acordo com alguns residente desta zona de Lisboa, durante esta época, os habitantes partilhavam um espírito comunitário e social, criando laços de solidariedade e de entreajuda fundamentais para ultrapassar as dificuldades do dia-a-dia. A memória dos residentes apresenta estes moradores como pessoas honestas, trabalhadoras, ordeiras, de raízes operárias e rurais, em idade ativa e socialmente interligadas. Como afirma Anabela Lopes, que viveu toda a vida na zona de Marvila Velha *“Era uma vida em comunidade, em que as pessoas eram amigas umas das outras, vivam os problemas uns dos outros, ajudavam-se uns aos outros.”*¹⁰ Interessavam-se uns pelos outros, investiam na organização de programas de carácter social, como feiras, jogos de futebol, etc.

Nos anos 80/90, houve uma grande preocupação em acabar com estas zonas de barracas que se prolongavam por toda a cidade, e, devido a esta nova reorganização, a população acabou por ser realojada em edifícios que iam sendo construídos nas proximidades.

Esta destruição dos “bairros de barracas” acabou por transformar as vivências quotidianas, os moradores referem que alterou o sentido de comunidade e de bairro, na medida em que se foram isolando uns dos outros.

10 “Marvila Velha e Poço Do Bispo.” Junta de Freguesia de Marvila, jf-marvila.pt/marvila-velha-e-poco-do-bispo/. Janeiro 2021

É importante compreendermos quais são as características da população que reside em Marvila, e portanto foi feita uma análise do censos, realizados pelo Instituto Nacional de Estatística em 2001 e 2011. Em 2011 a população de Marvila encontrase maioritariamente na faixa etária entre os 25 e 64 anos com algum crescimento entre 2001 e 2011, com um total de alunos matriculados em 2011 de 50 393, num total de 121 384 em toda a área de Lisboa e uma taxa de analfabetismo de 6,89%. A taxa de desemprego em Lisboa era, em 2011, de 11,84%, dos quais 16,77% eram residentes de Marvila. Relativamente à cidade de Lisboa, os valores decresceram na sua generalidade entre 2001 e 2019. Durante o ano de 2001 residiam em Lisboa 563 149 habitantes dos quais, 38 767 eram residentes de Marvila, números estes que reduziram em 2011.

Apesar de os Censos 2021 ainda não se encontrarem concluídos, e através dos quadros em anexo, é possível concluir que a população residente terá tendência a aumentar em 2011, enquanto o número de alunos matriculados e a população desempregada continuará a descer até 2021.



Figura 33 - “Jogo de Futebol na cerca da Escola Académica 19...” [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/001055]



Figura 34 - “Marcha popular de Marvila 1952” [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACB/000018]



68

4

1

3

2

Os vários palácios e palacetes de Marvila têm uma presença muito forte no território quer do ponto de vista arquitetónico, quer como suportes materiais da memória e identidade locais. Como já foi descrito, muitos deles estão em ruína e totalmente devolutos. No entanto, existem alguns que se mantiveram e que, com algumas obras de reabilitação, se mantêm funcionais, como é o caso do Palácio dos Marqueses de Abrantes (Figura 37), do Palácio D. José de Bragança (Figura 39), do Palácio da Mitra (Figura 41) e da Quinta do Pombeiro (Figura 43). Estes edifícios já não exercem as funções para as quais foram construídos, mas são hoje espaços muito importantes para população, pois estão aqui localizadas várias associações onde os habitantes se podem reunir. Enquanto que no Palácio da Mitra e na Quinta do Pombeiro se encontram instituições assistencialistas, no Palácio dos Marqueses de Abrantes e no Palácio D. José de Bragança, encontramos associações de convívio, sendo elas a sede da Associação Musical 3 de Agosto de 1855 e a sede do Ateneu da Madre de Deus, respetivamente.

A reutilização destes espaços e a oportunidade de criar novos propósitos para estes edifícios mostra uma grande preocupação em manter a história do passado, alimentar a memória de um tempo que não voltará mais, e, ao mesmo tempo, criar novas memórias que irão perdurar por muito tempo.

O facto destes edifícios suportarem um passado e uma história importante para Marvila e o facto de terem sido reaproveitados, mostra a sua capacidade de reutilização e a importância de pensar o futuro desta área tendo em conta as preexistências. O trabalho de campo realizado em Marvila, composto por visitas ao local, permitiu verificar que estes palácios não parecem ter uma relação muito direta com a sua envolvente e que este “distanciamento” acaba por chamar a atenção para os edifícios, que nunca passam despercebidos. Ao passearmos por Marvila, é possível ver que, ao logo dos anos, com o desenvolvimento urbano, houve pouco cuidado, atenção ou até mesmo interesse em enquadrar estes edifícios nas novas construções, tentando talvez “apagá-los” do território. No entanto, esta estratégia acabou por ter um efeito oposto, uma vez que os edifícios se destacam, até pelo seu estado de degradação, na paisagem urbana.

- 1- Palácio dos Marqueses de Abrantes
- 2- Palacete D. José de Bragança
- 3- Palácio da Mitra
- 4- Quinta do Pombeiro



Figura 35 - Associações localizadas em antigos palácios
(Escala: 1:15 000)



Figura 36 - “Palácio dos Marquês de Abrantes, 196...”

[fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FIL/000136]



Figura 37 - “Palácio dos Marquês de Abrantes- actual sede da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885” [autor: fotógrafo Francisco Nogueira; fonte: Atelier Mob. www.ateliermob.com] Novembro, 2020



Figura 38 - “Palacete de D. José de Bragança” [fonte: Ateneu da Madre Deus. <https://www.facebook.com/ateneu.damadredeus/>]



Figura 39 - “Actual sede do Ateneu da Madre de Deus”
[fonte: Ingress Intel. <https://ingress-intel.com/portal/ateneu-da-madre-de-deus/>] Novembro, 2020



Figura 40 - “Palácio da Mitra, 1943” [fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MNV/000281]



Figura 41 - “Actual sede Associação Nacional de Freguesias
- ANAFRE” [fonte: Manor Houses. <http://acasasenhorial.org/>]
Novembro, 2020



Figura 42 - “Quinta do Pombeiro ou de N. Sra. da Conceição”

[autor: Gastão de Brito e Silva; fonte: Ruin'arte. <http://ruinarte.blogspot.com/>]



Figura 43 - “Actual sede do Centro Acolhimento Crianças Refugiadas (CACR)” [autor: Alexandra C.; fonte: Four Square. <https://pt.foursquare.com>] Novembro, 2020

“Halbwachs defende que este [o espaço enquanto suporte das memórias] é o suporte ideal para as nossas memórias, tanto colectivas como individuais. A organização material do espaço aparece assim como uma espécie de garante da manutenção e da transmissão da memória do grupo. Primeiro, porque o grupo «molda» o espaço, ao mesmo tempo que se deixa «moldar» por eles:

Logo que o grupo é inserido numa parte do espaço, transforma-a à sua imagem, mas ao mesmo tempo submete-se e adapta-se a coisas materiais que lhe resistem.”

- Filomena Silvano (2017: p. 19)



Figura 47 - “Desfile da marcha de Marvila 1968-06-12 [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa.” Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/S05616]

Figura 48 - “Desfile da Marcha de Marvila 1968” [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa. Ref:PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACB/000018]

De acordo com a Associação das Coletividades do Concelho de Lisboa, existem cerca de 260 associações ativas nas 24 freguesias do Concelho de Lisboa. É claro, através da Figura 49, que o maior número de associações se encontra na freguesia de Arroios, seguida da freguesia dos Olivais, sendo estas principalmente de carácter cultural, recreativo e desportivo. Na freguesia em estudo, Marvila, existem 14 associações ativas, de carácter maioritariamente desportivo. Como foi referido anteriormente, o contexto social e habitacional da população fabril era precário e a ocupação de tempo livre em atividades promovidas por associações e coletividades, como é o caso do Clube de Futebol do Operário, assumia um papel relevante, com destaque para o futebol para a população masculina. Uma das mais emblemáticas associações de Marvila é a Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885, que ocupa um papel importante junto da sua população e associados, principalmente porque é a organizadora da Marcha de Marvila, que ocorre todos os anos no âmbito da iniciativa das Marchas de Lisboa, realizadas durante as festas do Santo António. Esta prática tem a capacidade de evocar e criar memórias coletivas e experiências que dificilmente se conseguem atingir noutro tipo de atividade social, sendo que é um fenómeno bastante agregador entre os seus marchantes, assim como representativo da sua comunidade.

- 1- Belém **13**

2- Ajuda **11**

3- Alcântara **11**

4- Estrela **0**

5- Misericórdia **0**

6- Santa Maria Maior **20**

7- São Vicente **17**

8- Penha de França **12**

9- Beato **6**

10- Marvila **14**

11- Parque das Nações **3**

12- Olivais **13**
- 13- Alvalade **9**

14- Areeiro **11**

15- Arroios **23**

16- Santo António **13**

17- Campo de Ourique **13**

18- Benfica **7**

19- Campolide **9**

20- Avenidas Novas **9**

21- São Domingos de Benfica **5**

22- Carnide **9**

23- Lumiar **9**

24- Santa Clara **7**



Figura 49 - Número de associações por freguesia
(Escala: 1:30 000)



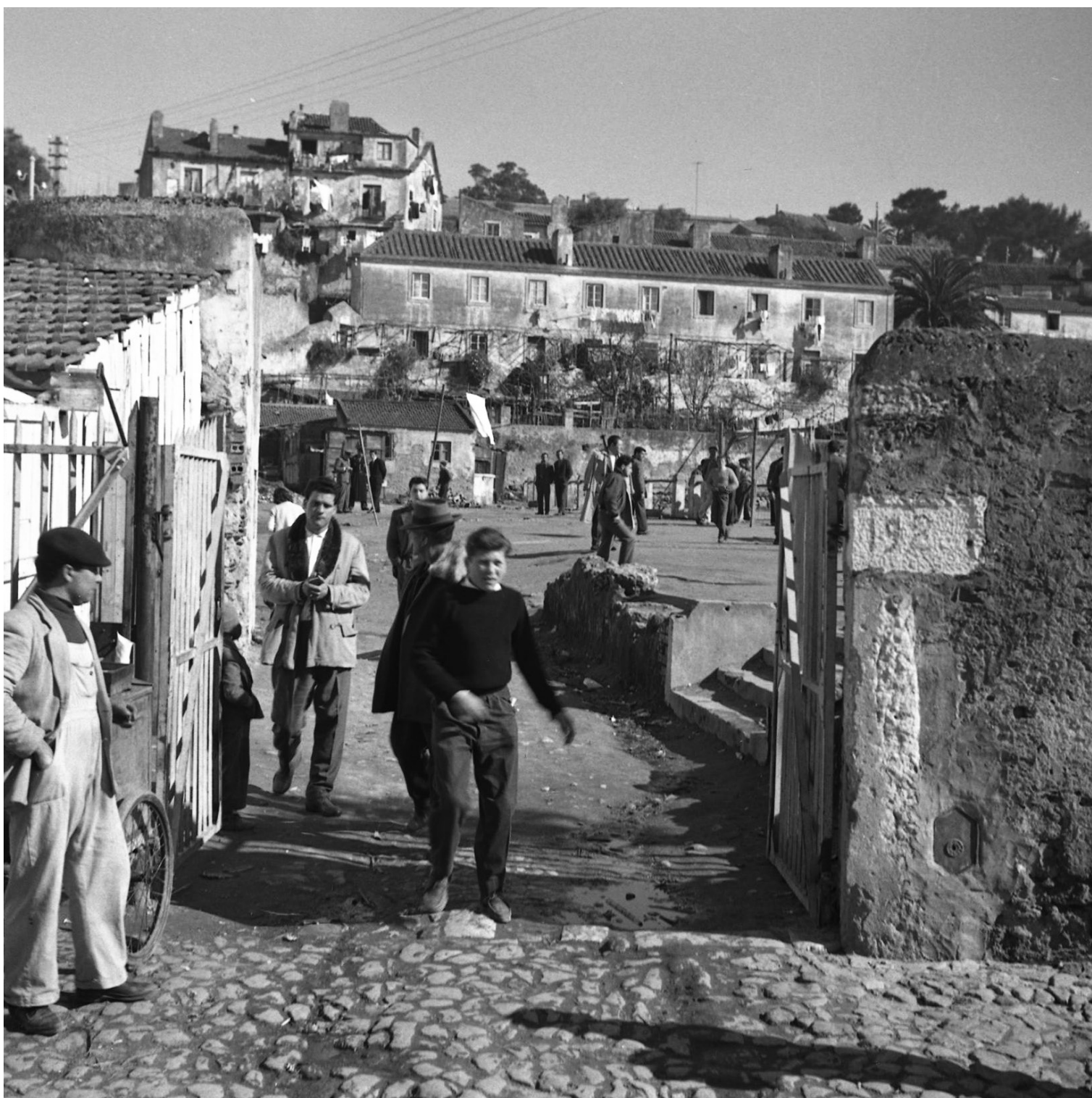


Figura 50 - “Fábrica da Pólvora de Chelas, entrada para o campo de futebol 1961” [fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa. Ref: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000890]



1

2

3

4

5

7

6

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

As associações representadas na Figura 51 somam um total de 22 e representa toda a área de Marvila, juntamente com a freguesia do Beato, com a qual estas têm uma relação muito próxima. A maioria é de carácter desportivo e misto, inserindo-se nesta categoria sobretudo as associações culturais e recreativas. É sobretudo na área do centro de Marvila, na antiga zona industrial, que se localizam a maior parte as associações, havendo ainda algumas no cimo do vale, como por exemplo o Ateneu da Madre de Deus e o Vitória Clube de Lisboa.

Associações de Marvila					
	Freguesia	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
1	Marvila	Cultural	Organizadora da Marcha de Marvila	Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885	03-08-1885
2	Marvila	Desportivo	-	Vitoria Clube de Lisboa	01-01-1925
3	Marvila	Desportivo	-	Clube Oriental de Lisboa	08-08-1946
4	Marvila	Cultural	-	Ateneu da Madre de Deus	12-11-1945
5	Marvila	Desportivo	-	Oriental Recreativo Clube	05-10-1954
6	Marvila	Mista	Cultural e Recreativa	Grupo Recreativo e Cultural Onze Unidos	01-05-1976
7	Marvila	Desportivo	-	O Futebol Clube Recreativo Duriense	14-03-1965
8	Marvila	Desportivo	-	Futebol Clube Recreativo do Rossão	11-05-1978
9	Marvila	Desportivo	-	Grupo Desportivo de Chelas	18-03-1982
10	Marvila	Mista	Cultural e Recreativa	Clube dos Sargentos da Força Aérea	11-07-1986
11	Marvila	Mista	Cultural e Recreativa	ACULMA- Associação para o Desenvolvimento Cultural e Social de Marvila	18-03-1983
12	Marvila	Cultural	-	Associação Sócio-Recreativa de Melhoramentos de Faifa	01-11-1978
13	Marvila	Mista	Cultural e Recreativa	Casa do Concelho de Castro Daire	14-12-1991
14	Marvila	Mista	Cutural e Recreativa	Clube Recreativo e Cultural de Marvila Jovem	25-04-1996
15	Marvila	Cultural	Artes do espectáculo	Associação Cultural O Fado- A.C.O.F.	21-12-1999
16	Marvila	Recreativa	-	Casa do Concelho de Cinfães	31-05-1998
17	Marvila	Mista	Cultural e Educativa	Clube Lisboa Amigos do Fado	29-01-1993



Figura 51 - Localização de Associações na freguesia de Marvila
(Escala: 1:15 000)



Figura 52 - Espaço público exterior e zona interior para realização de atividades [autor: DT Plateau / 4of7 + Institute of Transportation CIP; fonte: www.archdaily.com.br]

Figura 53 - Praça como local de convívio exterior [autor: Usaquén Urban Wetland / CESB / Obraestudio; fonte: www.archdaily.com.br]

O espaço público é, por si só, um local de encontros, de atividades, de partilha de bens e ideias e de uma vida social, aberto ou fechado, de grande ou pequena escala. A ligação dos cidadãos com estes lugares públicos é da maior importância, sendo que a sua criação e manutenção é fundamental para que estes equipamentos se mantenham e evoluam.

“[...] é no espaço público que todos estabelecemos trocas mais equitativas, é aí que se podem estabelecer as dimensões do estar em conjunto, no fundo onde partilhamos e reforçamos o colectivo maior da cidade”

- Estela Gonçalves (2013: 4)

Atualmente, muitos dos espaços públicos não oferecem as condições necessárias para o desenvolvimento de atividades coletivas, muitas vezes devido ao mau estado dos edifícios, o que provoca um sentimento de insegurança, e leva à falta de condições ambientais para serem ocupados.

Segundo Jan Gehl (2018), existem três tipos de atividades que melhoram a qualidade de vida urbana, sendo elas as atividades necessárias ou obrigatórias, que não dependem da envolvente ou das características do espaço; as atividades opcionais, que são dependentes do espaço onde ocorrem; e as atividades sociais compostas por acontecimentos espontâneos e derivados

das outras duas atividades.

Um bom espaço público deve ser aquele que proporciona possibilidades de encontro, de realização de eventos e atividades culturais, desportivas, educacionais, etc., tentando sempre ter um enquadramento atrativo no tecido urbano, através da oferta de espaços comerciais, áreas ajardinadas, entre outros.

No âmbito deste projeto, o tradicional espaço público exterior é adaptado através da criação de um sistema fechado que se reúne em torno de um enorme espaço aberto e para uso do público.



Figura 54 - Projecto de parque urbano na Turquia [autor: Parque Şişhane / SANALarc; fonte: www.archdaily.com.br. Janeiro 2021]

O SESC, que significa “Serviço Social do Comércio” é uma instituição brasileira que nasceu em 1946 com o propósito de prestar apoio aos trabalhadores de área comercial que, com o passar do tempo, acabou por abrir as suas portas a toda a comunidade.

Na sua origem, as atividades eram maioritariamente relacionadas com assistência médica, recreativa, educacional e espiritual, devido a uma forte carência de recursos estatais nestas áreas e a uma enorme preocupação na formação de novos trabalhadores do comércio.

Hoje, o SESC tornou-se um dos mais importantes modelos de criação de espaços sociais e comunitários, operando nas áreas: saúde- através de acompanhamento médico, oferta de espaços desportivos como campos de futebol, ginásio, piscinas; cultura- com a introdução de espaços como auditórios e salas de teatro para realização de eventos como palestras e exposições de arte; educação- criação de programas de carácter social como ensino sobre nutrição e segurança alimentar, espaços para realização de aulas; e lazer - com oferta de espaços para realização de atividades que estimulam o desenvolvimento social de cada indivíduo.

Todas estas valências, quando trabalhadas em uníssono, promovem o bem-estar da comunidade, razão pela qual este modelo arquitetónico e programático serviu de base para o desenvolvimento da proposta apresentada de seguida para a requalificação da malha urbana e desenvolvimento do Centro Social de Marvila.

O SESC Pompeia é um excelente exemplo de um espaço que incorpora diversos ambientes e que responde às necessidades da população que o visita, assim como a sua arquitetura representa a memória do espaço que habita e do passado do local.

“preservar a fábrica é preservar um espaço da história da cidade, mas um pedaço da história como ela mesma, sem disfarces. Nada daquele conceito de que só deve permanecer o que ´é belo. O que é típico deve ser valorizado. Mesmo que seja simples, como seria obrigatoriamente uma fábrica de tambores”

- Lina Bo Bardi (1977)

“não é preciso muito para ser muito”

- Lina Bo Bardi (1977)

[fonte: <http://www.casasbacanas.com/>]



Figura 55 - Espaço interior do SESC Pompeia [fonte: Senplo. www.senplo.com.br]



Figura 56 - Realização de atividades SESC Pompeia [autor: Julio Roberto Katinsky; fonte: Arch Daily. <https://www.arquigrafia.org.br/>]

A estratégia de criação de novos espaços públicos para uso cultural, social, educacional, económico e desportivo segue um programa muito semelhante ao do SESC brasileiro e a sua proposta arquitetónica tem como referência o SESC Pompeia inaugurado em 1982, da autoria da Arquiteta Lina Bo Bardi.

Foi a Arquiteta Lina Bo Bardi que tornou o SESC um modelo institucional, com o objetivo de compreender como os espaços criados se podem apresentar na sociedade e qual o seu impacto na cidade onde estão inseridos. Inicialmente esta instituição regia-se por um programa focado na saúde, acabando eventualmente por integrar outras áreas como lazer.

Esta instituição procura ter um papel importante e significativo na vida dos trabalhadores, indo ao encontro das verdadeiras necessidades da comunidade, a nível cultural, social e do seu bem-estar.

Ao longo dos anos, as suas atividades foram sofrendo mudanças, o que criou uma arquitetura muito própria e característica, que tinha que se ir adaptando às necessidades da comunidade. Como partilha Silene Santos *“Uma primeira [fase] aquando da sua mas criação, com grande ênfase na área assistencialista e da saúde, em que a sua arquitectura [...], traduz-se da apropriação de antigas casas [...].*

Ao longo dos anos seguintes, a área da saúde foi sendo abandonada e substituída pela ocupação dos tempos livres e educação informal através do desporto. Esta mudança viria dar oportunidade para a entidade desenvolver novas unidades, capazes de albergar as novas actividades. [...]

A terceira fase inicia-se com a inauguração do SESC Pompeia em 1982, que viria substituir o SESC Consolação como unidade modelo, tornando-se assim, não apenas um ícone da instituição, mas um dos ícones da arquitectura brasileira”¹¹

Lina Bo Bardi, no começo do projeto do SESC Pompeia depara-se com um enorme espaço de características fabris onde se destacava uma grande presença estrutural em betão, pela qual se admirou e fez questão de a manter e realçar.

11 Santos, Silane Reimão Soares dos. “Expressões Arquitectónicas Do Lazer. O Papel do SESC no desenho da cidade de são paulo.” Universidade de Coimbra, 2019.



Figura 57 - Pontes de ligação entre os edifícios do SESC Pompeia [autor: Julio Roberto Katinsky; fonte: Arch Daily. <https://www.arquigrafia.org.br/>]

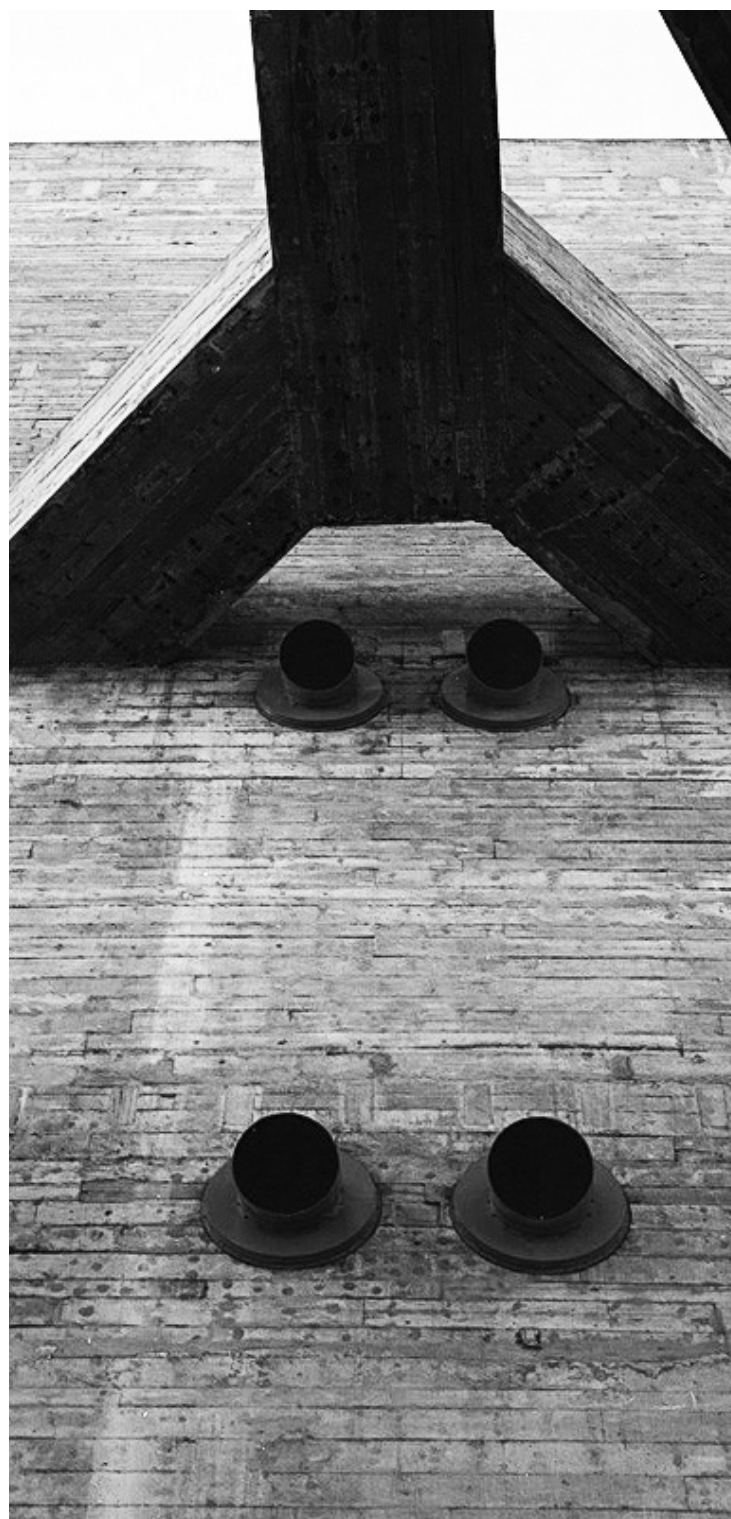


Figura 58 - Materialidade exterior do SESC Pompeia [autor: Pedro Kok. fonte: Arch Daily. www.archdaily.com.br/]

Este edifício é constituído por um conjunto de enormes blocos de betão, com o propósito de proporcionar espaços para o desenvolvimento de atividades desportivas, enquanto nos espaços de convívio e lazer, a arquiteta introduziu um elemento de água, um riacho e um elemento de fogo, uma lareira, criando assim um espaço confortável e acolhedor.

Os três volumes que constituem o SESC Pompeia variam entre dois prismas retangulares de 45m e 52m de altura e um cilindro com 70m de altura, permitindo assim diversos pisos e pés-direitos para o exercício das atividades pretendidas. A sua estética exterior, resulta de uma construção em betão fabricada no local, onde se deixaram visíveis as marcas horizontais da sua cofragem, e a ligação entre os diversos blocos é feita através de estreitas e elegantes pontes de 2m de largura (Figura 57).

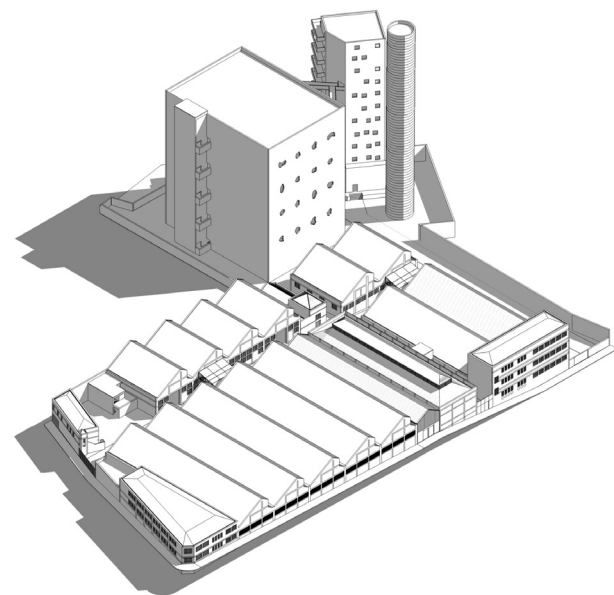


Figura 59 - Axonometria 3D do projeto SESC Pompeia
[autor: José Daniel Vega; fonte: Catálogo de arquitectura.
catalogosdearquitectura.wordpress.com]

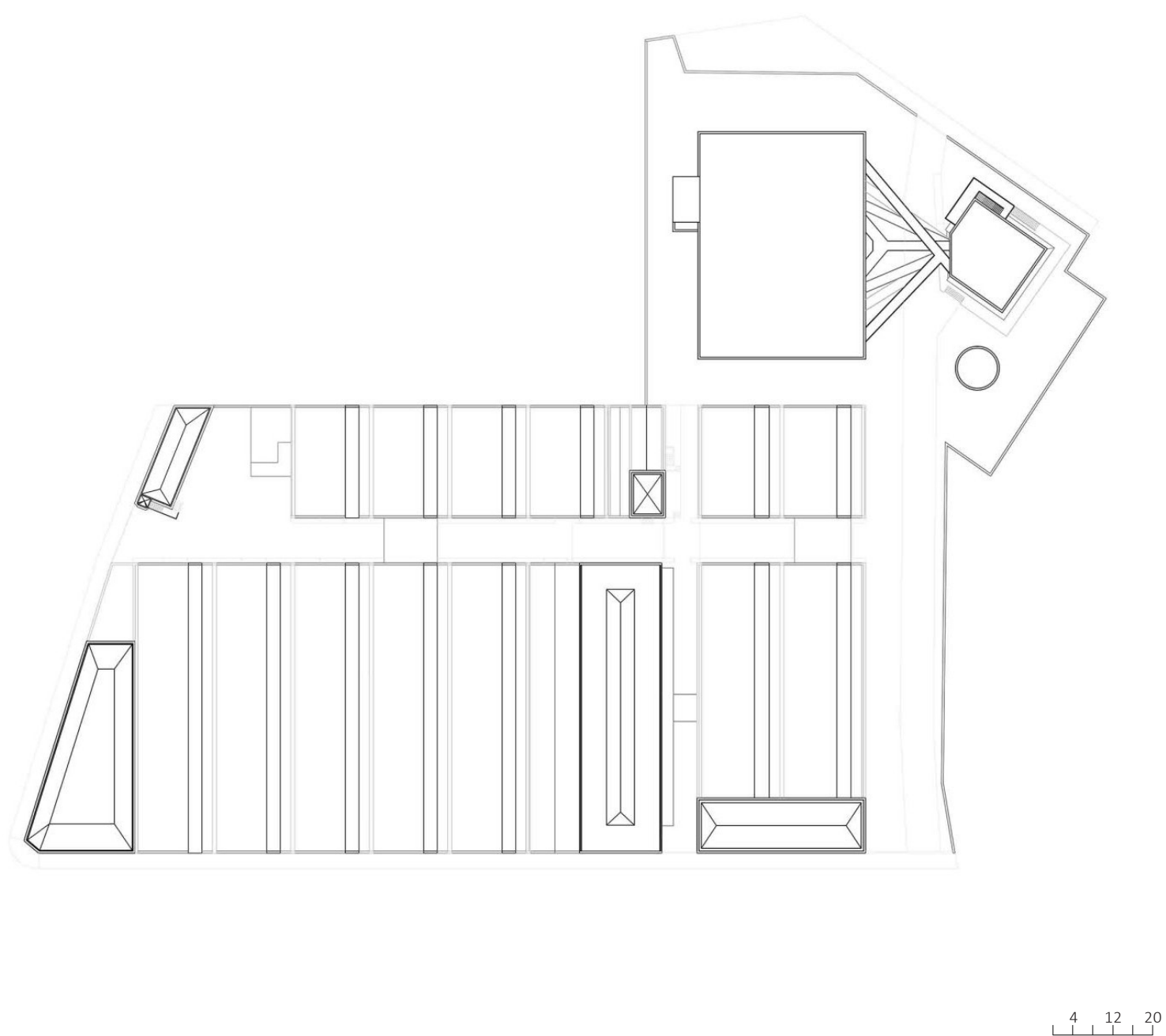


Figura 60 - Planta de cobertura [autor: José Daniel Vega; fonte: Catálogo de arquitetura. catalogosdearquitettura.wordpress.com]

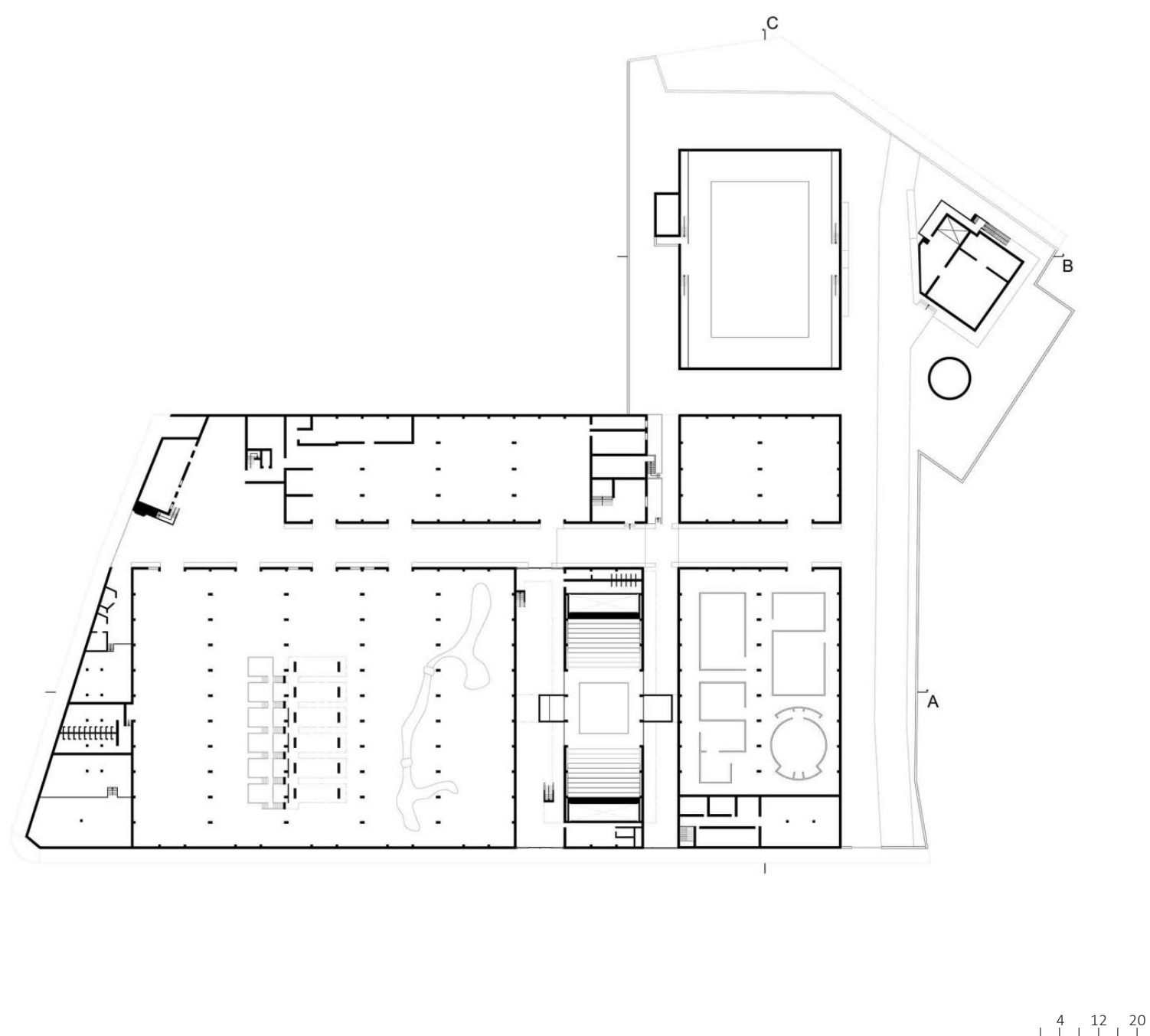
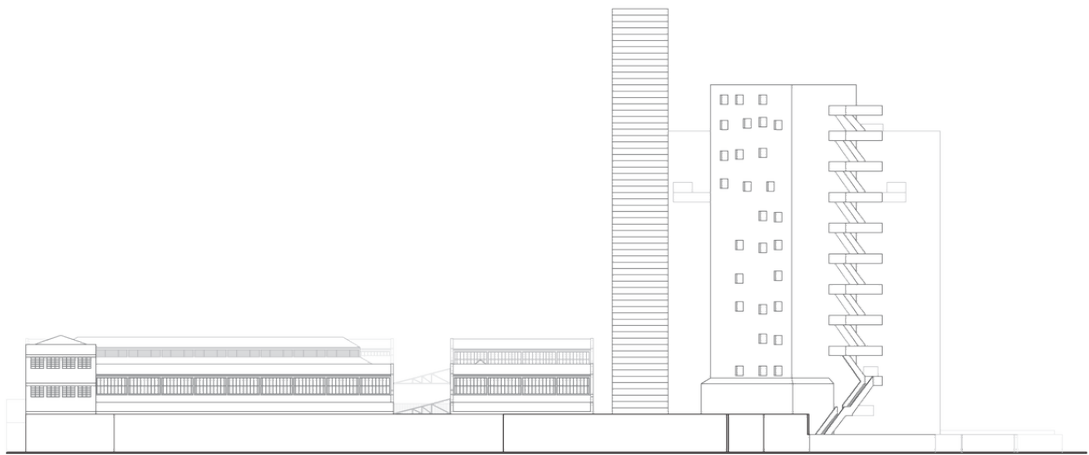
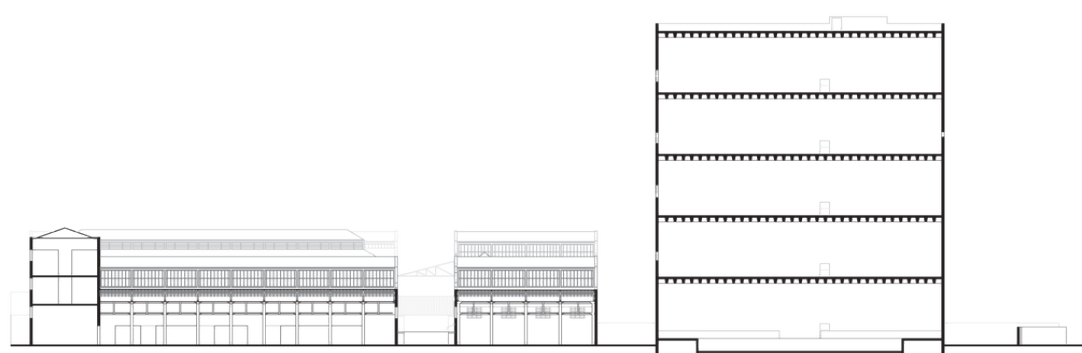


Figura 61 - Planta do piso térreo [autor: José Daniel Vega;
fonte: Catálogo de arquitectura. catalogosdearquitectura.wordpress.com]



4 12 20

Figura 62 - Fachada Este [autor: José Daniel Vega; fonte: Catálogo de arquitectura. catalogosdearquitectura.wordpress.com]



4 12 20

Figura 63 - Corte C [autor: José Daniel Vega; fonte: Catálogo de arquitectura. catalogosdearquitectura.wordpress.com]

Como já foi referido, o sistema associativo é fundamental para o desenvolvimento positivo da sociedade tanto a nível individual como a nível coletivo. Neste contexto, a arquitetura pode contribuir para que o programa seja um fio condutor para o desenvolvimento da comunidade, através da criação de espaços de qualidade para a realização das atividades associativas, mas pode também ser indutora de novas dinâmicas e vivências urbanas. Esta foi a premissa de partida para a definição da proposta para o Centro Social de Marvila.

Na zona de lazer, são propostas uma série de construções pequenas onde se poderão instalar restaurantes e cafés, zona de cinema ao ar livre, e até mesmo pequenas áreas de exposições para artistas locais. A maioria da população de Marvila não é financeiramente estável, e por isso, um dos maiores objetivos desta proposta é não só o aumento da oferta cultural e de locais apropriados de socialização, mas também a criação de infraestruturas que permitam o desenvolvimento económico desta sociedade. Os espaços de restauração devem ser, primeiramente, uma oportunidade para a estabilização económica desta população assim como os espaços de hortas, localizados adjacientemente à escola primária.

A introdução de um sistema de hortas tem duas principais finalidades, a de servir como ferramenta de ensino para os alunos da escola vizinha, mas também de proporcionar uma utilização privada para produção e criação de alimentos para venda ou consumo próprio. Esta simples infraestrutura não só permite sensibilizar os alunos para a importância de uma alimentação saudável e produtos naturais, como pretende criar uma fonte de rendimento através da venda dos produtos, ou até permitir que o residente possa cultivar os seus próprios alimentos.

O espaço cultural consiste numa continuação da Biblioteca de Marvila, mas que terá uma relação muito direta com o centro social proposto. A ideia de juntar o existente com o novo, e a reabilitação e restauração dos espaços, vem mais uma vez dar ênfase à ideia de memória do local e da sociedade e à importância que têm na sua preservação. A Biblioteca de Marvila é um projeto recente (2016), que foi capaz de criar um ponto de abrigo e foco de ensino junto das gerações mais novas, quase como se já existisse há várias décadas, e é este sentimento que deve ser transmitido ao longo de todo o percurso.



Saúde

Reabilitação do pólo desportivo



Social

Mercado
Espetáculos



Económico

Hortas comunitárias



Cultura

Centro cultural
Espetáculos



Mobilidade



Ponto de Informação

Jardim Urbano



Lazer

Restauração



Saúde

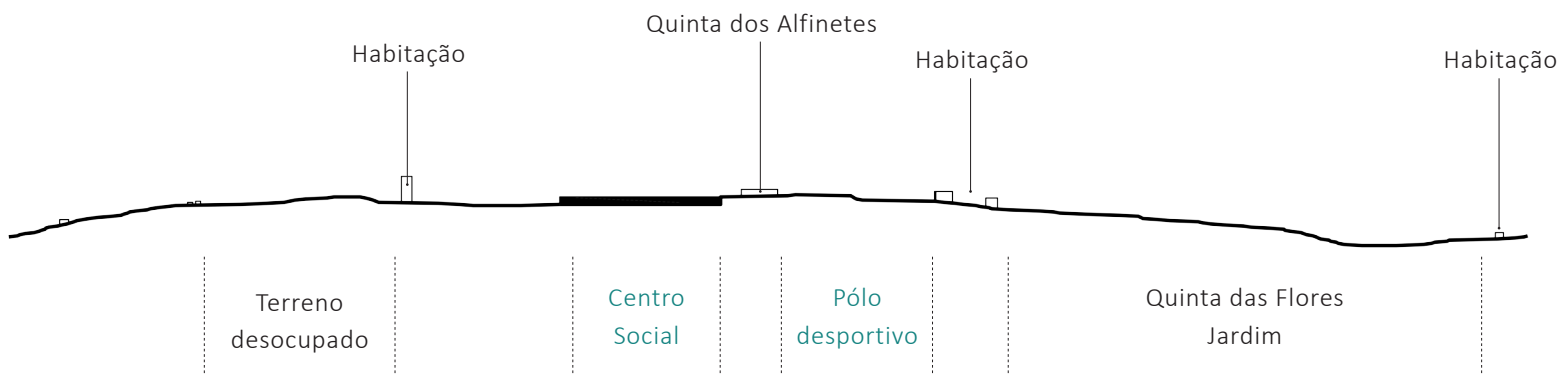
Novo pólo aquático

O Centro Social é o espaço de maior foco nesta a proposta, e visa ser um local onde se pode encontrar espaços de atividades diversas, desde zonas de pequena escala com salas para reuniões, sedes de associações, espaços de partilha de conhecimento mais reservados, assim como espaços de maior escala como um grande auditório para conferências e apresentações de diversos projetos e um grande espaço central onde poderá ser criado um mercado de levante (para venda e partilha de bens), ou até mesmo um espaço para exposições. A sua proximidade com as ruínas da Quinta dos Alfinetes permite a criação de uma relação forte entre os dois edifícios, onde esta é reabilitada e alberga o restaurante que dá apoio ao Centro Social.

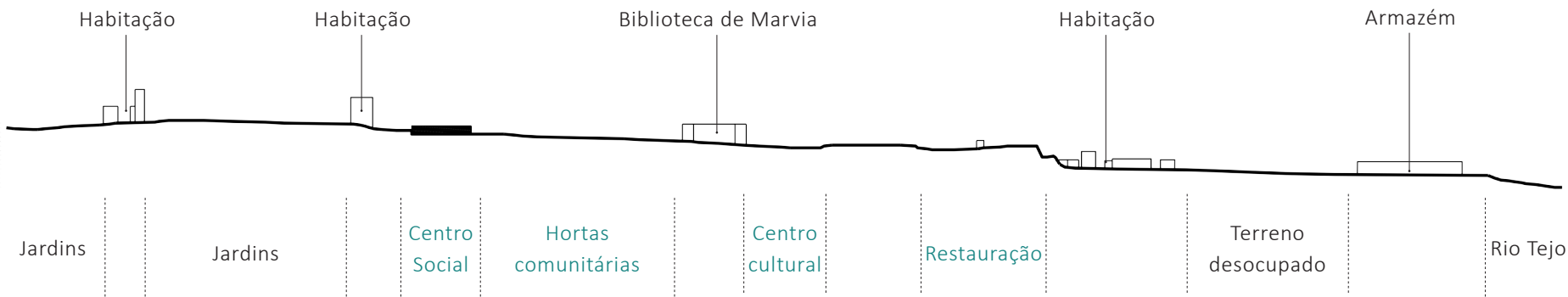
O edifício inicia-se de uma forma “enterrada” no seu terreno, até que se mostra ao público no seu acesso principal; a sua implantação (Figura 64) visa criar uma relação direta com a envolvente através de uma série de plataformas que ligam as três cotas mais significativas deste local: a cota de acesso junto à escola (cota 48), a cota da plataforma imediatamente à frente dos vários edifícios residenciais (cota 52), e, por fim, a cota de acesso à Quinta do Alfinetes (cota 58), alimentando cada vez mais a ideia de ligação entre o novo e existente.



Figura 64 - Implementação urbana da proposta (Escala: 1:7000)



B



A

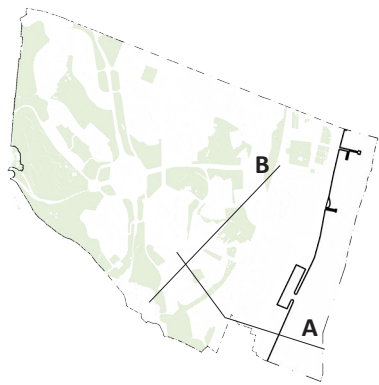


Figura 65 - Corte de implantação B com localização de estruturas existentes e propostas (Escala: 1:7000)



Figura 66 - Corte de implantação A com localização de estruturas existentes e propostas (Escala: 1:7000)

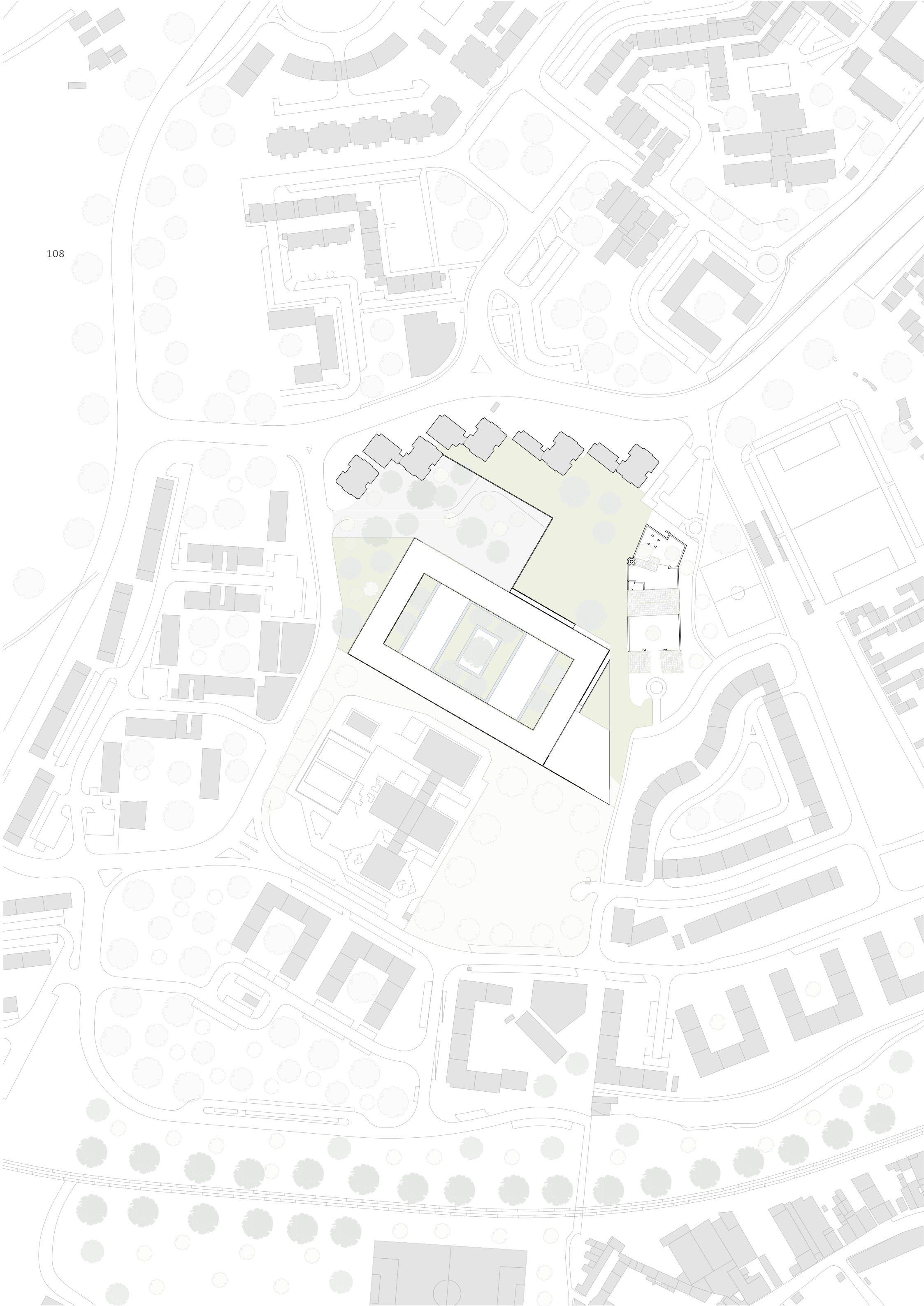


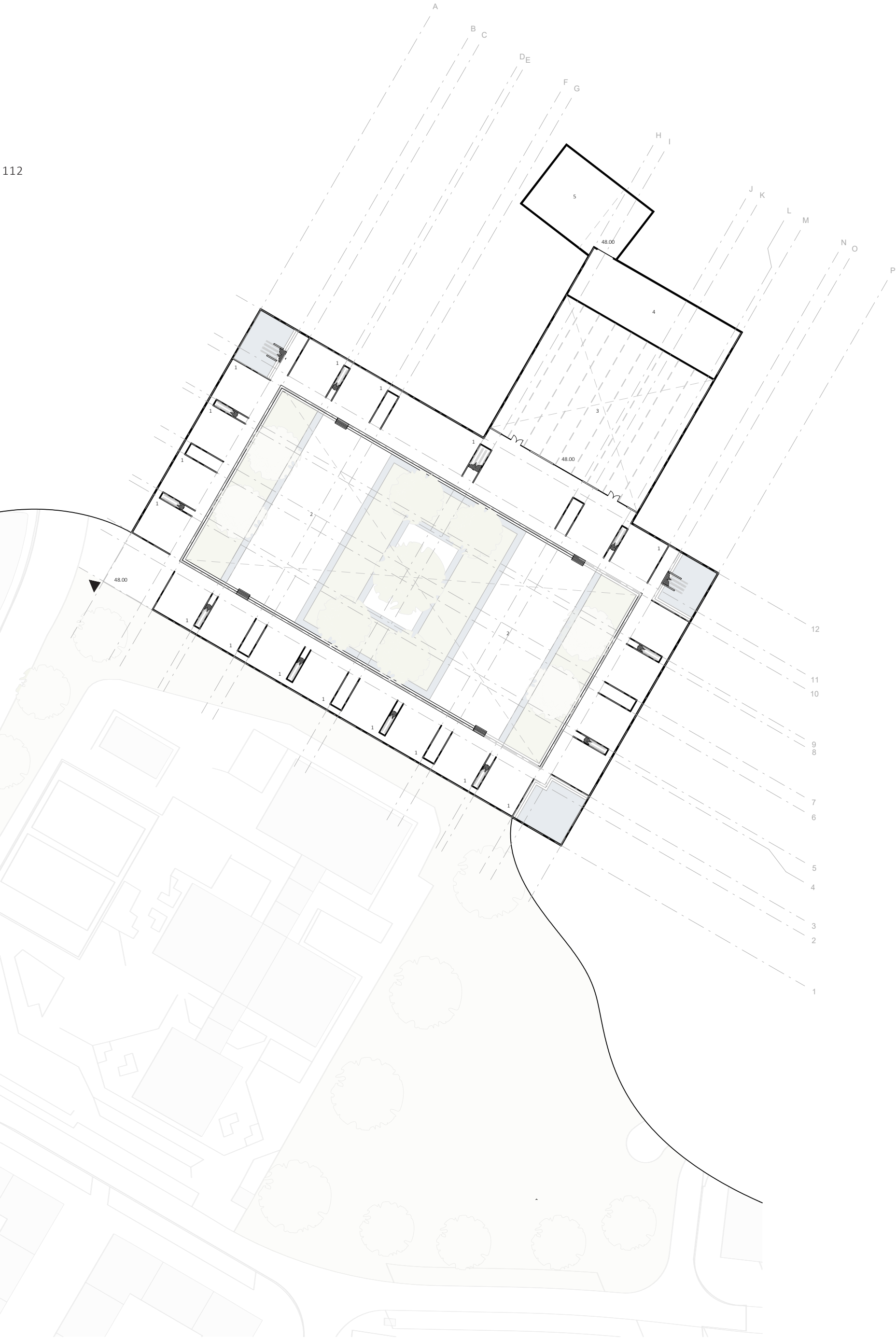


Figura 67 - Planta de implantação da proposta
(Escala: 1:2000)

As galerias são o principal sistema de circulação e de ligação entre o território que se encontra mais próximo, assim como com aquele que se encontra mais distante. Este é um edifício de carácter duro, que remonta para o passado operário e fragmentado desta zona através de um conjunto de muros de betão, que visto do exterior pode de passar despercebido. Mas, assim que se entra no espaço através dos seus percursos, estes são delicados, quase perfeitos, brancos, criando um mundo forte e abstrato que reflete o sentimento da população nos dias de hoje.

Existem três elementos principais presentes nesta tipologia – os espaços criados, os percursos e o jardim –, e é a relação entre estes três elementos que constrói todo o sistema do o Centro Social.

Esta tipologia visa promover o convívio entre a comunidade e aqueles que a visitam, assim como transmitir uma relação física com o território onde está inserida. O jogo de escalas presente neste Centro Social deve ser transmitido ao longo de todo o percurso de infraestruturas proposto criando diversos espaços com a máxima versatilidade para alojar os programas e atividades desejados.

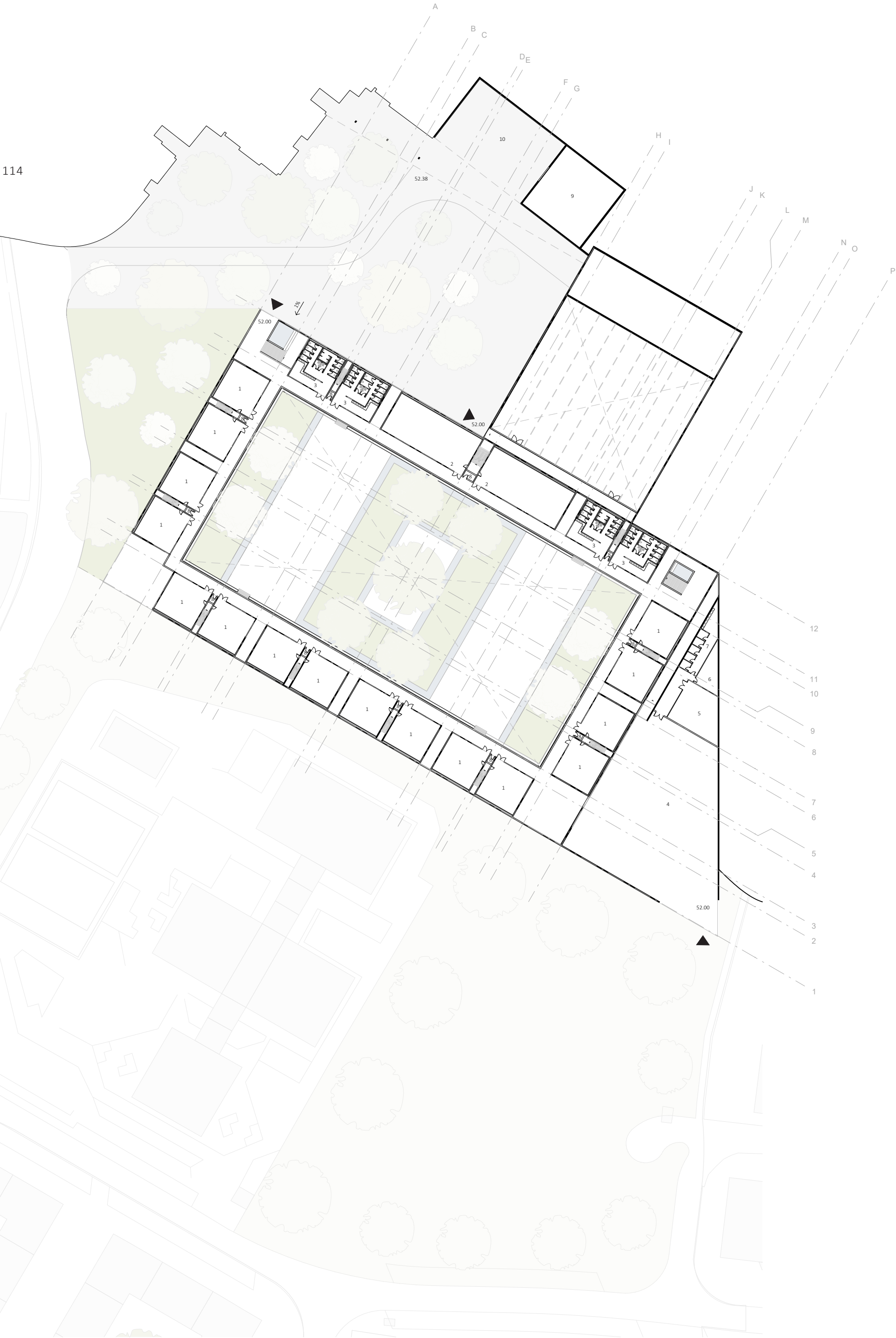


A entrada principal é feita à cota 48, do lado oeste, através de um “rasgo” na fachada de pouca largura quase a esconder o enorme jardim interior, criando uma maior surpresa ao visitante que, ao ficar curioso, acaba por ficar surpreendido com um espaço de enorme amplitude. Neste piso de entrada (Figura 68), temos os espaços de maior escala, o jardim central rodeado de “arcadas” de programa indefinido, que podem acomodar diversas atividades, assim como o grande auditório que incorpora mais alturas de pé-direito começando nos 4 metros e atingindo quase 10 metros de altura, fazendo com que este espaço se torne bastante versátil a diversos programas. A circulação é feita através de um percurso circular, à volta do jardim, encontrando pontos de água nos restantes cantos, e acessos verticais a Norte e Noroeste.

- 1- Espaço exterior multiusos
- 2- Jardim Central
- 3- Auditório
- 4- Área de apoio ao auditório
- 5- Plataforma elevatória para cargas e descargas



Figura 68 - Planta do piso de entrada (Escala: 1:1000)



No piso seguinte, para além dos acessos verticais já descritos, existe também um acesso principal à cota 52 que é partilhada com os edifícios residenciais que se encontram a norte. É também aqui que se torna bastante claro que a circulação é feita à volta do jardim mas, desta vez, através de um percurso estreito e elegante que passa por uma série de “salas” e pontos de ligação com o exterior, sendo estes pequenas varandas com aberturas verticais nos muros de betão. Na Figura 69 são introduzidos três tipos de módulos (ver Anexo), mais uma vez bastante versáteis, com uma zona de duplo pé-direito que permite abraçar atividades como reuniões, workshops e ateliers.

- 1- Salas de trabalho- Módulo 1
- 2- Salas de trabalho- Módulo 2
- 3- I.S.- Módulo I.S.
- 4- Área exterior do café
- 5- Cozinha
- 6- Arrumação
- 7- I.S. Staff
- 8- Arrumação de apoio às salas de trabalho
- 9- Plataforma elevatória
- 10- Área de cargas e descargas



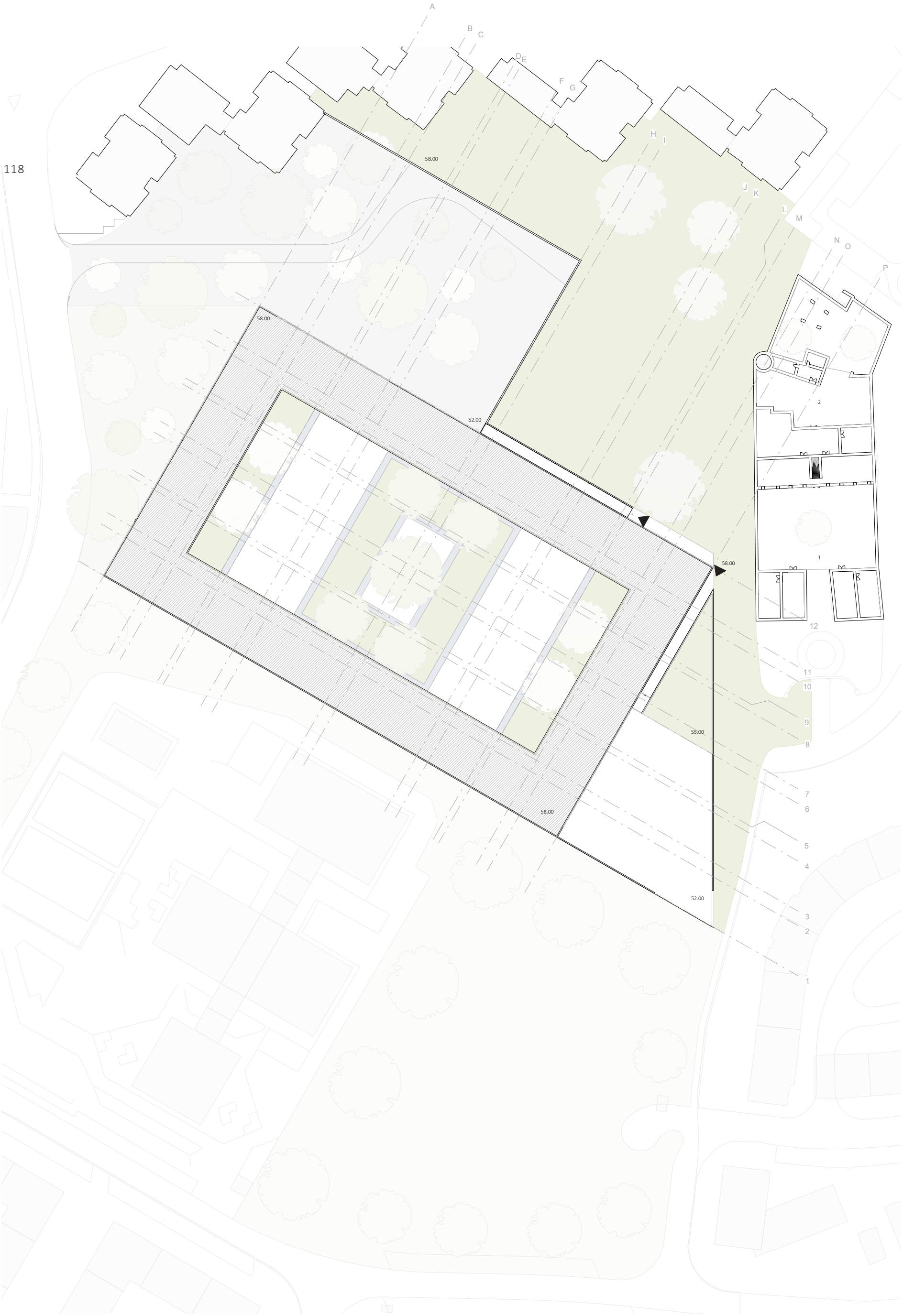
Figura 69 - Planta do piso principal (Escala: 1:1000)



- 1- Salas de trabalho- Módulo 1
- 2- Salas de trabalho- Módulo 2
- 3- I.S.- Módulo I.S.
- 4- Área exterior do café
- 5- Plataforma elevatória
- 6- Área de cargas e descargas



Figura 70 - Planta do piso secundário (Escala: 1:1000)



Através da planta de cobertura, é possível identificar as diversas plataformas que pertencem a este edifício assim com as ligações diretas com a sua envolvente. Todas as plataformas de cobertura são ajardinadas e acessíveis a qualquer pessoa, permitindo que este espaço se apresente como um jardim em todo o seu conjunto, e criando uma zona “verde” de convívio e local para atividades como exposições, conferências, entre outros.

Aqui torna-se evidente a ligação com a Quinta dos Alfinetes onde é proposto uma zona de restauração de apoio às atividades exercidas no Centro assim como uma ligação direta à plataforma de acesso aos edifícios residenciais.

- 1- Jardim principal do restaurante
- 2- Restaurante



Figura 71 - Planta do piso de cobertura (Escala: 1:1000)

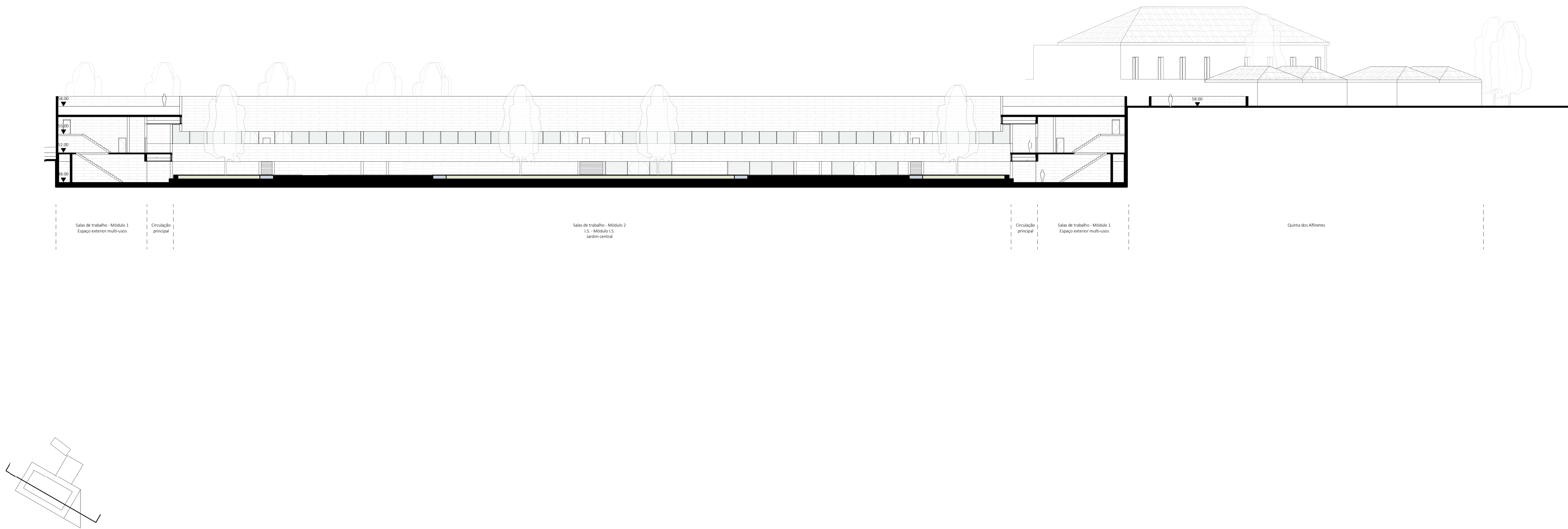


Figura 72 - Corte A (Escala: 1:400)

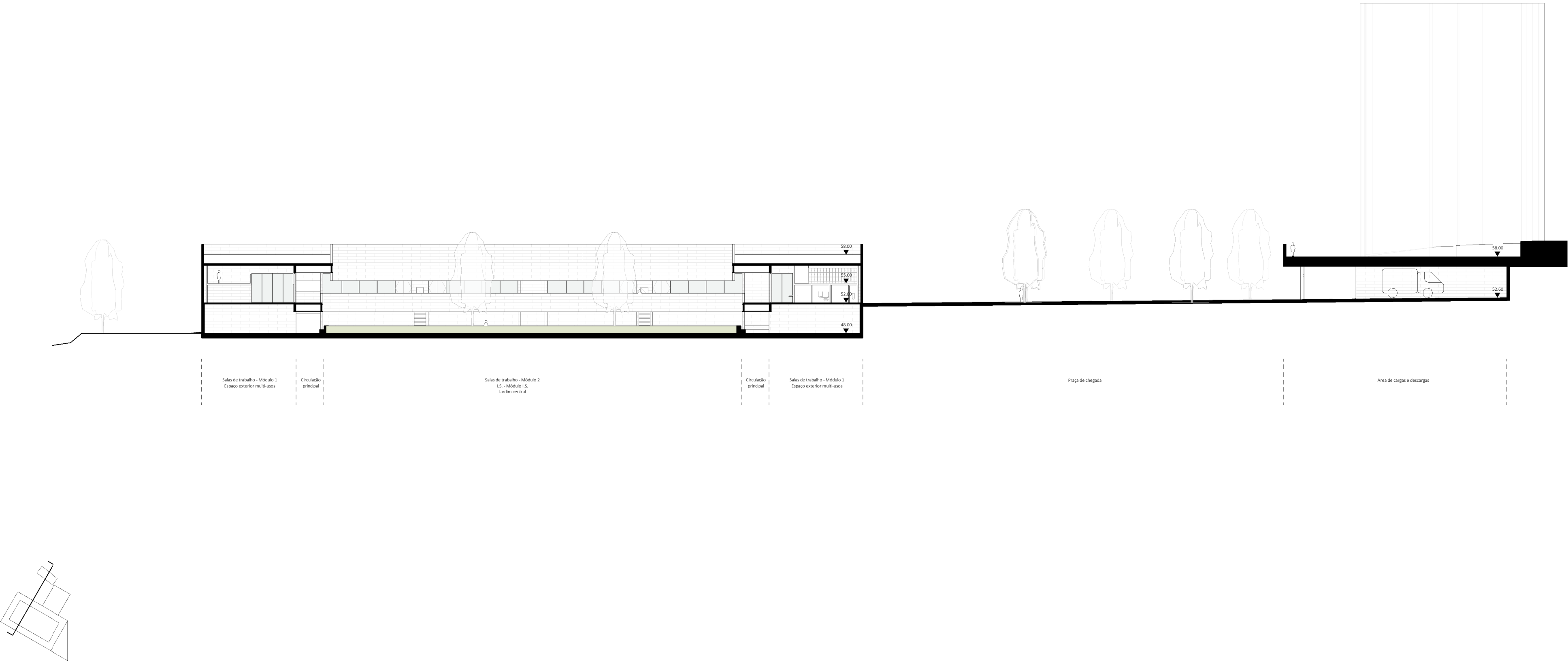


Figura 73 - Corte B (Escala: 1:400)

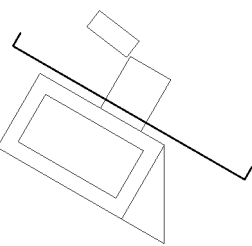
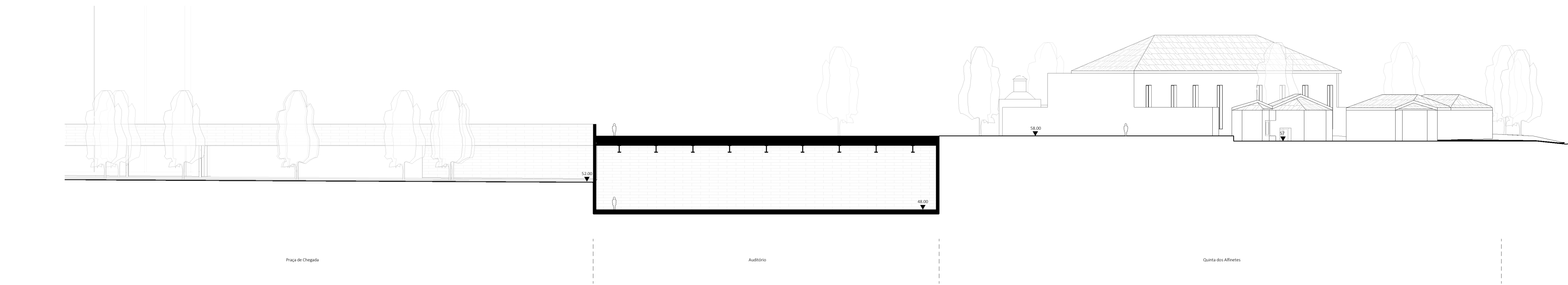


Figura 74 - Corte C (Escala: 1:400)

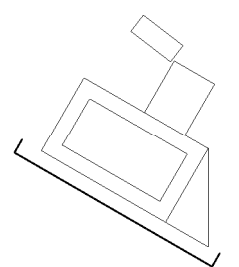
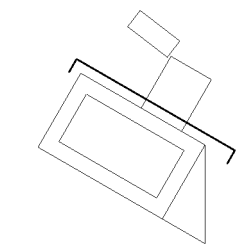
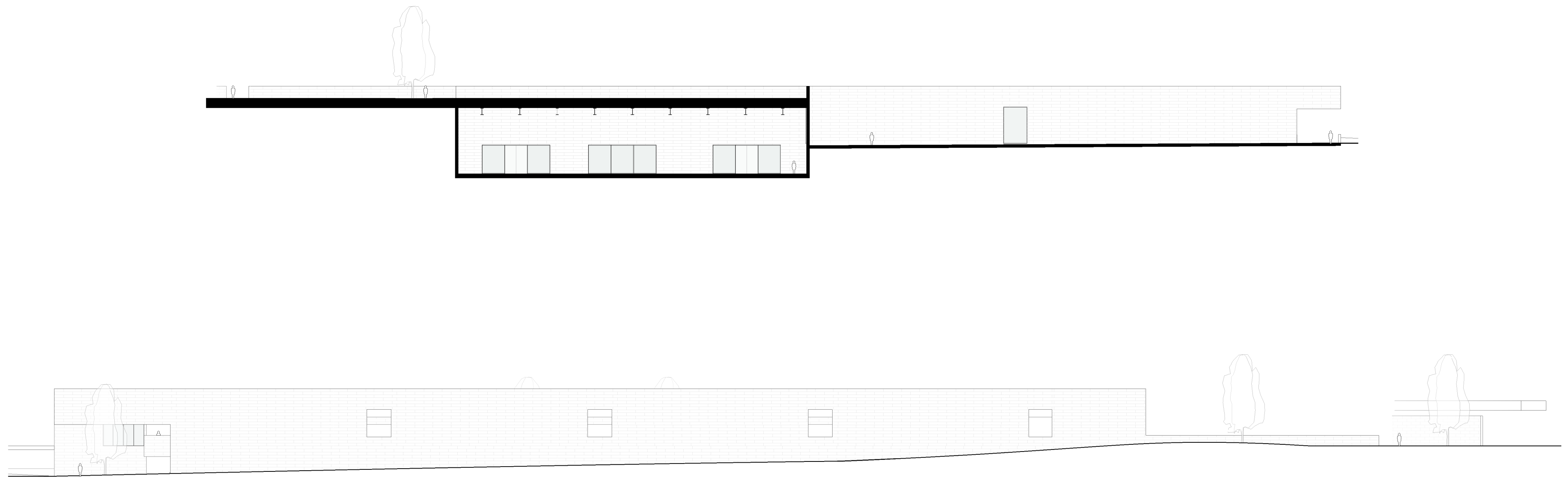


Figura 75 - Alçado Norte (Escala: 1:400)

Figura 76 - Alçado Sul (Escala: 1:400)

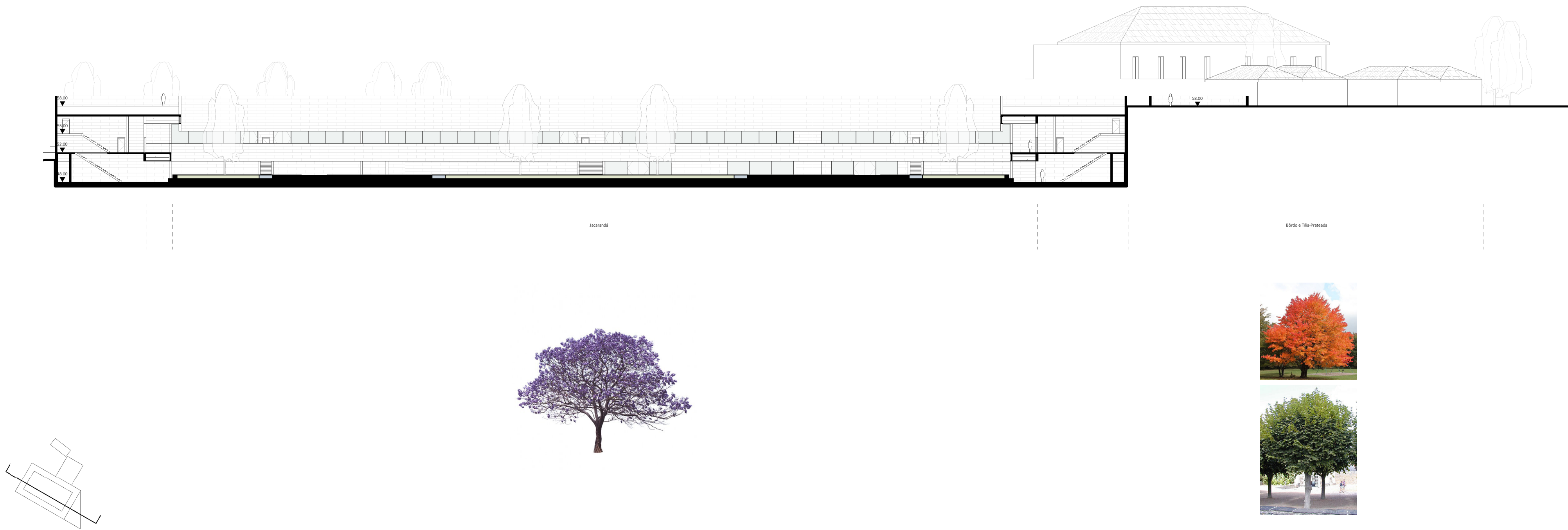


Figura 77 - Corte A com representação do tipo de árvores
(Escala: 1:400)

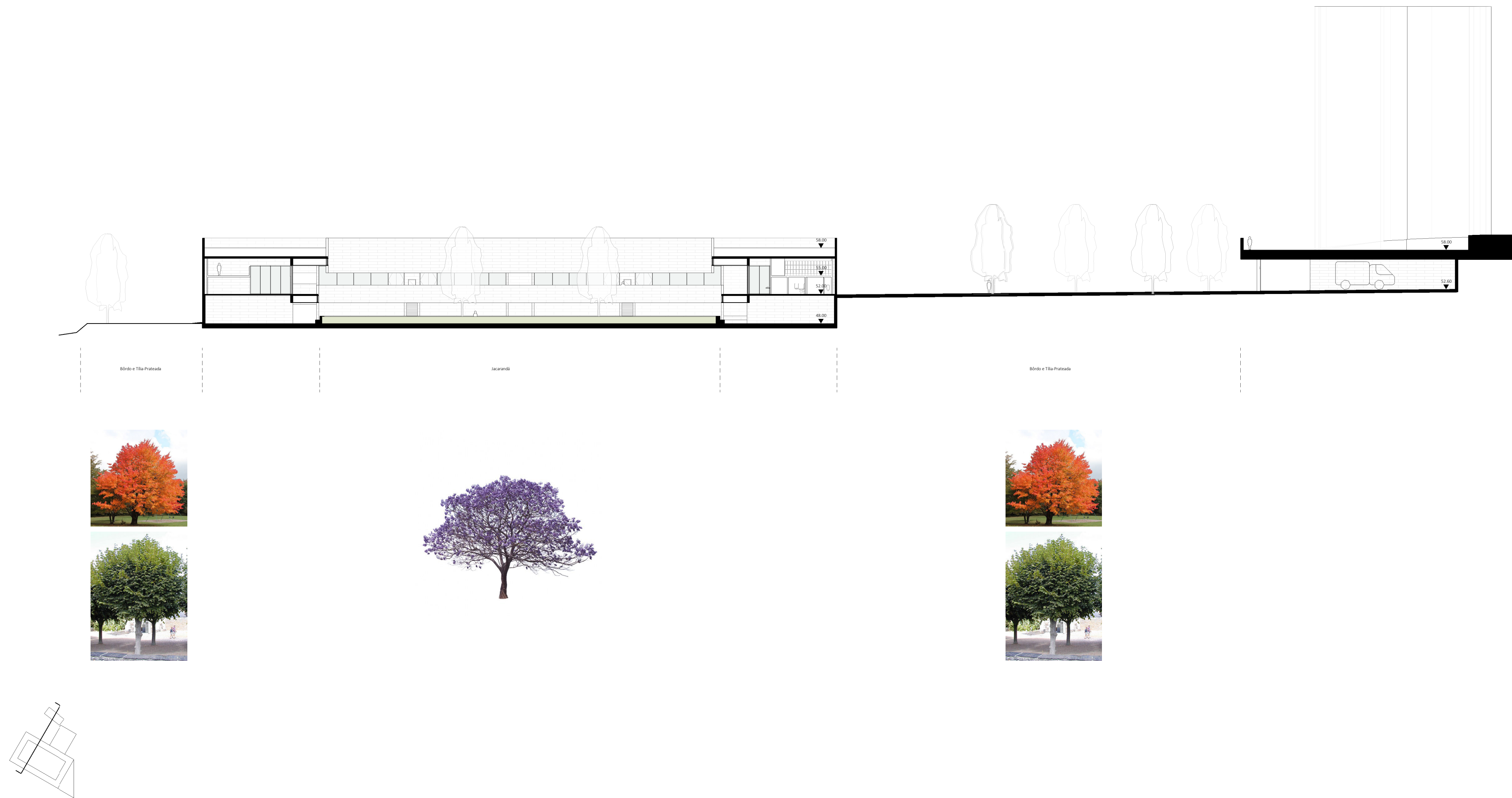


Figura 78 - Corte B com representação do tipo de árvores
(Escala: 1:400)

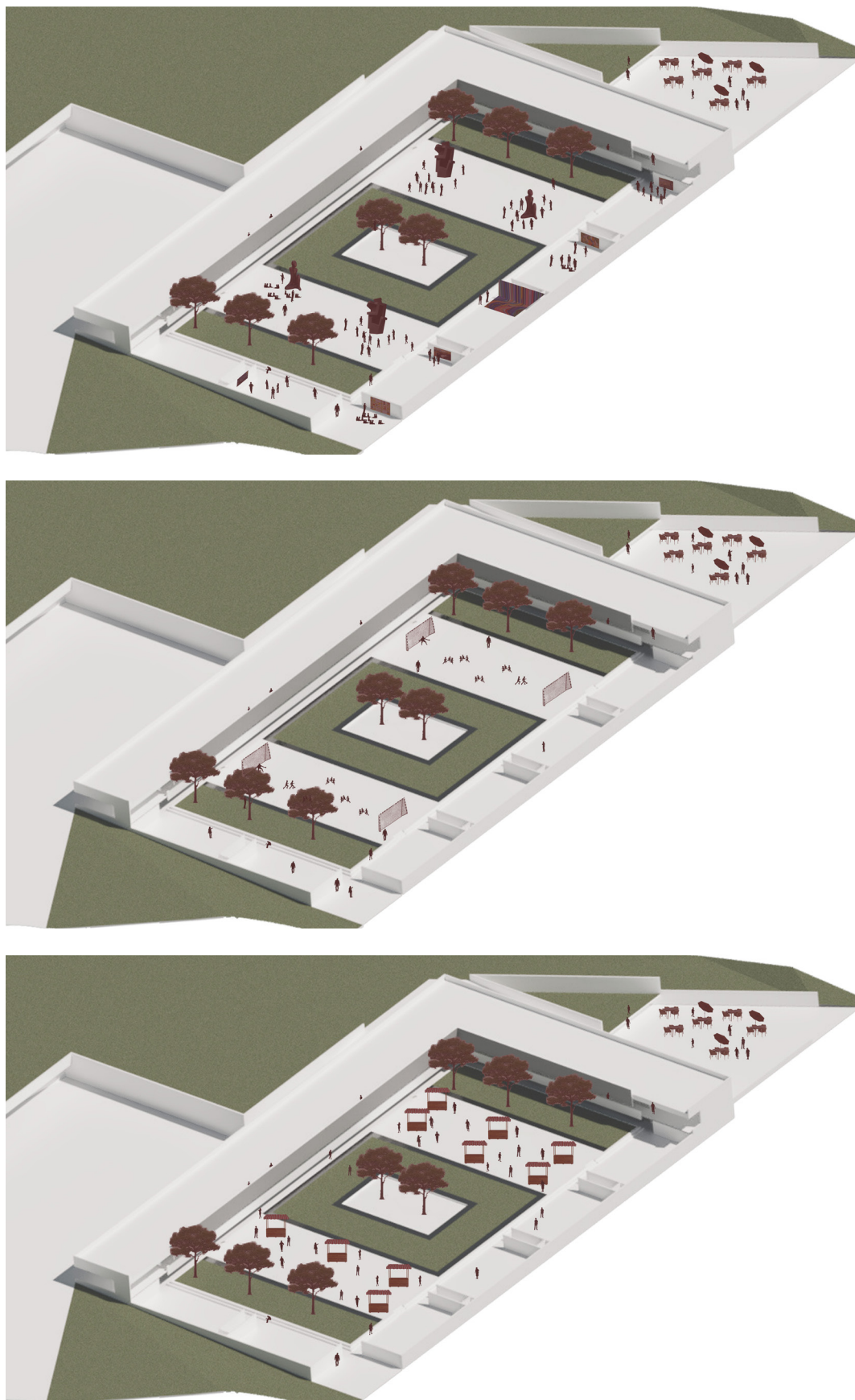


Figura 79 - Proposta de utilização do espaço central - centro de exposição

Figura 80 - Proposta de utilização do espaço central - centro desportivo

Figura 81 - Proposta de utilização do espaço central - área de mercado

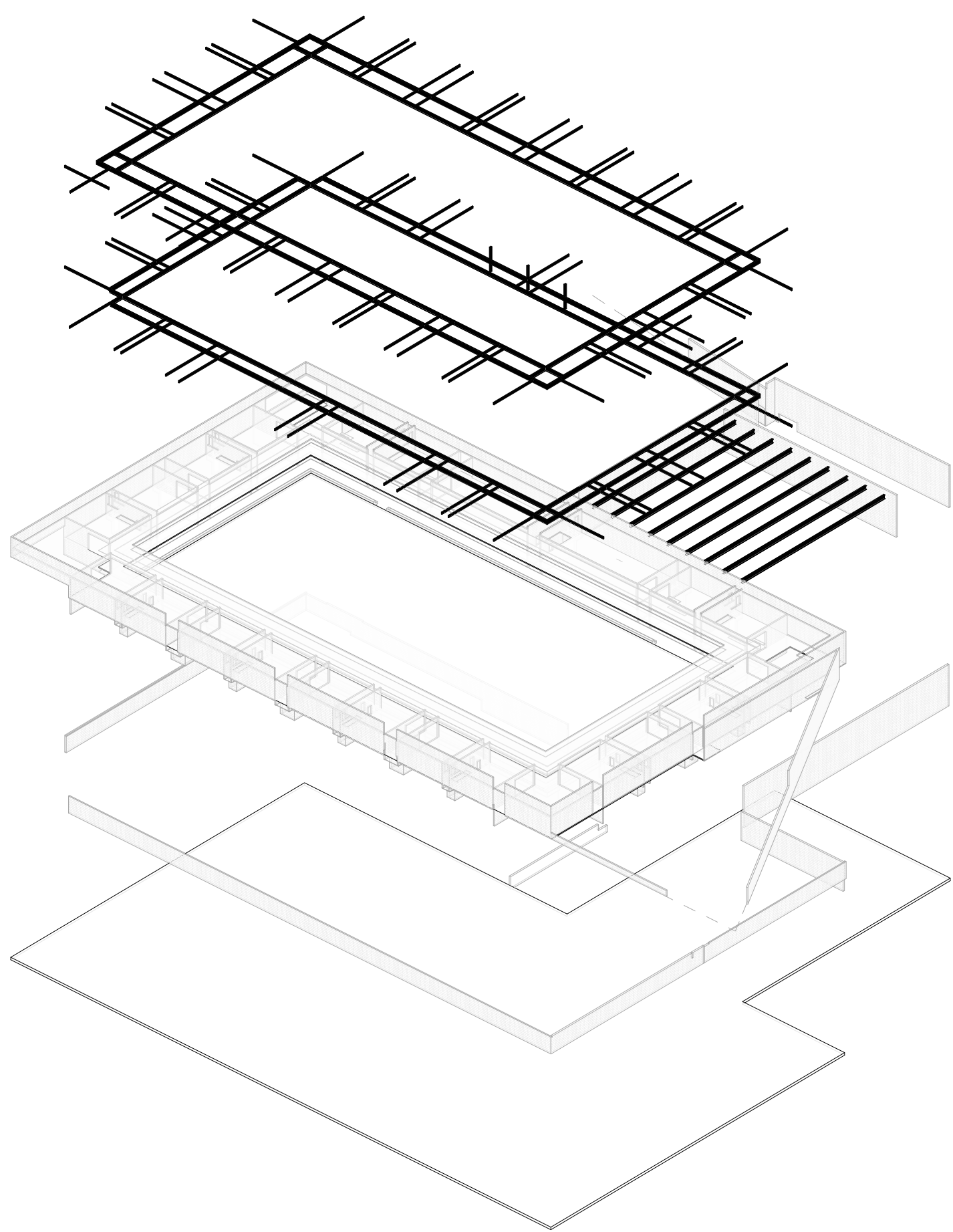


Figura 82 - Axonometria de representação da estrutura

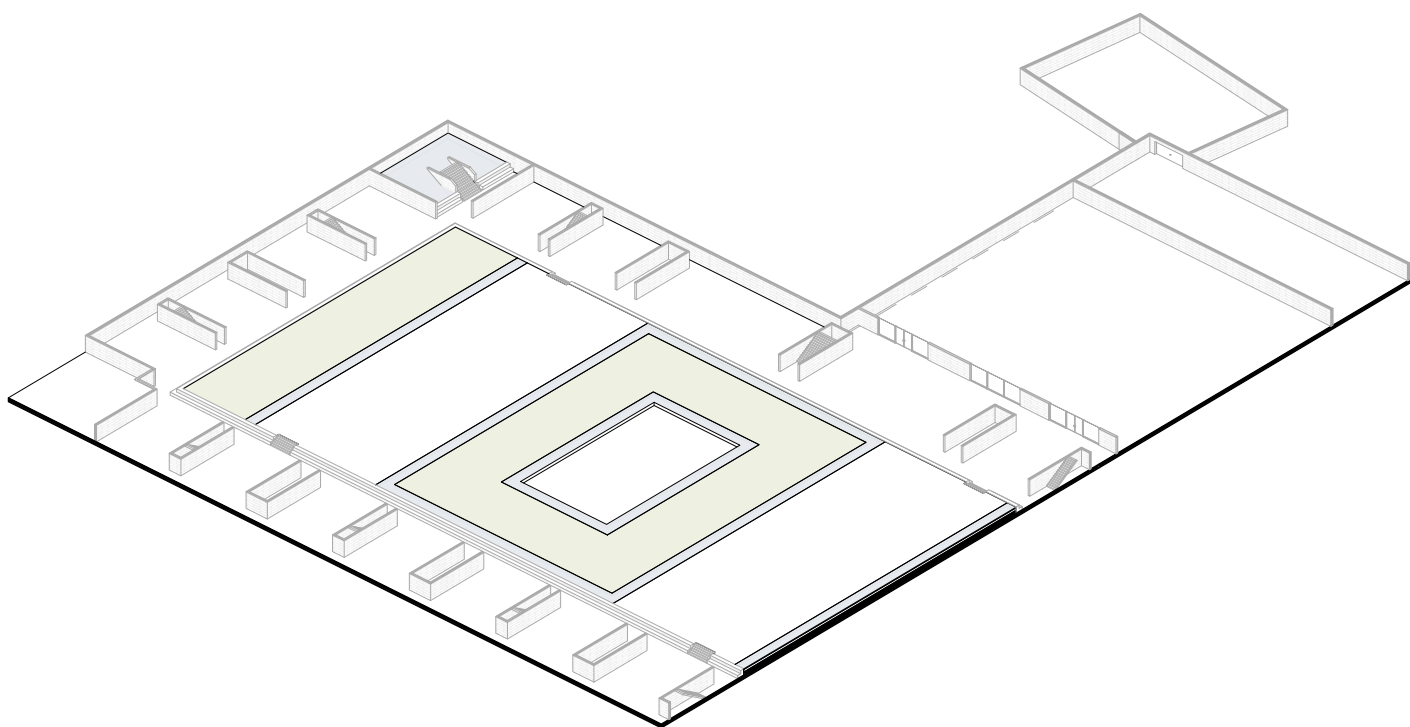
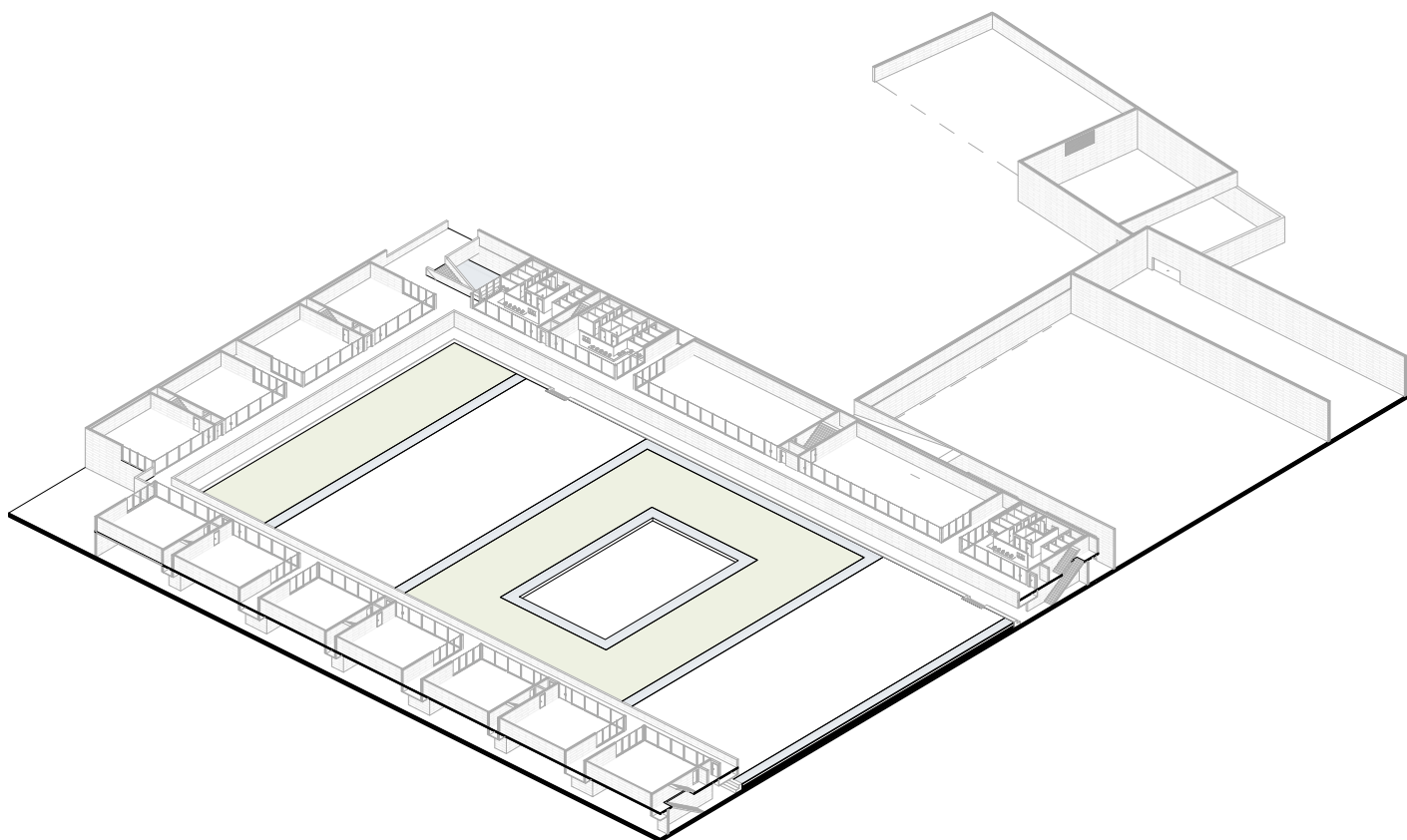
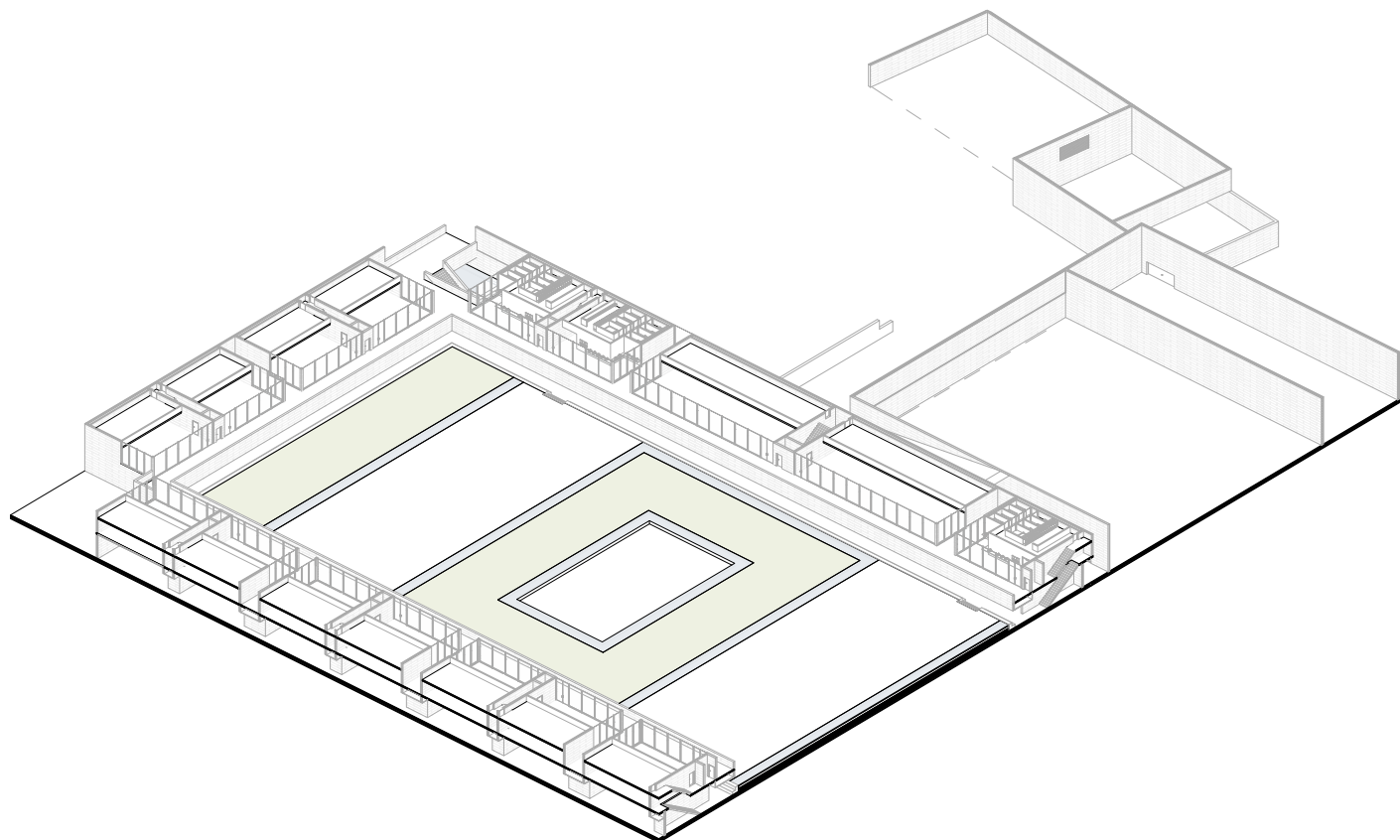
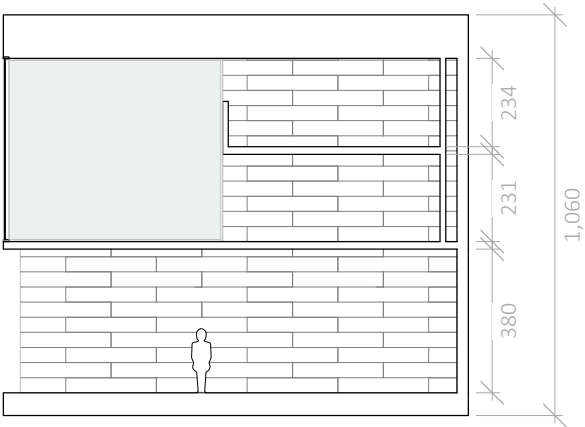
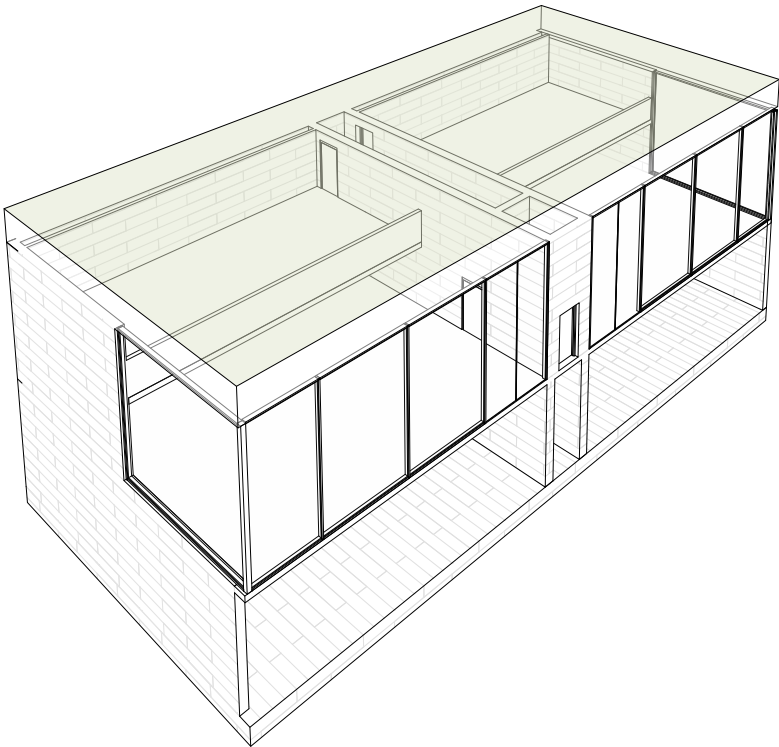
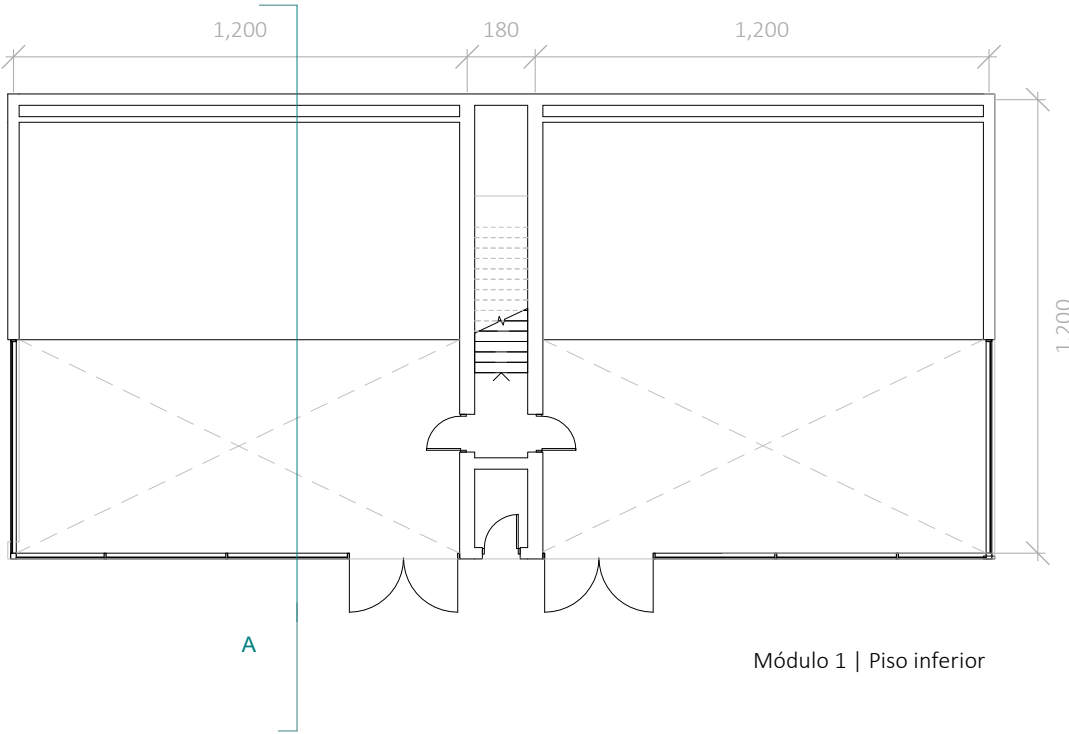
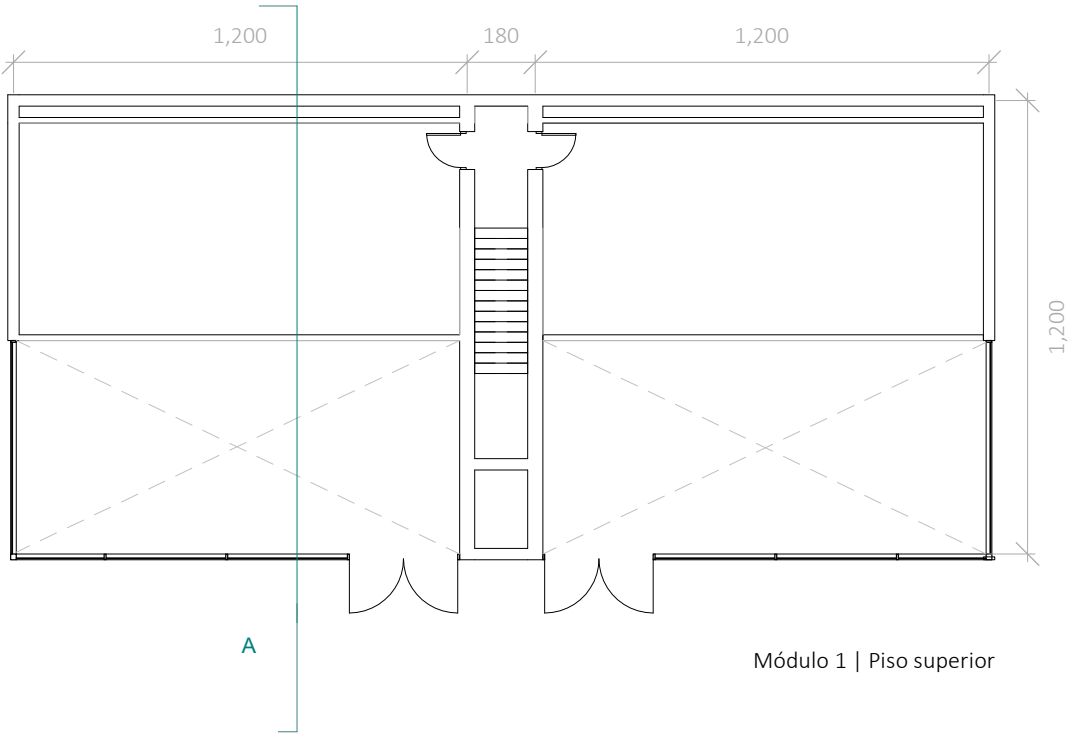


Figura 83 - Axonometria do piso secundário (cota 55)

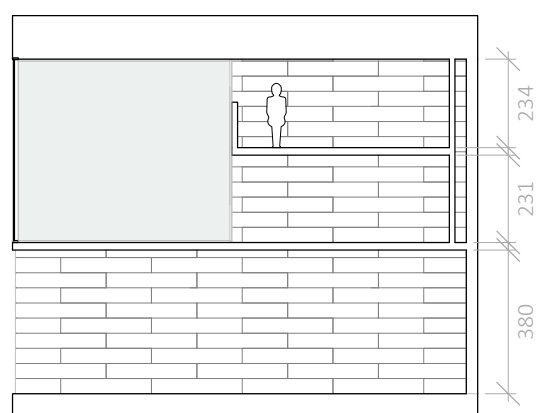
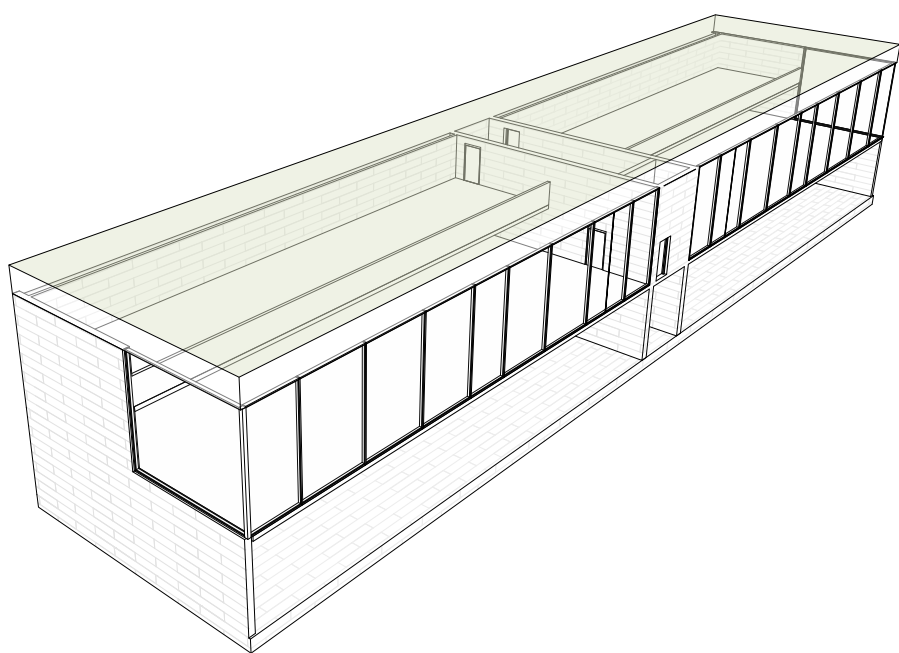
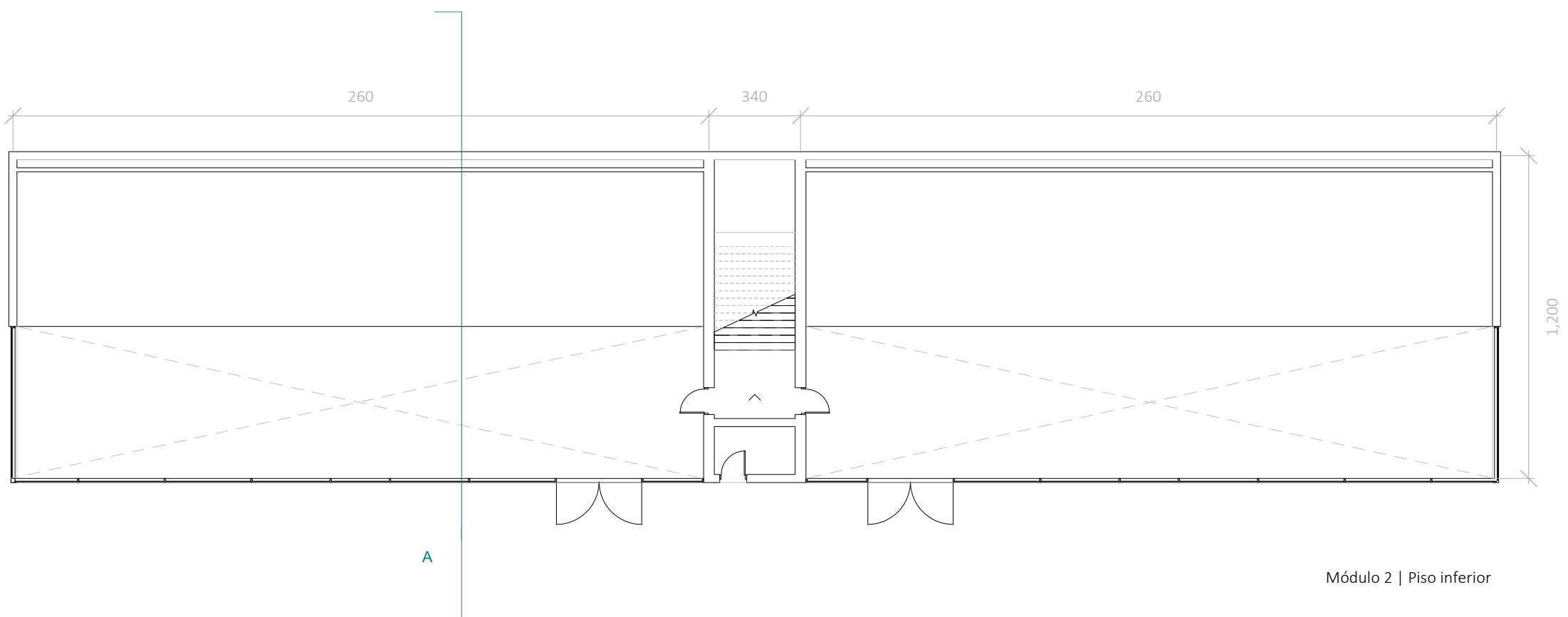
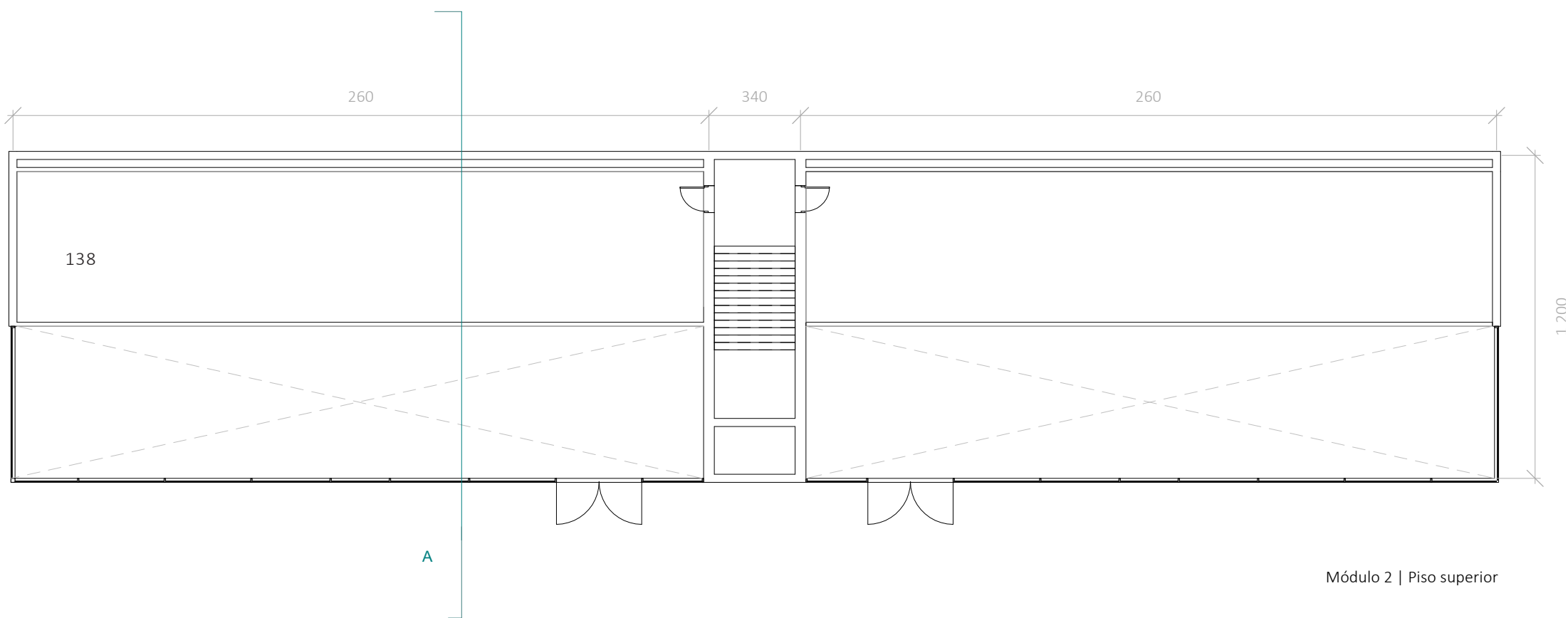
Figura 84 - Axonometria do piso principal (cota 52)

Figura 85 - Axonometria do piso de entrada (cota 48)



Módulo 1 | Corte

Figura 86 - Módulo 1 - Plantas, corte e 3D (Escala: 1:200)



Módulo 2 | Corte

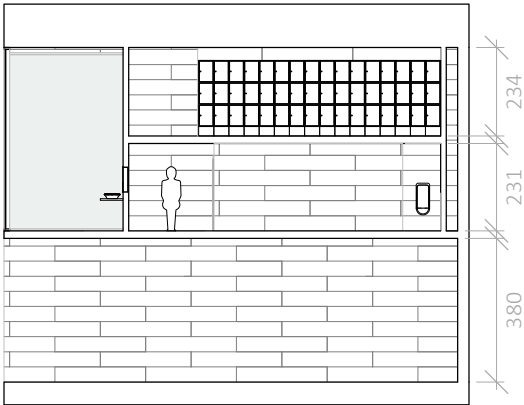
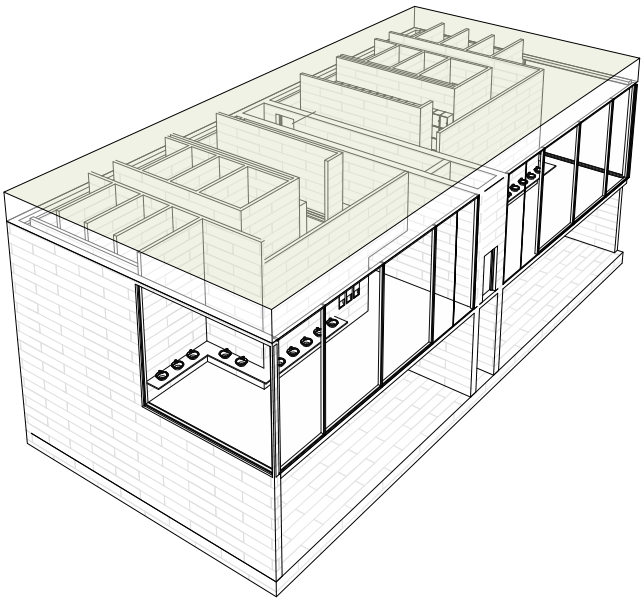
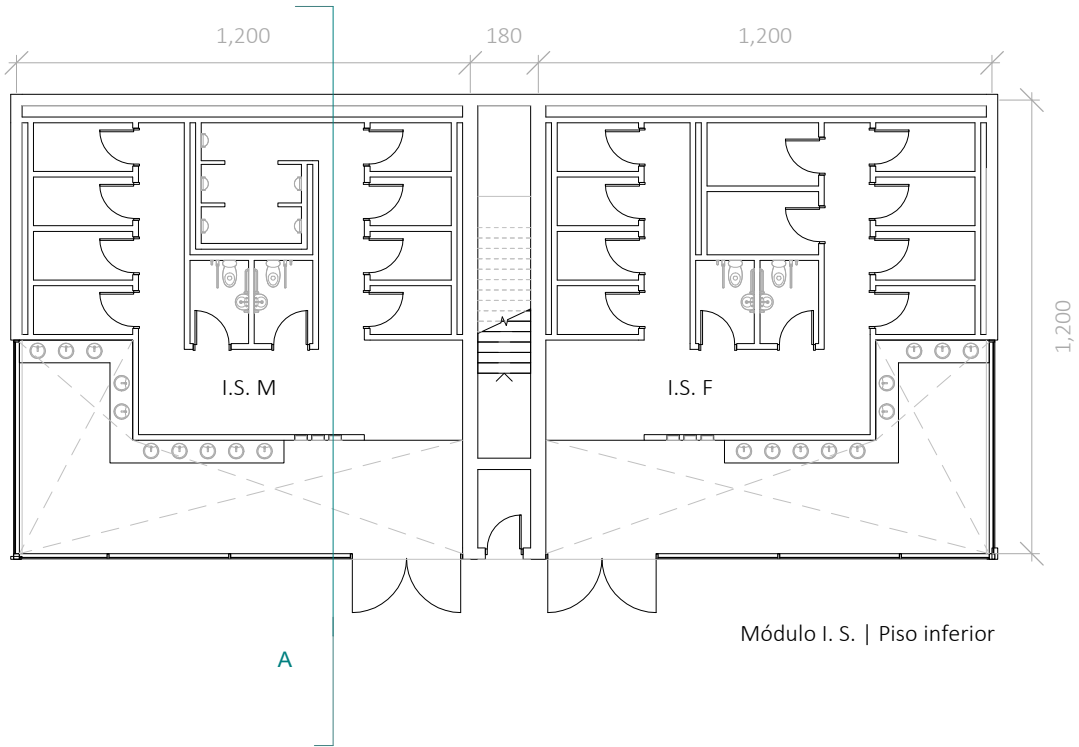
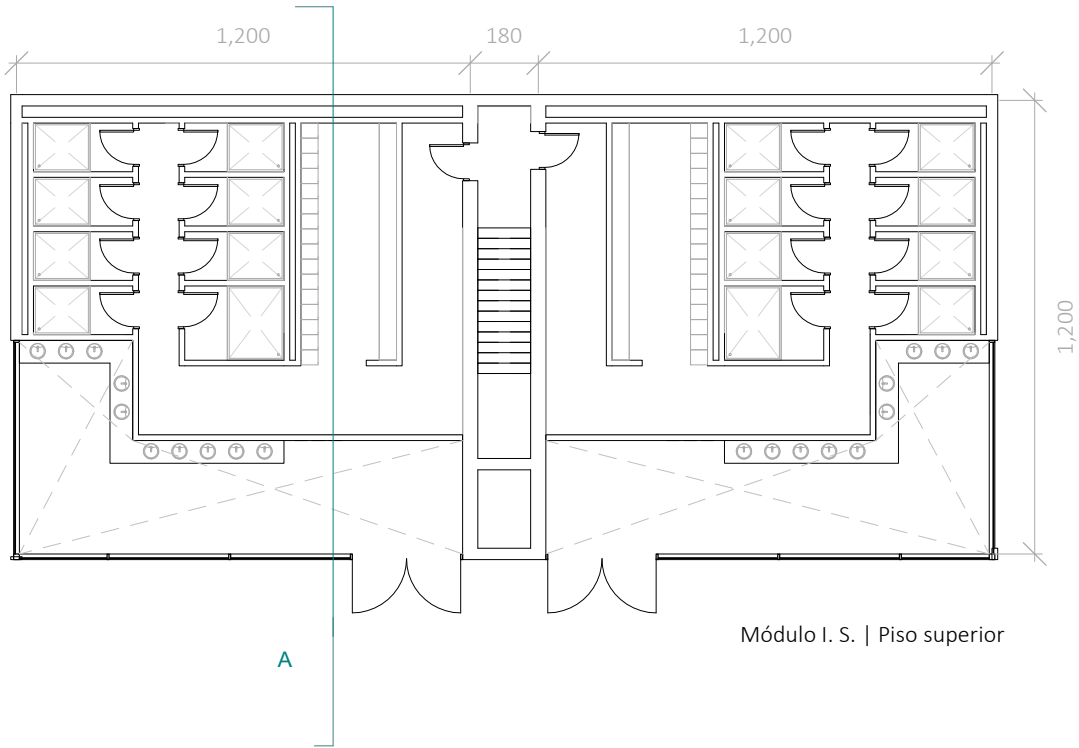
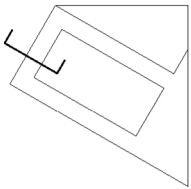
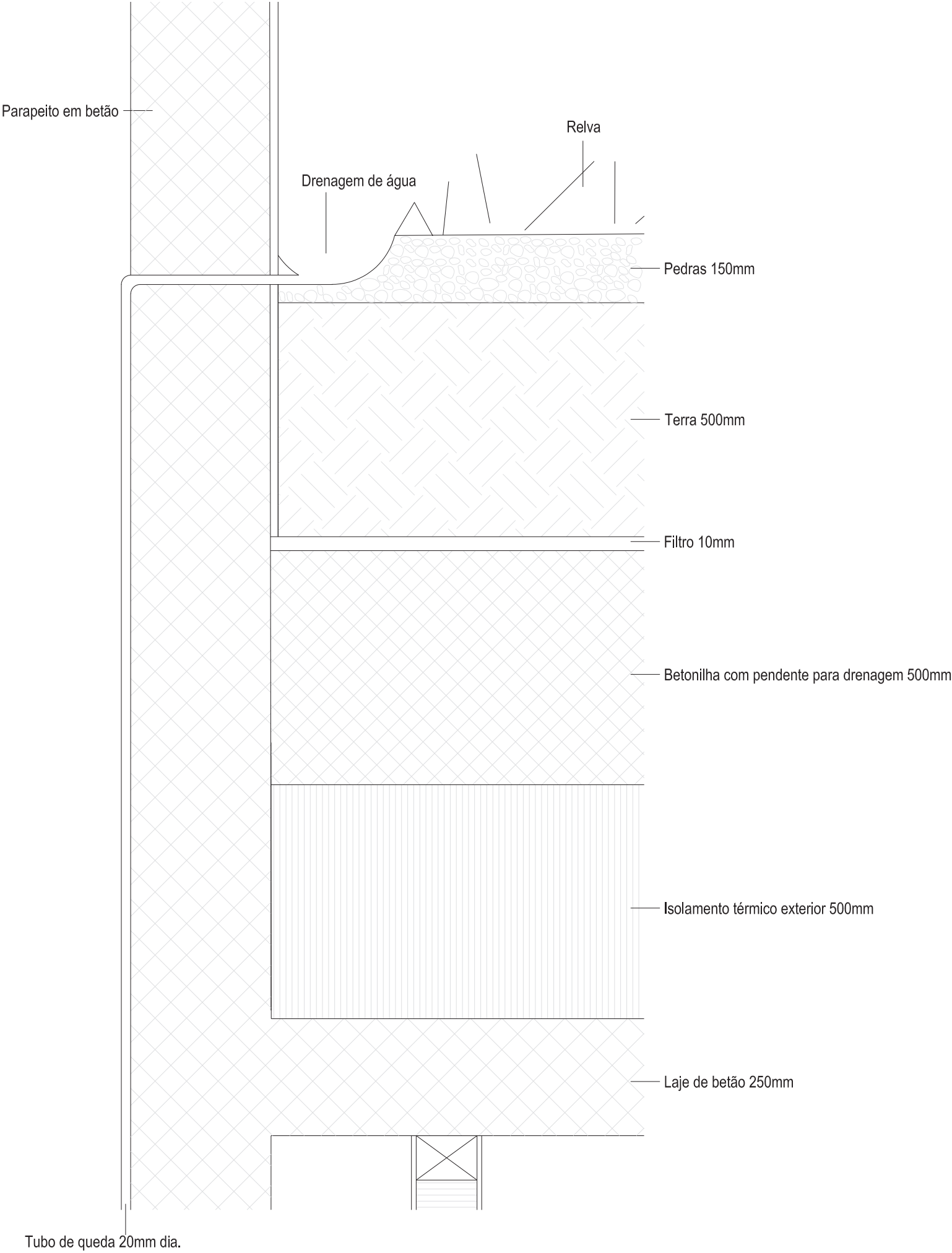


Figura 88 - Módulo 2 - Plantas, corte e 3D (Escala: 1:200)



- | | |
|--|---|
| 01 - Relva | 13 - Pavimento cerâmico 15mm |
| 02 - Pedras 150mm | 14 - Argamassa de assentamento 15mm |
| 03 - Terra 500mm | 15 - Betonilha com aquecimento 80mm e membrana plástica 1mm |
| 04 - Filtro 10mm | 16 - Isolamento 40mm |
| 05 - Betonilha com pendente para drenagem 500mm | 17 - Laje de betão 200mm |
| 06 - Isolamento térmico exterior 500mm | 18 - Betão armado 250mm |
| 07 - Laje de betão 250mm | 19 - Pavimento cerâmico 15mm |
| 08 - Muro de contenção de betão 300mm | 20 - Argamassa de assentamento 15mm |
| 09 - Caixa de ar 300mm | 21 - Betonilha 65mm |
| 10 - Pladur 10mm | 22 - Laje de betão 200mm |
| 11 - Armação metálica com isolamento térmico 130mm | 23 - Pedras 100mm |
| 12 - Pladur 10mm | 24 - Terra 70mm |
| | 25 - Betão armado 200mm |

Figura 89 - Detalhes (Escala: 1:10)

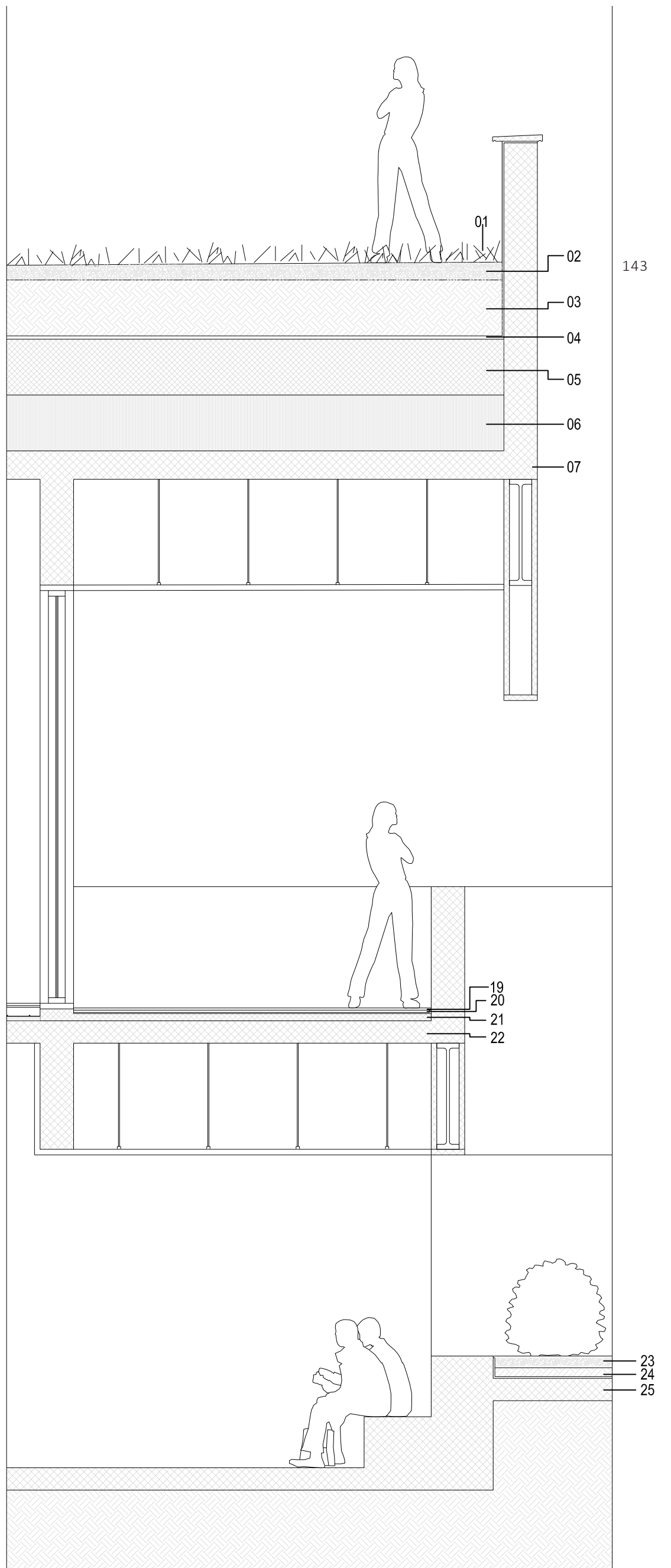
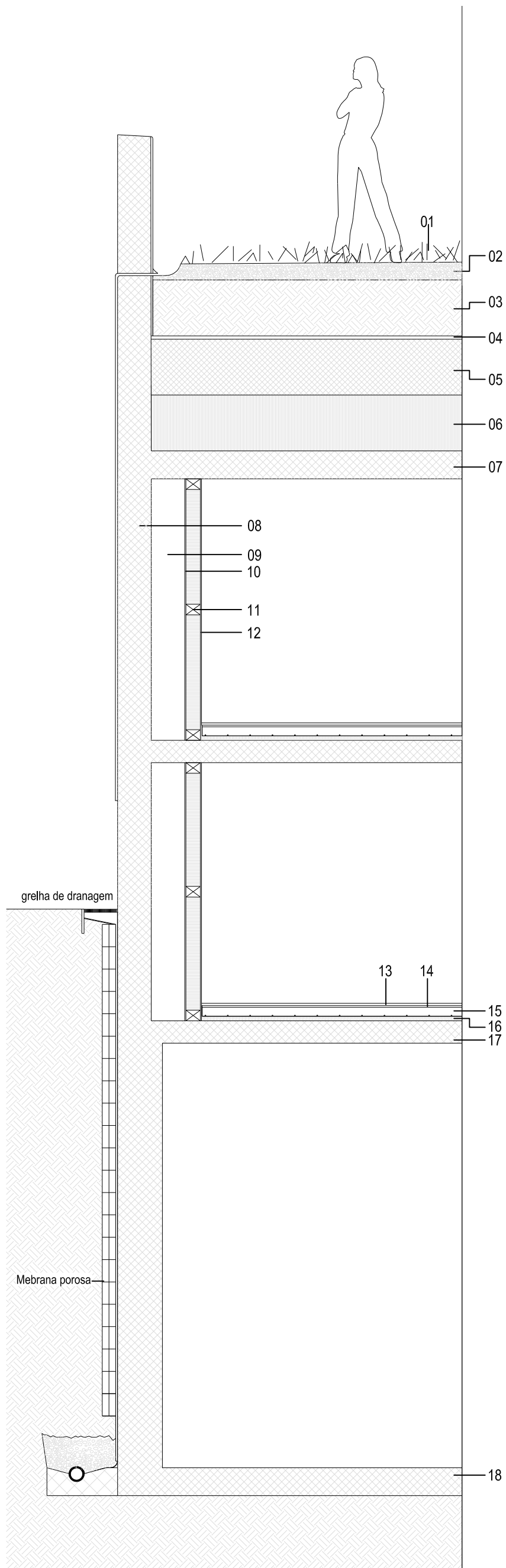


Figura 90 - Corte construtivo (Escala: 1:40)

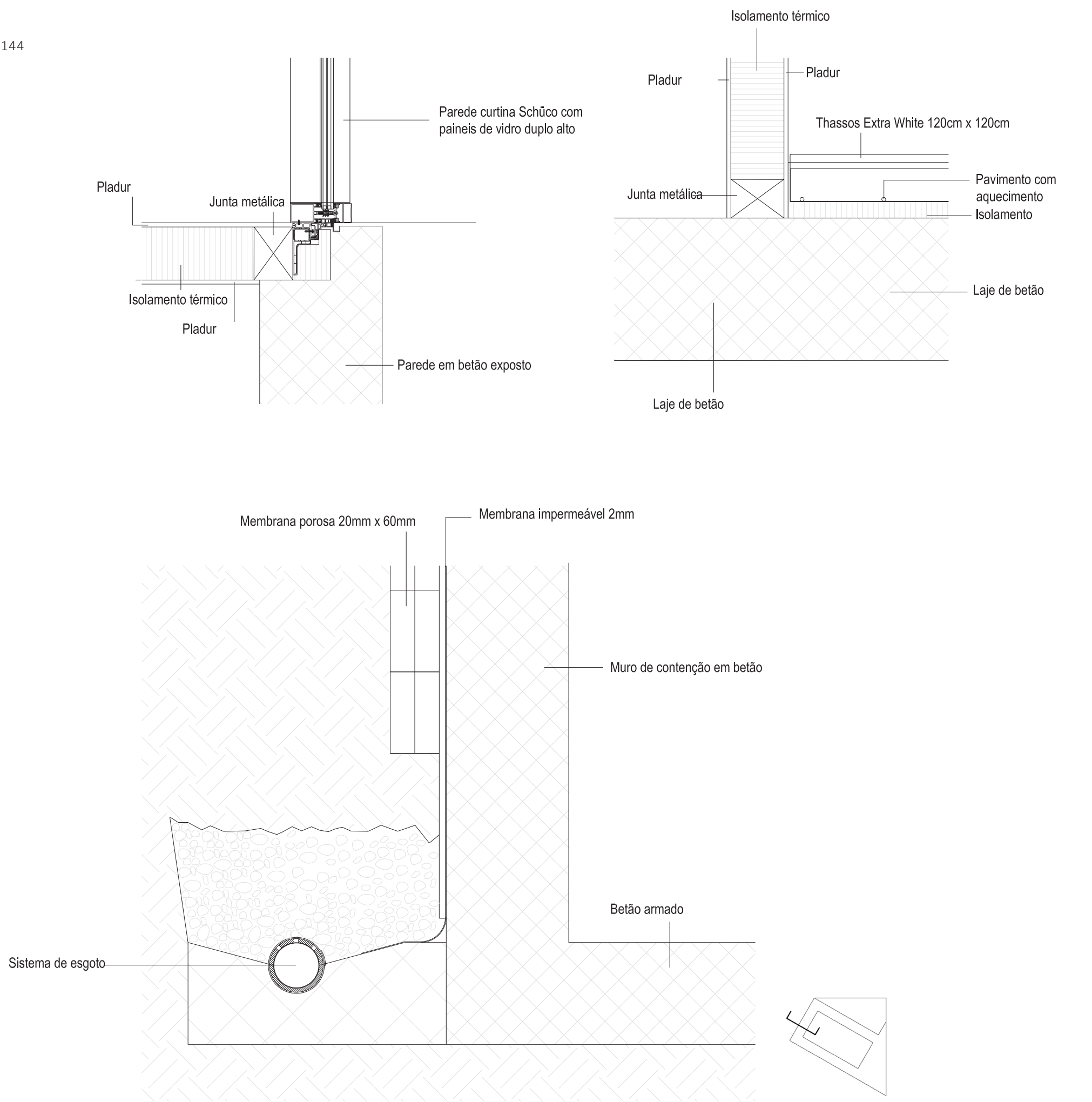


Figura 91 - Detalhes (Escala: 1:10)

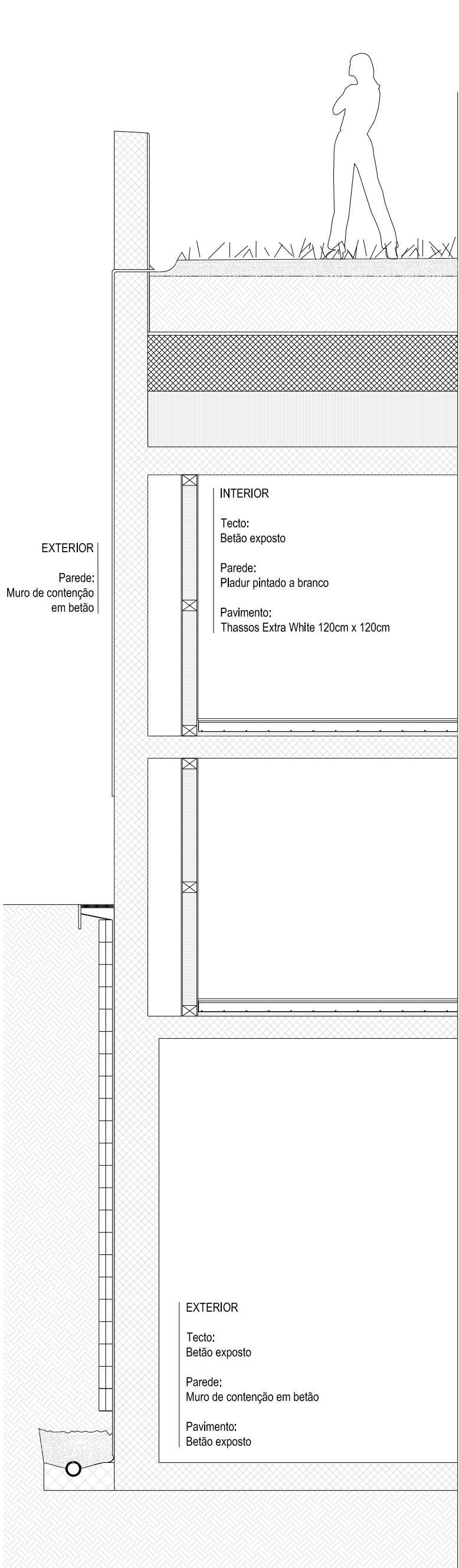
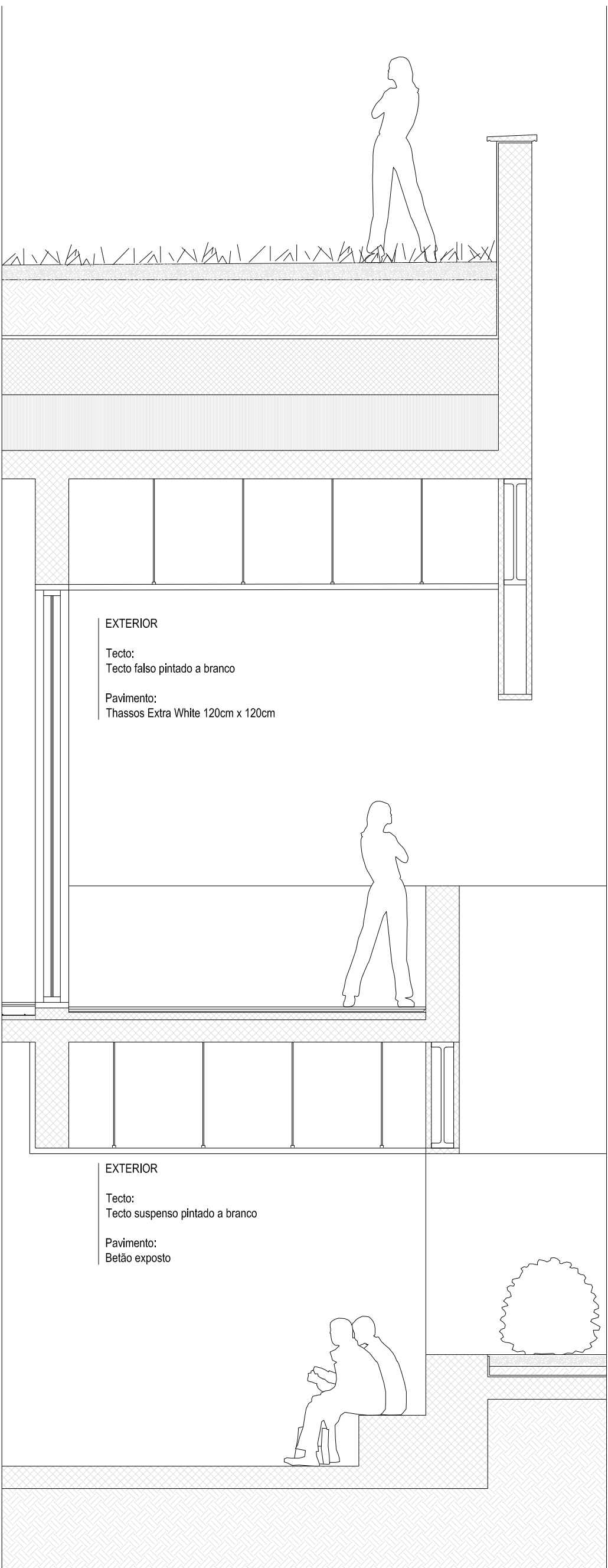


Figura 92 - Corte de materialidade (Escala: 1:40)



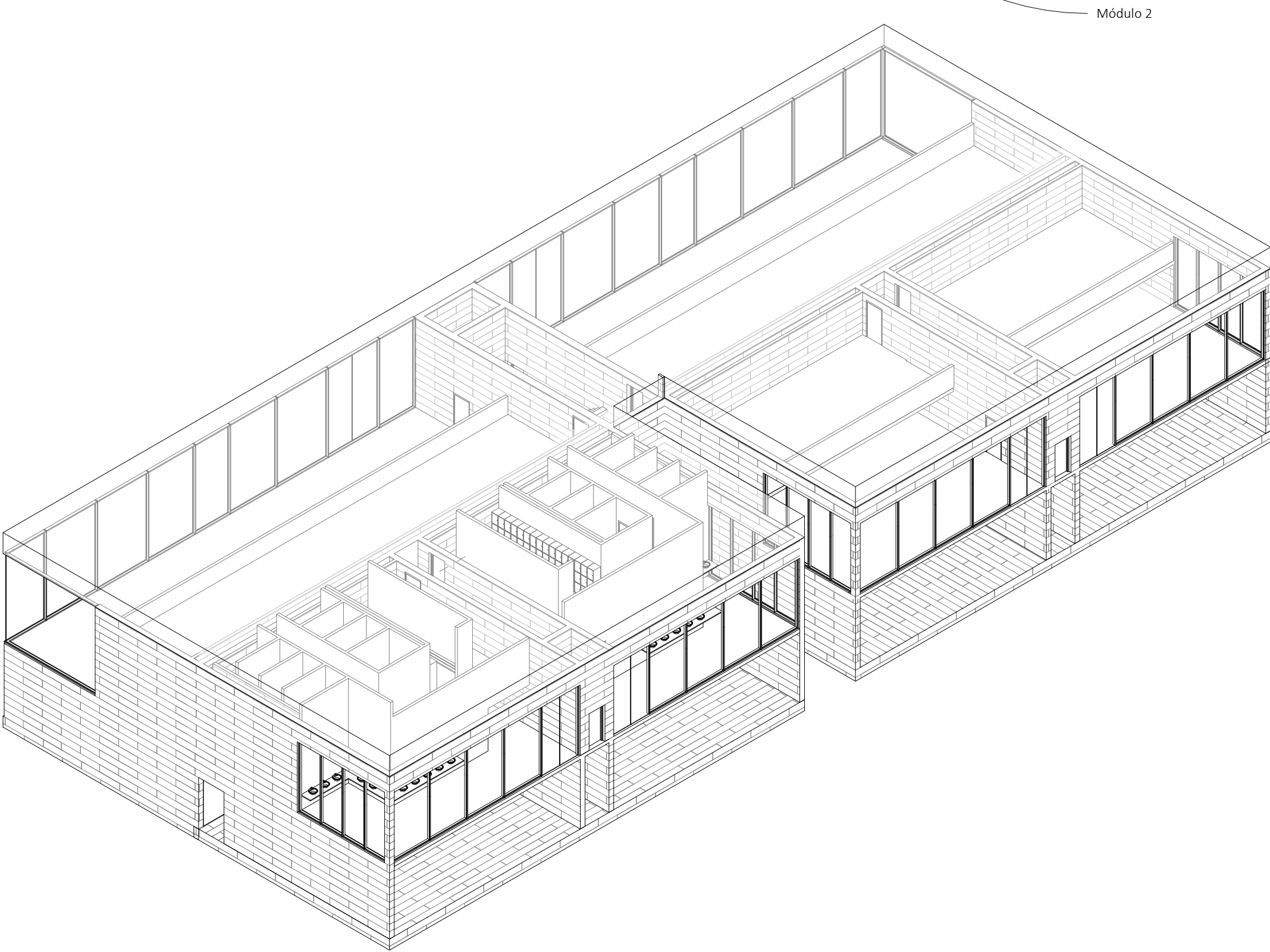
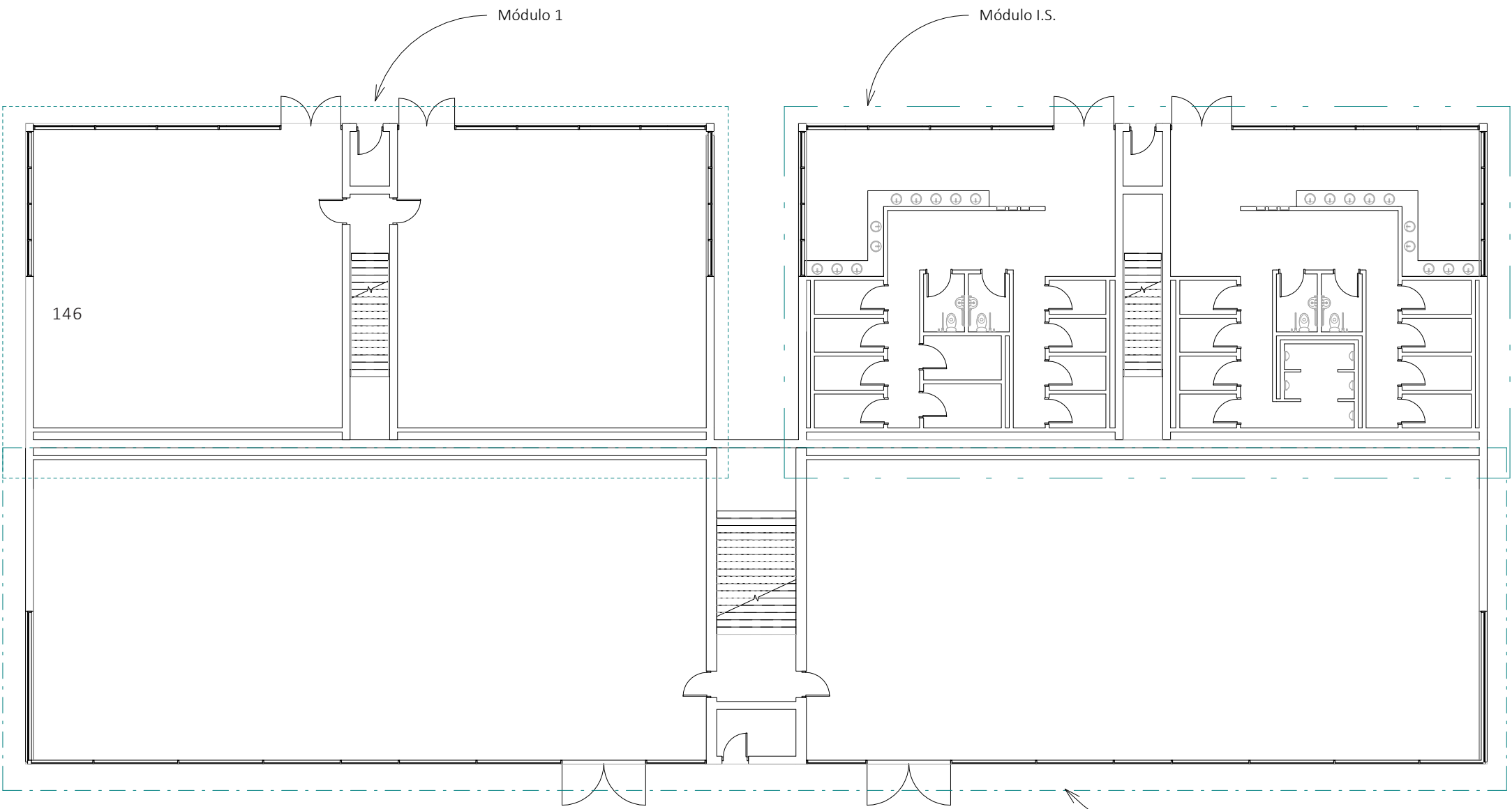


Figura 93 - Proposta A de associação de módulos - Planta e 3D (Escala: 1:200)

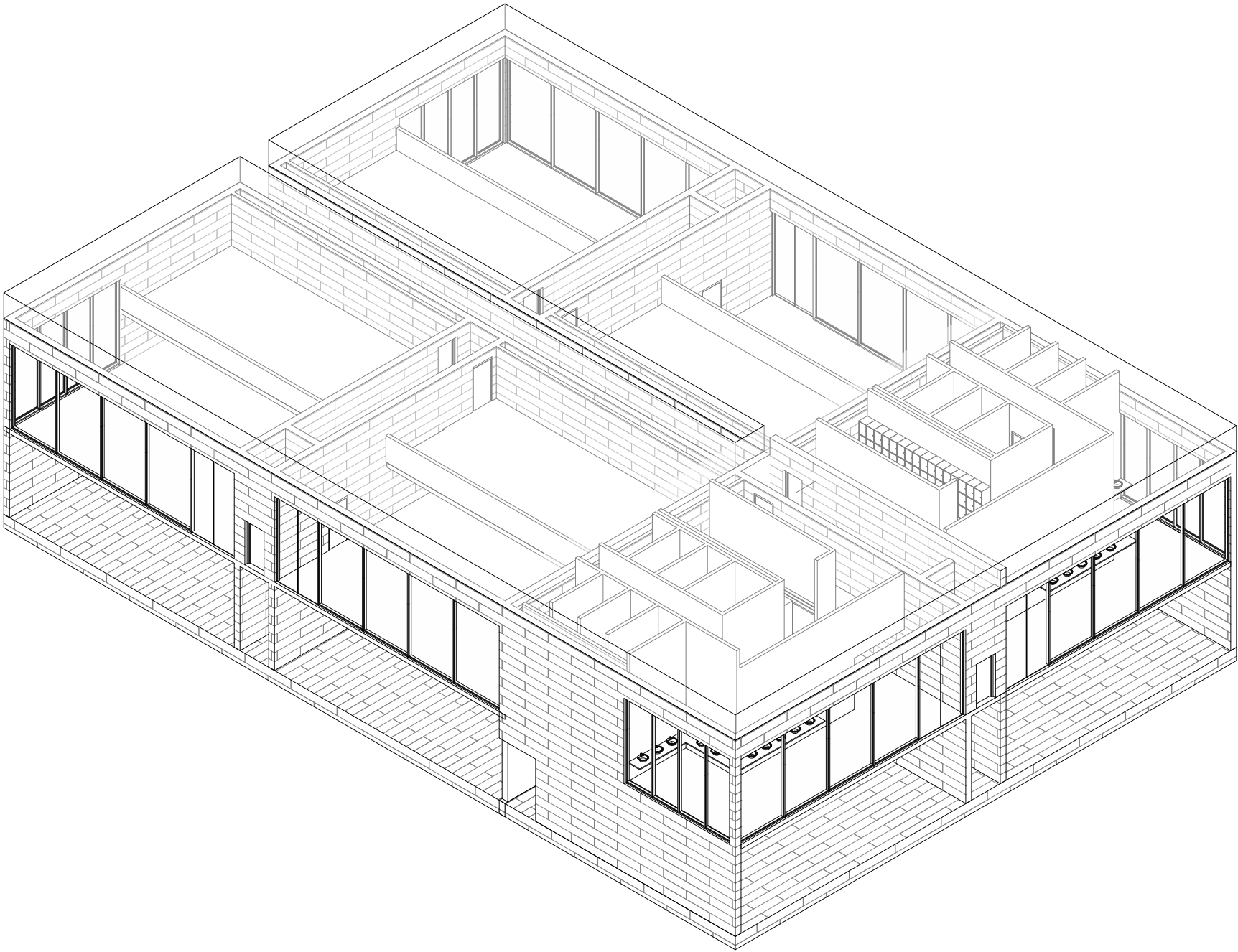
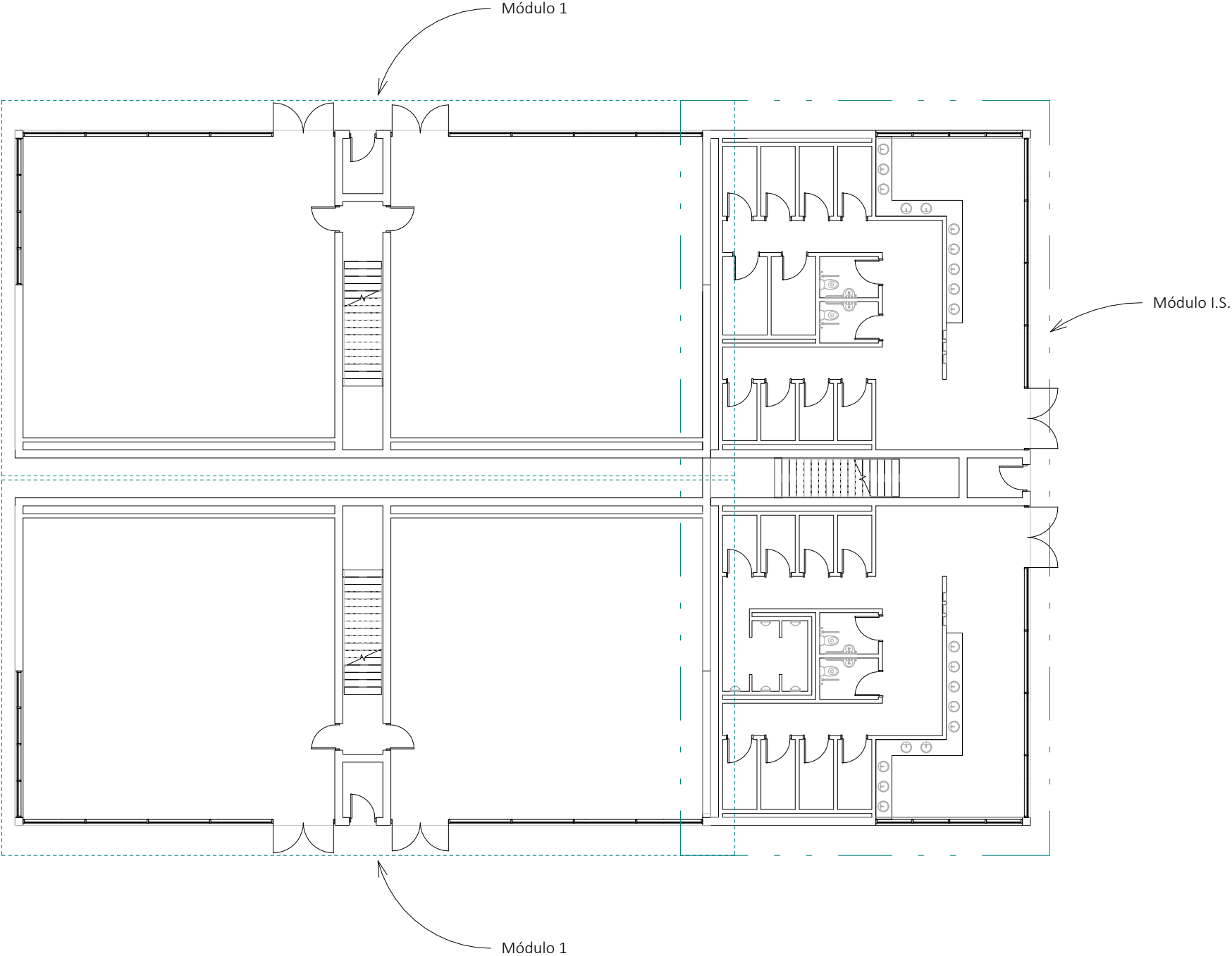


Figura 94 - Proposta B de associação de módulos - Planta e 3D (Escala: 1:200)



Figura 95 - Render - Vista sobre o jardim central



Figura 96 - Render - Vista da circulação principal entre módulos de salas de trabalho



Figura 97 - Render - Vista da entrada principal



Figura 98 - Render- Área de exposição coberta



Figura 99 - “Hortus Conclusus depicted by Meister des Frankfurter Paradiesgärtleins, 1410/1420” [autor: Upper Rhenish Master; fonte: The York Project (2002), distribuído por DirectMedia. ISBN:3936122202]

A memória é algo difícil de compreender quando não existe um passado ou algo pré-disposto a que a sociedade se possa agarrar e refletir. Até haver um passado de referência, a memória é algo inexplicável. No entanto, assim que exista esse passado e uma reflexão, a memória torna-se algo de enorme poder como condutor de uma sociedade. Segundo Halbwachs, “a memória colectiva é o locus de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço”¹². Assim, podemos dizer que a memória tem origem na identidade coletiva da sociedade. Apesar de ser somente o indivíduo que tem a capacidade de recordar, este só é capaz de o fazer enquanto membro de uma sociedade colectiva. A partir do momento em que a memória se torna um fio condutor no desenvolvimento de uma sociedade, estabelece-se uma relação direta com a cultura do local, o que acaba por ter consequências a nível urbano. Determinados espaços acabam por formar um suporte físico para construção e continuação de memórias, podendo, o próprio espaço acabar por se tornar uma memória por si só.

“É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade, que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias”¹².

- Halbwachs

Para muitas pessoas, as associações são realmente um pilar fundamental de apoio social, cultural, desportivo e recreativo, sendo um dos locais onde se criam inter-relações contribuindo para o desenvolvimento do cidadão como indivíduo e da sociedade como um todo. Uma sociedade que passe dificuldades económicas, culturais e sociais, tem tendência a ser uma sociedade que procura ajuda e acompanhamento dentro da própria comunidade e tendo estas associações um carácter social e solidário, entre outros, é possível concluir que a sua existência se torna fundamental para o desenvolvimento desta mesma sociedade.

12 Fonte: Peralta, Elsa. “Abordagens teóricas ao estudo da memória social: Uma Resenha Crítica.” Arquivos das memórias Antropologia, Escala e Memória, ser. 2, 2007. 2. p. 6

Apesar das transformações urbanísticas e arquitetónicas que o seu território sofre ao longo dos séculos – que criaram grandes inconsistências e espaços de pouca qualidade na sua malha urbana –, Marvila é uma freguesia com um enorme potencial para a criação de excelentes espaços de utilização pública e privada, assim como edifícios ou espaços de jardim, que permitirão melhorar o território, que à pequena quer à grande escala.

A proposta apresentada nesta dissertação estuda a possibilidade de criação de espaços de várias escalas e dimensões para atividades diversas, mantendo o seu foco na população e comunidade residente de Marvila.

- Almeida, Joana Estorninho de. (2016). *Funcionalismo Público: Associativismo, Mutualismo, Sindicalismo e Desagregação (1851-1933). Espaços, Redes e Sociabilidades Cultura e Política No Movimento Associativo Contemporâneo*. Lisboa. Instituto de História Contemporânea, pp. 154–161.
- Base De Dados Portugal Contemporâneo. POR DATA - Base De Dados Portugal Contemporâneo. www.pordata.pt. (Consult. em Fevereiro 2021).
- Câmara Municipal de Lisboa. <http://www.cm-lisboa.pt> (Consult. em Dezembro 2020).
- Câmara Municipal de Lisboa. informacoeseservicos.lisboa.pt. Contrato - Programa De Desenvolvimento Desportivo, 2019. Nº 157/CMUDAFD/2019
- Clube Oriental De Lisboa. www.oriental.pt/. (Consult. em Dezembro 2020)
- Connerton, Paul. (1989). *A Memória Social. Como as Sociedades Recordam*. 2ª edição ed., Cambridge University Press. Oeiras. Celta Editora. pp. 7–46.
- Constituição Política da Monarquia Portuguesa, Ministério do Reino, Biblioteca da Instrução Pública. Lisboa: Imprensa Nacional, 1838, p. 5.
- Constituição Política da República Portuguesa de 1911, de 21 de Agosto de 1911. Coimbra: Livraria Editora F. França Amado, 1911, p. 4.
- Custódio, J. e D. Folgado. (1999). *Caminho no Oriente. Guia do Património Industrial*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Freire, Dulce, e Ferreira, Nuno Estevão. (2019). *Construção Do Sistema Corporativo Em Portugal (1933-1974)*. Organizar o País de Alto a Baixo. pp. 31–51.
- Gehl, Jan, et al. (2018). *La humanización del espacio urbano*. Barcelona. Editorial Reverté.
- Gomes, Bruno, e JF Marvila. *Junta De Freguesia De Marvila*. jf-marvila.pt/. (Consult. em Novembro 2020).
- Gonçalves, J. (2006). *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*. Lisboa: Universidade Lusíada
- Guerra, Paula. (1992). *Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade?*. Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. ser. 1. p. 145-175..
- História. Junta De Freguesia De Marvila, jf-marvila.pt/historia/. (Consult. em Novembro 2020).
- Instituto Nacional de Estatística. (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Lisboa*. Vol. 350. Lisboa. Instituto Nacional De Estatística.
- Instituto Nacional De Estatística, www.ine.pt. (Consult. em Janeiro 2021)
- Jorge, Angélica. (2017) *A Importância Do Associativismo*. Event Point International, www.eventpointinternational.com/pt.

Junta de Freguesia de Benfica. (2014). *Benfica A Rua é De Todos!* Revista da junta de freguesia de Benfica. p. 18.

Katinsky, Julio Roberto. *SESC Fábrica Da Pompéia*. Arquigrafia, www.arquigrafia.org.br/photos/812. (Consult. em Fevereiro 2021).

Leitão, Simão Cardoso et al. (2009). *Colectividades De Cultura, Recreio e Desporto - Uma Caracterização Do Associativismo Confederado Em Portugal*. Vol. 500. Tipografia Lobão, Lda. Lisboa.

Lisboa Interactiva CML. lxi.cm-lisboa.pt/lxi/. (Consult. Dezembro 2020)

Lisboa Rockproject. lisboa.rockproject.eu/ (Consult. em Janeiro 2020)

Machado, Tânia. (2009). ONGD: *O Papel Da Comunicação No Seu Conhecimento e Reconhecimento*. Escola Superior de Comunicação Social - Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa

Martins, Conceição Andrade, “Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)”, *Análise Social*, nº142, 1997, p. 489

Martins, Tiago Manuel Da Glória Fino. (2018). *Percursos (Im) Prováveis Em Infra-Estruturas De Transporte. A Antiga Fábrica Da Samaritana: Partida e Chegada Do Novo Parque Urbano De Chelas*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Lisboa

Mendes, Felismina Rosa. (2010). *Reflexões Sobre o Movimento Associativo Imigrante Em Portugal*. Revista Migrações. pp. 233–236.

Morgado, Jorge. (2011) *A Importância Das Associações Na Sociedade De Consumo*. pp. 42–43, www.gecorpa.pt/.

Nunes, João Pedro Silva; Sequeira, Ágata Dourado. (2011). *O Fado De Marvila. Notas Sobre a Origem Citadina e o Destino Metropolitano De Uma Antiga Zona Industrial De Lisboa*. Forum Sociológico no. 21, pp. 33–41.

Paredes, Pedro Fernandes. (2011). *Marvila. Transversalidades Ribeirinhas Integração Infra- Estrutural e Renovação Do Tecido Urbano*. Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Peralta, Elsa. (2007). *Abordagens Teóricas Ao Estudo Da Memória Social: Uma Resenha Crítica*. Arquivos Da Memória Antropologia, Escala e Memória. ser. 2. pp. 5-11.

Pereira, Luís. (2020). *A Crise Do Associativismo, que é a crise da Democracia*. Património. www.patrimonio.pt.

Pompolo, Camila De Aguiar. (2007). *Um Percurso Pelos SESC’S: Uma Leitura das Transformações Tempo-Espaciais*. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Brasil.

- Ramos, Cesar Augusto. (2014). *Aristóteles e o Sentido Político Da Comunidade Ante o Liberalismo*. Kriterion: Revista de Filosofia, nº 55, p. 62. Brasil.
- Santos, Boaventura De Sousa. (1988). *Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito*. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 25, p. 140
- Santos, Silane Reimão Soares dos. (2019). *Expressões Arquitectónicas Do Lazer. O Papel Do SESC No Desenho Da Cidade De São Paulo*. Coimbra. Universidade de Coimbra.
- Saraiva, Ana Paula Rocha da Costa. (2011). *Associativismo Mutualista Em Lisboa Na Segunda Metade Do Século XIX*. Lisboa: ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.
- Sesc / Serviço Social Do Comércio, www.sesc.com.br/. (Consult. em Novembro 2020)
- Silvano, Filomena. (2017). *O Património Disciplinar. Antropologia do espaço*. Documenta. pp. 11–20.
- Vega, Jose Daniel. (2019). *Bo Bobardi, Lina: 1977: SECS – Fábrica Da Pompéia*. Catálogo De Arquitectura Venezuela | Latinoamérica. [catalogosdearquitectura.wordpress.com/2018/05/20/bo-bobardi-lina-1977-secs-fabrica-da-pompeia/]. (Consult. em Outubro 2020)
- Viegas, José Manuel Pinto Leite. (2011). *A Participação Associativa Em Portugal: Que Contribuição Para Uma Sociedade Civil Forte?* Boletim Núcleo Cultural Da Horta. Lisboa. pp. 47-56
- Viegas, José Manuel Pinto Leite. (2014). *Associativismo, Sociedade Civil e Democracia*. Confederação Portuguesa Das Colectividades De Cultura Recreio e Desporto. Lisboa. pp. 36–51.

Anexo I- Lista de associações de Lisboa

Associações de Lisboa						
	Freguesia	Código Postal	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
1	Santa Maria Maior	1100-233	Desportivo	Dança	ACADEMIA RECREIO ARTISTICO	15-08-1855
2	Estrela	1350-250	Cultural	Grupo Dramático e Escolar	GRUPO DRAMÁTICO E ESCOLAR OS COMBATENTES	30/09/1906
3	Alcântara	1300-023	Recreativa		SOCIEDADE FILARMONICA ALUNOS ESPERANÇA	21-04-1850
4	Penha de França	1900-088	Mista	Cultura, Desportiva, Recreativa e Solidariedade Social	GINASIO DO ALTO DO PINA	11/09/1911
5	Alcântara	1300-001	Cultural	Teatro	ACADEMIA DE SANTO AMARO	10/03/1946
6	Campolide	1070-294	Desportivo		CAMPOLIDE ATLETICO CLUBE	01/06/1930
7	São Vicente	1100-572	Mista	Religiosa, Convívio Social	ACADEMIA RECREATIVA LEAIS AMIGOS	27/04/1915
8	Arroios	1150-206	Cultural		XUVENTUDE DA GALICIA	10/11/1908
9	Areeiro	1000-182	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	GRUPO DRAMATICO RAMIRO JOSE	23/10/1923
10	Olivais	1800-011	Mista	Cultural e Recreativo	SOCIEDADE FILARMONICA UNIAO E CAPRICHOLIVALENSE	01-06-1886
11	Santa Maria Maior	1100-319	Mista	Cultural e Recreativo. Musical - Folclore e Filarmónica	CASA DE LAFÕES	05/10/1911
12	Belém	1300-346	Mista	Desportivo e Recreativo	SOCIEDADE MUSICAL ALUNOS DE ALVES RENTE	08-03-1891
13	Campo de Ourique	1250-250	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	SOCIEDADE FILARMONICA RECORDACAO DE APOLO	24-06-1895
14	Santo António	1150-150	Cultural		SOCIEDADE FILARMONICA JOAO RODRIGUES CORDEIRO	04-03-1896
15	Misericórdia	1200-299	Cultural	Teatro	SOCIEDADE DE INSTRUCAO GUILHERME COSSOUL	07-09-1885
16	São Vicente	1100-214	Cultural		LUSITANO CLUBE	01/12/1905
17	Penha de França	1900-387	Desportivo		CLUBE MUSICAL UNIAO	02-03-1884
18	Campolide	1350-023	Mista	Recreativa e Educativa	ACADEMIA FILARMONICA VERDI	26-05-1872
19	Santa Maria Maior	1100-219	Cultural	Música	SOCIEDADE BOA UNIAO	01-01-1870
20	Belém	1400-164	Cultural	Música	SOCIEDADE MUSICAL INSTRUCAO LIBERTADA	05/10/1910
21	Campo de Ourique	1250-250	Mista	Desportivo, Musical, Teatro	SOCIEDADE FILARMONICA ALUNOS DE APOLO	26-05-1872
22	Estrela	1200-636	Mista	Cultural e Recreativa	SOCIEDADE MUSICAL ORDEM E PROGRESSO 6 DE SETEMBRO	01-06-1898
23	São Vicente	1170-171	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	GRUPO DOS CINCO REIS	04/09/1907
24	Arroios	1150-004	Recreativa		CLUBE ESTEFANIA	09-07-1890
25	Lumiar	1750-139	Desportivo		ACADEMIA RECREATIVA JOAQUIM XAVIER PINHEIRO	00-00-1888
26	Marvila	1950-164	Cultural	Organizadora da Marcha de Marvila	SOCIEDADE MUSICAL 3 DE AGOSTO DE 1885	03-08-1885
27	Olivais	1800-057	Cultural	Artes do espectáculo	GRUPO MUSICAL O POBREZINHO	22/01/1908
28	Parque das Nações	1800-233	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO DOS OLIVAIS E MOSCAVIDE	01/09/1912
29	Santa Maria Maior	1100-083	Mista	Cultural e Desportivo	CASA DA COVILHA	00-04-1924
30	Ajuda	1300-000	Desportivo		SPORTING CLUBE DE RIO SECO	08/08/1918
31	Beato	1900-414	Desportivo		VITORIA CLUBE DE LISBOA	01/01/1925
32	Belém	1400-282	Mista	Cultural e Recreativa	ACADEMIA DRAMATICA FAMILIAR 1º DE NOVEMBRO DE 1898	01-11-1898
33	Belém	1300-015	Mista	Cultural e Recreativa	BELEM CLUBE	03-03-1899
34	Lumiar	1600-483	Desportivo		ACADEMIA MUSICAL 1º DE JUNHO DE 1893	01-06-1893
35	Marvila	1950-064	Desportivo		CLUBE ORIENTAL DE LISBOA	08/08/1946
36	-	-	-		GRUPO DOS NOVE 23 DE MARÇO 1910	23/03/1910
37	-	-	-		ANDORINHA FUTEBOL CLUBE	05/05/1920
38	São Vicente	1170-337	Desportivo		MARIA PIA SPORT CLUBE	01/12/1922
39	Alcântara	1300-130	Desportivo		GRUPO SPORT CHINQUILHO CRUZEIRENSE	20/02/1928
40	Belém	1400-290	Desportivo		CLUBE SPORTIVO DE PEDROUÇOS	19/01/1919
41	Santa Maria Maior	1200-277	Desportivo	Tauromaquia	REAL CLUBE TAUROMAQUICO PORTUGUES	29-02-1892
42	Avenidas Novas	1000-306	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO OPERARIO	12/05/1921
43	São Domingos de Benfca	1600-056	Desportivo		SPORT FUTEBOL PALMENSE	25/02/1910
44	Santa Maria Maior	1100-370	Desportivo		GRUPO SPORTIVO ADICENCE	26/01/1916
45	-	-	-		SOCIEDADE DRAMATICA DE CARNIDE	20/11/1913
46	São Vicente	1170-039	Desportivo		OPERARIO FUTEBOL CLUBE DE LISBOA	26/05/1921
47	Campolide	1070-301	Desportivo		SANTANA FUTEBOL CLUBE	01/05/1920
48	Alcântara	1300-130	Desportivo		GRUPO SPORT CHINQUILHO JUNQUEIRENSE E GIESTAL	30/08/1930
49	Campo de Ourique	1250-022	Desportivo		SPORT CLUBE DAS AMOREIRAS	01/07/1920
50	Campo de Ourique	1350	Desportivo		CASALENSE FUTEBOL CLUBE	01/05/1932
51	São Vicente	1170-012	Desportivo		GRUPO EXCURSIONISTA RECREIO FAMILIAR	01/09/1921
52	São Vicente	1170-195	Recreativa		GRUPO RECREATIVO ESTRELA DE OURO	01/02/1933
53	Carnide	1600-533	Desportivo		CARNIDE CLUBE	11/11/1920
54	Lumiar	1600-616	Desportivo		SPORTING CLUBE DE PORTUGAL	01/07/1906
55	Estrela	1350-246	Desportivo		SPORTING UNIAO FONTE SANTENSE	07/07/1932
56	Arroios	1100-285	Recreativa		SPORT CLUBE INTENDENTE	01/06/1933
57	Estrela	1200-056	Mista	Cultural e Desportivo	VENDEDORES DE JORNAIS FUTEBOL CLUBE	05/02/1921
58	Estrela	1350-263	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO PORTUGUES DE EXCURSÃO E RECREIO	01/07/1929
59	Santa Maria Maior		Mista	Cultural e Desportivo	GRUPO DESPORTIVO DO CASTELO	01/06/1934
60	São Vicente	1100-468	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE FERROVIARIO DE PORTUGAL	07/12/1934
61	Estrela	1200-622	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	SPORT LISBOA E LAPA	01/10/1934
62	Arroios	1170-222	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO DE ARROIOS	15/07/1934
63	Santa Maria Maior	1200-358	Desportivo	Tauromaquia	GRUPO TAUROMAQUICO SECTOR I	01/05/1932
64	Belém	1449-015	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL OS BELENENSES	23/09/1919
65	-	-	-		VALE FORMOSO FUTEBOL CLUBE	12/06/1935

[fonte: Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa <http://www.accl.com.pt/>]

Associações de Lisboa					
Freguesia	Código Postal	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
66 Alcântara	1300-604	Desportivo		ATLETICO CLUBE DE PORTUGAL	03/03/1910
67 Campolide	1070-017	Mista	Cultural e Recreativa	LIBERDADE ATLETICO CLUBE	01/03/1935
68 Arroios	1900-010	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO EXCURSIONISTA OS MISTERIOSOS DA ORIENTAL	03/08/1935
69 Benfica	1500-462	Desportivo		CASA PIA ATLETICO CLUBE (ATENEU CASAPIANO)	03/07/1920
70 São Vicente	1170-386	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	CLUBE DESPORTIVO DA GRAÇA	12/03/1935
71 São Domingos de Benfica	1500-313	Desportivo		SPORT LISBOA E BENFICA	04/03/1904
72 Benfica	1500-128	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO CALHARIZ DE BENFICA	01/07/1935
73 Alcântara	1300-044	Desportivo		BOA HORA FUTEBOL CLUBE	13/07/1918
74 Avenidas Novas	1600-018	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO EXCURSIONISTA OS ECONOMICOS	30/04/1938
75 São Vicente	1170-196	Desportivo		FUTEBOL CLUBE MONTE PEDRAL	06/07/1937
76 Misericórdia	1200-043	Mista	Cultural e Recreativa	LISBOA CLUBE RIO DE JANEIRO	01/08/1928
77 Santa Maria Maior	1100-599	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO DA MOURARIA	01/06/1936
78 São Vicente	1170-376	Desportivo		MIRANTENSE FUTEBOL CLUBE	01/05/1935
79 Arroios	1150-053	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE ATLETICO DE ARROIOS	20/01/1937
80 Penha de França	1900-453	Desportivo		ALTO DA EIRA ATLETICO CLUBE	09/01/1939
81 Penha de França	1170-300	Desportivo		SPORTING CLUBE DA PENHA	08/12/1939
82 Arroios	1150-146	Desportivo		ESTEFANIA ATLETICO CLUBE	01/10/1939
83 -	-	-		FUTEBOL CLUBE DE LISBOA	20/05/1939
84 Arroios	1150-304	Recreativa		GRUPO DESPORTIVO DA PENA	01/07/1939
85 Campo de Ourique	1350-273	Desportivo		SPORT LISBOA E AGUIAS	01/10/1940
86 Campo de Ourique	1300-254	Desportivo		LISBOA FUTEBOL CLUBE	06/06/1934
87 Campo de Ourique	1350-157	Desportivo		SPORT CLUBE MONTE PRADENSE	01/05/1926
88 Campo de Ourique	1250-111	Desportivo		GINASIO CLUBE PORTUGUES	18-03-1875
89 Alcântara	1300-255	Cultural	Ensino basico 1º ciclo	SOCIEDADE PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR	30/09/1904
90 Belém	1400-264	Desportivo		CASELAS FUTEBOL CLUBE	06/08/1940
91 Santa Maria Maior	1100-216	Mista	Cultura, Desportiva, Recreativa e Social	TEJOLENSE ATLETICO CLUBE	25/10/1940
92 Santa Maria Maior	1200-158	Desportivo		DESPORTIVO CLUBE DO CARMO	01/07/1941
93 Benfica	1500-471	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL BENFICA	23/03/1933
94 Santo António	1150-267	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DE PEDROGÃO GRANDE	01/12/1933
95 Campolide	1070-026	Desportivo		SPORT LISBOA E AMOREIRAS	05/01/1934
96 Penha de França	1900-300	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL VAREJENSE	01/04/1939
97 Campolide	1070-146	Desportivo		SPORTING CLUBE LIBERDADE	10/12/1940
98 Campo de Ourique	1250-058	Desportivo		CLUBE ATLETICO DE CAMPO DE OURIQUE	22/12/1922
99 -	-	-		ESPERANÇA ATLETICO CLUBE	16/08/1939
100 Santa Maria Maior	1100-220	Cultural		CASA DO CONCELHO DE PAMPILHOSA DA SERRA	01/06/1941
101 Misericórdia	1200-059	Desportivo		MARITIMO LISBOA CLUBE	01/01/1944
102 Campo de Ourique	1250-096	Cultural	Ensino basico 1º ciclo	GREMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE	10/06/1910
103 Beato	1900-356	Cultural		ATENEU DA MADRE DE DEUS	12/11/1945
104 Ajuda	1300-198	Mista	Cultural e Recreativa	ACADEMIA RECREATIVA DA AJUDA	03/05/1945
105 Ajuda	1300-189	Desportivo		CRUZEIRENSE ATLETICO CLUBE	13/09/1933
106 Campolide	1070-183	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO CONCELHO DE TONDELA	01/12/1947
107 Campo de Ourique	1250-219	Desportivo		CLUBE NACIONAL DE NATAÇÃO	25/08/1919
108 Arroios	1170-110	Mista	Cultural e Recreativa	CASA REGIONAL DE FERREIRA DO ZEZERE	26/04/1937
109 Penha de França	1170-304	Cultural	Biblioteca	BIBLIOTECA DOS OPERARIOS E EMPREGADOS DA SOCIEDADE GERAL DO COMERCIO INDUSTRIA E TRANSPORTES	01/01/1947
110 Santa Maria Maior	1100-087	Recreativa		GRUPO EXCURSIONISTA E RECREATIVO OS AMIGOS DO MINHO	26/10/1947
111 Alvalade	1700-006	Desportivo		CLUBE ATLETICO DE ALVALADE	29/08/1949
112 Santa Clara	1750-086	Recreativa		CLUBE RECREATIVO AMEIXOEIRENSE	01/08/1950
113 Santo António	1250-004	Cultural		HOT CLUBE DE PORTUGAL	01/01/1950
114 -	-	-		AGUIAS RECREATIVO CLUBE	18/06/1950
115 Olivais	1800-325	Mista	Cultural e Recreativa	ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA E CULTURAL DA ENCARNAÇÃO	10/03/1990
116 Belém	1400-128	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO DESPORTIVO A ACADEMICA DA AJUDA	01/12/1946
117 Avenidas Novas	1000-141	Mista	Cultural e Recreativa	AVILA ATLETICO CLUBE	22/01/1951
118 Ajuda	1300-170	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	CLUBE RECREATIVO E DESPORTIVO ARMADORENSE	26/09/1952
119 Estrela	1350-117	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA MOURA	25/03/1952
120 Santo António	1150-216	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO CONCELHO DE GOUVEIA	20/01/1951
121 Campo de Ourique	1350-051	Desportivo		SPORT LISBOA E CAMPO DE OURIQUE	17/12/1938
122 Misericórdia	1200-452	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL SANTA CATARINA	01/07/1951
123 Marvila	1950-186	Desportivo		ORIENTAL RECREATIVO CLUBE	05/10/1954
124 Misericórdia	1200-651	Social	Pessoas com deficiências, sem alojamento	ACAPO ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS E AMBLOPES DE PORTUGAL	20/10/1989
125 Arroios	1150-035	Desportivo		LISBOA GINÁSIO CLUBE	04/11/1918
126 Penha de França	1170-000	Mista	Cultural e Recreativa	LUSITANO DA PENHA DE FRANÇA	01/08/1953
127 Penha de França	1170-001	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO EXCURSIONISTA CIVIL DO MONTE	25-09-1898
128 -	-	-		GRUPO DESPORTIVO UNIVERSO	15/09/1945
129 Santo António	1250-204	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO RIBATEJO	11/08/1943
130 ENCERRADA	ENCERRADA	ENCERRADA	ENCERRADA	CASA DO ALGARVE	26/02/1930
131 Arroios	1750	Desportivo		GRUPO RECREATIVO DAS GALINHEIRAS	17/05/1948
132 Ajuda	1400-047	Desportivo		ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DA JUVENTUDE AJUDENSE	01/09/1952
133 Arroios	1150-269	Mista	Cultural e Recreativa	ATENEU COMERCIAL DE LISBOA	10-06-1880
134 Santo António	1250-204	Cultural	Ensino	ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DE S.MAMEDE	03-09-1896
135 Benfica	1500-663	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE DESPORTIVO LISBOA E AGUIAS	03/01/1945

[fonte: Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa <http://www.accl.com.pt/>]

Associações de Lisboa					
Freguesia	Código Postal	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
136 Belém	1400-035	Desportivo		SPORT BOM SUCESSO	08/02/1913
137 Arroios	1150-033	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE RECREATIVO DOS ANJOS	10/03/1964
138 Ajuda	1300-171	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO IMPERIO DO CRUZEIRO	29/08/1961
139 Belém	1400-258	Recreativa		CLUBE ATLETICO E RECREATIVO DO CARAMÃO	03/11/1963
140 Carnide	1600-755	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL OS UNIDOS	01/06/1940
141 Arroios	1150-115	Recreativa		GRUPO RECREATIVO DE SANTANA	20/02/1968
142 São Domingos de Benfica	1500-542	Desportivo		CLUBE RECREATIVO OS LEOES DAS FURNAS	31/08/1968
143 Santa Maria Maior	1150-268	Cultural		CASA DO ALENTEJO	10/06/1923
144 Olivais	1800-093	Mista	Cultural e Recreativa	CENTRO CULTURA E DESPORTO DE OLIVAIS SUL	02/05/1964
145 Misericórdia	1200-260	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO DA LIGA DOS AMIGOS DA FREGUESIA DE S.VICENTE DA BEIRA	12/05/1960
146 Lumiar	1750-174	Desportivo		RECREATIVO AGUIAS MUSGUEIRA	18/02/1971
147 Santa Clara	1750-100	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO RECREATIVO INTER DO DESVIO	04/08/1971
148 Santa Maria Maior	1100-319	Desportivo		CASA DA COMARCA DA SERTA	19/08/1972
149 Alvalade	1700-196	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO CONCELHO DE TOMAR	04/03/1943
150 Misericórdia	1200-054	Recreativa		GRUPO EXCURSIONISTA VAI TU	03/09/1948
151 Lumiar	1750-412	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO TUNELENSE	08/01/1963
152 Lumiar	1750-301	Desportivo		GRUPO RECREATIVO E DESPORTIVO DO BAIRRO DA CRUZ VERMELHA	07/02/1976
153 Parque das Nações	1800-056	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO RECREATIVO CENTIEIRENSE	09/10/1975
154 Alcântara	1300-142	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO EXCURSIONISTA OS 31 DE SANTO AMARO	29/06/1929
155 Beato	1900-209	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO RECREATIVO E CULTURAL ONZE UNIDOS	01/05/1976
156 Arroios	1150-014	Cultural		ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRAFICA APAF	14/12/1961
157 Areeiro	1000-010	Social	Campismo e Caravanismo	CLUBE DE CAMPISMO DE LISBOA	11/01/1941
158 Marvila	1950-360	Desportivo		O FUTEBOL CLUBE RECREATIVO DURIENSE	14/03/1965
159 São Vicente	1100-620	Social		SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICENCIA A VOZ DO OPERARIO	13-02-1883
160 São Vicente	1170-040	Desportivo		CENTRO DE CULTURA POPULAR DE SANTA ENGRACIA	22/03/1975
161 Olivais	1800	Desportivo		VITORIA RECREATIVO CLUBE DOS OLIVAIS	20/08/1971
162 Marvila	1950-360	Desportivo		FUTEBOL CLUBE RECREATIVO DO ROSSÃO	11/05/1978
163 Santa Clara	1750-283	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO DO REGUENGO	23/09/1963
164 São Vicente	1100-465	Mista	Cultural e Recreativa	CENTRO CULTURAL DR. MAGALHAES LIMA	05/10/1975
165 Misericórdia	1200-127	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO ZIP-ZIP	17/08/1974
166 Carnide	1600-716	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO RECREATIVO ESCORPIOES FUTEBOL CLUBE	02/08/1976
167 Santo António	1150-255	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO "LANCIAS"	20/08/1980
168 Areeiro	1000-125	Social	Pessoas idosas, sem alojamento	UNIAO DOS PENSIONISTAS DA PREVIDENCIA E SEGURANÇA SOCIAL	27/07/1974
169 Benfica	1500-669	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE SOCIAL E DESPORTIVO DO BAIRRO DA BOAVISTA	17/06/1974
170 Campo de Ourique	1250-060	Recreativa		CASA DO CONCELHO DE ALVAIAZERE	22/07/1982
171 Marvila	1900-663	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO DE CHELAS	18/03/1982
172 Ajuda	1300-070	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO 2 DE MAIO	16/05/1980
173 Alcântara	-	Desportivo		CLUBE DESPORTIVO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA	08/01/1986
174 Olivais	1800-356	Desportivo		CLUBE DE ATLETISMO DOS OLIVAIS	15/11/1977
175 Marvila	1950-157	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE DOS SARGENTOS DA FORÇA AEREA	11/07/1986
176 Alvalade	1700-195	Recreativa		CENTRO CULTURAL E RECREATIVO DE CORUCHEUS	01/06/1975
177 Santa Clara	1750-299	Desportivo		GRUPO RECREATIVO DOS PESCADORES DA TORRINHA	13/09/1980
178 Carnide	1600-813	Mista	Cultural e Recreativa	JUVENTUDE HORTA NOVA FUTEBOL CLUBE	14/03/1990
179 Olivais	1800-411	Desportivo		INGLESES FUTEBOL CLUBE	02/11/1972
180 Alvalade	1700-336	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	GRUPO DESPORTIVO CULTURAL E RECREATIVO SÃO JOAO DE BRITO	20/07/1988
181 Santa Clara	1750-224	Desportivo		CENTRO DE ATLETISMO DAS GALINHEIRAS	25/12/1979
182 Santa Maria Maior	1149-079	Social	Sem alojamento	COLECTIVIDADE CULTURAL E RECREATIVA DE SANTA CATARINA	07/01/1981
183 Olivais	1700-111	Desportivo		HOCKEY CLUBE DE PORTUGAL	01/01/1921
184 Arroios	1000-169	Mista	Cultural e Recreativa	CASA REGIONAL DE LAMEGO	05/01/1991
185 Santo António	1250-080	Desportivo		CLUBE DE FUTEBOL "UNIDOS DA GLORIA"	05/10/1976
186 Santo António	1250-141	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA	07/11/1952
187 Marvila	1950-234	Mista	Cultural e Recreativa	ACULMA-ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E SOCIAL DE MARVILA	18/03/1983
188 Belém	1400-036	Desportivo		CLUBE INTERNACIONAL DE FOOT-BALL	08/12/1902
189 Areeiro	1000-058	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DAS BEIRAS	01/05/1915
190 Benfica	1500-233	Desportivo		GRUPO CULTURAL RECREATIVO E DESPORTIVO "OS KAPAS"	01/05/1969
191 Areeiro	1000-058	Recreativa		CASA DO CONCELHO DO SABUGAL	13/02/1975
192 Beato	1950-100	Cultural		ASSOCIAÇÃO SOCIO RECREATIVA DE MELHORAMENTOS DE FAIFA	01/11/1978
193 Ajuda	1300-174	Desportivo		CAMARA LISBOA CLUBE	11/07/1985
194 Beato	1900-160	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DO CONCELHO DE CASTRO DAIRE	14/12/1991
195 Alcântara	1300-372	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO "OS LUSIADAS"	30/06/1985
196 Santo António	1250-185	Social	Pessoas sem alojamento	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DEFICIENTES	13/04/1972
197 Lumiar	1600-464	Social	Pessoas sem alojamento	TORCIDA VERDE-ASSOCIAÇÃO LEONINA PARA O DESPORTO E OCUPAÇÃO DE JOVENS	04/03/1994
198	-	-	-	ASSOCIAÇÃO DE JOGOS DE SIMULAÇÃO DE PORTUGAL	26/06/1997
199	-	-	-	MOTO CLUBE DE LISBOA	08/01/1987
200 Ajuda	1300-432	Mista	Cultural e Recreativa	CENTRO POPULAR DE TRABALHADORES DO ALTO DA AJUDA	18/04/1951
201 Olivais	1800-119	Desportivo		FUTEBOL CLUBE ESTRELAS LISBOA	21/03/1997

[fonte: Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa <http://www.accl.com.pt/>]

Associações de Lisboa					
Freguesia	Código Postal	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
202 Santo António	1250-184	Mista	Cultural e Recreativa	CASA DE MACAU	26/11/1996
203 São Domingos de Benfica	1600-149	Desportivo		CENTRO POPULAR DOS TRABALHADORES DO BAIRRO DE S. JOÃO ATLÉTICO CLUBE	22/08/1984
204 Santa Maria Maior	1150-268	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO DOS AMIGOS DE OLIVENÇA	15/08/1938
205 Estrela	1200-714	Mista	Cultural e Recreativa	CIRCULO NACIONAL D'ARTE E POESIA	07/07/1989
206 Ajuda	1300-146	Mista	Cultural e Recreativa	ASSOCIAÇÃO FRATERNA DOS AMIGOS DE N.ª SR.ª DA GRANJA	08/02/1975
207 Arroios	1900-212	Desportivo		CLUBE FUTEBOL DE CHELAS	04/07/1979
208 Belém	1400-009	Mista	Cultural e Recreativa	CENTRO PORTUGUES DE ACTIVIDADES SUBAQUATICAS-CPAS	21/11/1953
209 Santa Maria Maior	1100-247	Recreativa		GRUPO GENTE NOVA	12/12/1986
210 Avenidas Novas	1069-166	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO DESPORTIVO CULTURAL E RECREATIVO DO H. C. CABRAL	25/01/1999
211 Marvila	1950-157	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE RECREATIVO E CULTURAL MARVILA JOVEM	25/04/1996
212 Arroios	1000-237	Cultural	Artes do espectáculo	GRUPO ETNOGRAFICO DANÇAS E CANTARES DO MINHO	16/05/1980
213 Santa Clara	1750-021	Cultural	Banda Filarmónica	BANDA MUSICAL E ARTISTICA DA CHARNECA	21/10/1983
214 Alcântara	1300-151	Mista	Cultural e Desportivo	ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA E CULTURAL LUSO TIMORENSE	20/12/2000
215 São Vicente	1100-221	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA	22/02/1975
216 São Vicente	1170-039	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO OS JOVENS	15/01/1972
217 Avenidas Novas	1600-022	Desportivo		FEDERAÇÃO NACIONAL DO JOGO DO PAU PORTUGUES	13/08/1999
218 Marvila	1950-119	Cultural	Artes do espectáculo	ASSOCIACAO CULTURAL O FADO -A.C.O.F.	21/12/1999
219 Olivais	1800-135	Desportivo		GRUPO DE PESCA E DESPORTO SANTA MARIA OLIVAIS	15/12/2001
220 Olivais	1700-008	Desportivo		CLUBE TAP AIR PORTUGAL	10/11/1955
221 Marvila	1950-137	Recreativa		CASA DO CONCELHO DE CINFÃES	31/05/1998
222 Marvila	1950-164	Social	Moradores	ASSOCIACAO MORADORES BAIRRO QUINTA DA CHALE A R. JOSE DO PATROCIO	21/12/1997
223 Santa Clara	1750-343	Desportivo		ASSOCIACAO RECREATIVA PESCADORES DA MUSGUEIRA NORTE	28/08/2000
224 Penha de França	1900-075	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	UNIAO CLUBE DA CURRALEIRA	22/05/1958
225 Belém	1400-314	Mista	Cultural e Recreativa	ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES DA CASA PIA DE LISBOA CENTRO DE CULTURA E DESPORTO	27/04/1999
226 Avenidas Novas	1600-058	Mista	Cultural e Recreativa	GEC-CLUBE DE ENTUSIASTAS DO CAMINHO DE FERRO	30/11/1989
227 Santo António	1250-163	Mista	Cultural e Recreativa	CENTRO CULTURAL E DESPORTIVO RÁDIO MARCONI (CCDRM)	23/06/2003
228 Arroios	1000-013	Mista	Cultural e Desportivo	GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI	12/07/2000
229 Alvalade	1649-008	Cultural		CAPSASUL-CASA DO PESSOAL DOS SERVIÇOS DE ACÇÃO SOCIAL DA UNIV. DE LISBOA	30/06/1999
230 Areeiro	1900-266	Saúde		SOCIEDADE PORTUGUESA DE NATUROLOGIA	13/10/1912
231 Misericórdia	1200-348	Mista	Cultural e Social	ASSOCIAÇÃO CULTURAL LOUCOS E SONHADORES	12/06/2004
232 Areeiro	1000-058	Social		ASSOCIAÇÃO DE REENCONTRO DOS EMIGRANTES	06/06/1987
233 Ajuda	1300-010	Cultural		ASSOCIAÇÃO CULTURAL A BENEMERENTE CASA DA FLORA	30/07/2004
234 Alvalade	1600-168	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO E CULTURA DOS BAIRROS FONSECAS E CALÇADA	01/08/1995
235 Santa Maria Maior	1200-181	Recreativa		CASA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO	23/09/1905
236 Areeiro	1900-917	Desportivo		NAFLisboa-NÚCLEO DE ARBITOS DE FUTEBOL DE LISBOA	09/08/1995
237 Penha de França	1170-178	Cultural		CATALUNA PRESENTA, ASSOCIAÇÃOOCULTURAL	23/11/2009
238 Lumiar	1750-101	Social	Moradores	ASSOCIAÇÃO DE RESIDENTES DO ALTO DO LUMIAR	22/08/2006
239 Misericórdia	1200-126	Cultural		CULTURBICA-ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL CULTURAL E EDUCATIVO	22/01/2010
240 Marvila	1950-119	Mista	Cultural e Educativa	CLUBE LISBOA AMIGOS DO FADO	29/01/1993
241 Avenidas Novas	1070-295	Mista	Cultural e Recreativa	B.LEZA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA	24/02/2012
242 Arroios	1150-037	Cultural	Artes do espectáculo	MOB-ASSOCIAÇÃO CULTURAL	25/07/2012
243 Misericórdia	1200-211	Cultural		ASSOCIAÇÃO FASTAMA LUSITANO	03/10/2012
244 -	-	-		CLUBE DE CULTURA E RECREIO DO ALTO DO MOINHO	12/09/2011
245 Alvalade	1700-257	Desportivo		ASSOCIAÇÃO DE YOGA VEDANTA GORAKSHA NATH	15/02/2013
246 Avenidas Novas	1050-019	Desportivo		GDCTU-GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOSTRAB. DA UNICRE	03/03/2004
247 Arroios	1150-141	Mista	Cultural e Educativa	ICSB-INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO SOM E BIOTERAPIAS	07/09/2010
248 Areeiro	1000-085	Cultural	Investigação Científica	ORGANIZAÇÃO TRABALHADORES CIENTIFICOS	05/07/1979
249 Arroios	1170-202	Mista	Cultural e Recreativa	IRONIA TROPICAL - ASSOCIAÇÃO CULTURAL	23/03/2013
250 Alvalade	1700-336	Mista	Cultural e Recreativa	ASSOCIAÇÃO CENTRO CULTURA DESPORTIVA ESTRELAS DE SÃO JOAO DE BRITO	09/02/1998
251 Areeiro	1900-019	Cultural		ASSOCIAÇÃO DE RADIOAMADORES DA REGIÃO DE LISBOA	02/02/2014
252 Penha de França	1900-130	Desportivo		EVELX - ASSOCIAÇÃO DE ESTILOS DE VIDA SAUDAVEL	29/09/2014
253 Santa Maria Maior	1100-460	Cultural		ASSOCIAÇÃO RENOVAR A MOURARIA	19/03/2008
254 -	-	Cultural		CATAVARANIMA-ASSOCIAÇÃO CULTURAL	10/03/2015
255 Santo António	1200-172	Cultural	Gastronomia	AS IDADES DOS SABORES- ASSOC. PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ARTES CULINÁRIAS	06/12/2001
256 Campolide	1070-069	Mista	Cultural e Recreativa	ABC-ASSOCIAÇÃO DO BAIRRO DE CAMPOLIDE	31/03/2015
257 São Vicente	1100-621	Cultural		CAIXA ECONOMICA OPERARIA	08-11-1876
258 Lumiar	1600-436	Mista	Cultural e Recreativa	ARAPL-ASSOCIAÇÃO RECREATIVA AMIGOS PAÇO LUMIAR	06/11/2015
259 Olivais	1800-135	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO DE AMIGOS OS FOREVER DOS OLIVAIS	10/10/2002

[fonte: Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa <http://www.accl.com.pt/>]

Associações de Lisboa					
Freguesia	Código Postal	Tipologia	Notas	Nome	Fundação
260 Marvila	1950-046	Social	Moradores	ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO DO CONDADO MARVILA	16/04/1997
261 Benfica	1500-242	Desportivo		GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO DO BAIRRO D. LEONOR	14/09/1970
262 Beato	1900-436	Mista	Cultural e Recreativa	ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA OS DE BABA	10/08/2015
263 Penha de França	1170-233	Mista	Cultural e Social	ASCRM-OS FIDALGOS DA PENHA	12/07/2012
264 Arroios	1150-030	Mista	Cultural e Recreativa	NCR-NUCLEO CRIATIVO DO REGUEIRÃO	15/03/2017
265 Parque das Nações	1990-184	Desportivo		ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA - BOYS JUST WANNA HAVE FUN, SPORTS CLUB	01/02/2010
266 Misericórdia	1200-385	Mista	Cultural e Recreativa	GRUPO DESPORTIVO E CULT. DOS TRAB. DA IMPRENSA NACIONAL	13/03/1987
267 Olivais	1800-042	Social		ASSOCIAÇÃO DOS SERVIÇOS SOCIAIS DO REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS	22-04-1998
268 São Domingos de Benfica	1600-176	Mista	Cultural e Recreativa	CLUBE MILLENIUM BCP	30/07/2001
269 Alvalade	1700-218	Recreativa		AERO CLUBE DE PORTUGAL	11/12/1909
270 Areeiro	1000-152	Mista	Desportivo, Cultural e Recreativo	ASSOCIAÇÃO DRAGÕES DA TAP	15/02/2008
271 Lumiar	1700-284	Cultural	Artes do espectáculo	ASSOCIAÇÃO WAKING LIFE	24/03/2017
272 Campolide	1070-036	Saúde		ASSOCIAÇÃO VIVER CAMPOLIDE	30/04/2010
273 Avenidas Novas	1050-113	Mista	Cultural e Recreativa	DRAGÕES FANTASTICOS FUTSAL CLUBE	24/09/2018

Anexo II- Estudo dos resultados dos Censos 2001 e 2011

*os dados relativos a Marvila foram retirados dos Censos 2001 e 2011

População residente, estimativas a 31 de Dezembro: total e por grupo etário
Indivíduo

Territórios		Grupos etários														
		Total			0-14			15-24			25-64			65 ou mais		
Âmbito Geográfico	Anos	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019
Município	Lisboa	563,149	500,195	509,515	67,834	71,442	84,807	68,814	45,126	43,023	292,519	240,505	237,635	133,982	143,122	144,050
Freguesia	Marvila	38,767	38,102	-	5,981	5,257	-	6,513	4,448	-	20,961	21,272	-	5,312	7,125	-

Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente

Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico, secundário ou superior: total e por nível de ensino

Territórios		Indivíduo																						
		Nível de ensino																						
Âmbito Geográfico	Anos	Total			Educação Pré-Escolar			Ensino Básico - 1º Ciclo			Ensino Básico - 2º Ciclo			Ensino Básico - 3º Ciclo			Ensino Secundário			Ensino Superior			Taxa de analfabetismo	
		2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2001	2011	2019	2011	
Município	Lisboa	114,088	121,384	118,076	16,142	18,337	17,852	30,075	27,674	26,583	14,194	15,587	14,700	21,742	25,570	22,628	31,935	33,538	34,786	127,368	123,444	120,696	3.27	
Freguesia	Marvila	-	50,393	-	-	1,298	-	-	18,998	-	-	6,186	-	-	9,582	-	-	8,560	-	-	5,769	-	-	6.89

Fontes de Dados: DGEEC/ME-MCTES - Recenseamento Escolar e INE

População desempregada

Territórios		População desempregada					
		Procura de novo emprego			Taxa de desemprego (%)		
Âmbito Geográfico	Anos	2001	2011	2019	2001	2011	2019
Município	Lisboa	61,300	183,700	91,800	-	11,84	-
Freguesia	Marvila	-	2,987	-	-	16,77	-

Fontes de Dados: INE - Inquérito ao Emprego